

NOÇÕES DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO:  
ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA

PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Luis Inácio Lula da Silva  
MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Fernando Haddad  
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: Carlos Eduardo Bielschowsky

**SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL**  
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
Celso Costa

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE**  
**UNICENTRO**

REITOR: Vitor Hugo Zanette  
VICE-REITOR: Aldo Nelson Bona  
PRÓ-REITORA DE ENSINO: Márcia Tembil  
COORDENADORA UAB/UNICENTRO: Maria Aparecida Crissi Knuppel  
COORDENADORA ADJUNTA UAB/UNICENTRO: Jamile Santinello  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DIRETORA: Maria Aparecida Crissi Knuppel  
VICE-DIRETORA: Christine Vargas Lima

EDITORA UNICENTRO  
DIREÇÃO: Beatriz Anselmo Olinto  
CONSELHO EDITORIAL: Marco Aurélio Romano, Beatriz Anselmo Olinto,  
Carlos Alberto Kuhl, Helio Sochodolak, Luciano Farinha Watzlawick, Luiz Antonio  
Penteado de Carvalho, Marcos Antonio Quinaia, Maria Regiane Trincaus, Osmar  
Ambrósio de Souza, Paulo Costa de Oliveira Filho, Poliana Fabíula Cardozo,  
Rosanna Rita Silva, Ruth Rieth Leonhardt

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA LICENCIATURA PLENA A DISTÂNCIA  
COORDENADOR DO CURSO: Karina Anhezini  
COMISSÃO DE ELABORAÇÃO: Edgar Ávila Gandra, Flamarion Laba da Costa,  
Jean Rodrigues Sales, Karina Anhezini,  
Raphael Nunes Nicoletti Sebrian, Ricardo Alexandre Ferreira



RUTH RIETH LEONHARDT

NOÇÕES DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO:  
ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA



COMISSÃO CIENTÍFICA:  
Jean Rodrigues Sales, Karina Anhezini,  
Maria Aparecida Crissi Knuppel,  
Raphael Nunes Nicoletti Sebrian, Ricardo Alexandre Ferreira

REVISÃO TEXTUAL  
Vanessa Moro Kukul

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO:  
Elisa Ferreira Roseira Leonardi  
Espencer Ávila Gandra  
Éverly Pegoraro

EDITORA UNICENTRO  
GRÁFICA DIDÁTICA DO BRASIL  
400 exemplares

Catlogação na Publicação  
Fabiano de Queiroz Jucá – CRB 9 / 1249  
Biblioteca Central – UNICENTRO

Leonhardt, Ruth Rieth  
S235p Noções de história do pensamento filosófico: Antiguidade e  
Idade Média / Ruth Rieth Leonhardt. – – Guarapuava: Ed. da  
Unicentro, 2009.  
128 p. - (História em Construção)

Bibliografia

ISBN da coleção: 978-85-7891-025-9

ISBN do Livro:

1. Filosofia - História. 2. Filosofia grega - Antiguidade. 3. Pré-Socráticos. 4. Filosofia clássica . 5. Filosofia helenística. 6. Filosofia - Idade Média. I. Título.

CDD 109

Copyright: © 2009 Editora UNICENTRO

Nota: O conteúdo da obra é de exclusiva responsabilidade do autor.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo 1: OS PRIMÓRDIOS DO PENSAMENTO NA GRÉCIA ANTIGA</b>	<b>13</b>
<b>1. AS CRENÇAS</b>	<b>13</b>
<b>2. OS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS</b>	<b>22</b>
2.1. ESCOLA JÔNICA	24
2.2. A ESCOLA PITAGÓRICA	26
2.3. HERÁCLITO DE ÉFESO E PARMÊNIDES DE ELÉIA	28
2.4. ESCOLA ATOMÍSTICA	30
2.4.1. DEMÓCRITO	31
<b>Capítulo 2: A FILOSOFIA CLÁSSICA</b>	<b>35</b>
2.1. SÓCRATES (469-399 a.C.)	38
2.2. PLATÃO (427-347 a.C.)	43
2.3. ARISTÓTELES (384-322 a.C.)	57
2.3.1. ÉTICA E POLÍTICA	64
<b>Capítulo 3: A FILOSOFIA HELENÍSTICA</b>	<b>75</b>
3.1. A ESCOLA ESTÓICA	77
3.2. A ESCOLA EPICURISTA	43
3.3. PLOTINO	87
<b>Capítulo 4: A FILOSOFIA DA IDADE MÉDIA</b>	<b>93</b>
4.1. A FILOSOFIA PATRÍSTICA	77
4.2. AGOSTINHO, BISPO DE HIPONA (354-430)	99
4.3. A FILOSOFIA ESCOLÁSTICA	107
4.4. TOMÁS DE AQUINO (1224/25-1274)	111
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>127</b>



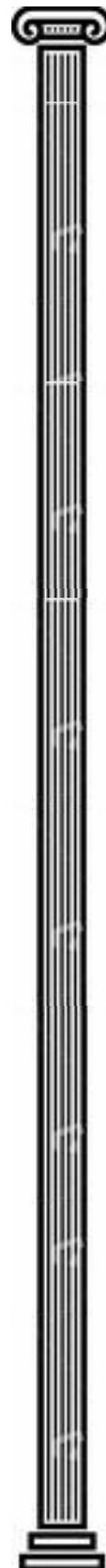
## PREFÁCIO

Em 1966, respondendo a pergunta do que é um filósofo? Michel Foucault, concordando com Nietzsche, afirmava ser o filósofo aquele que pode diagnosticar o estado do pensamento. Porém, Foucault acrescentava que esses seriam de dois tipos, o filósofo que abre novos caminhos para o pensamento e aquele que desempenha um papel de arqueólogo, ou seja, que estuda o espaço no qual se desdobram o pensamento e a reflexão, suas condições de possibilidade e modos de constituição. O livro que Ruth Rieth Leonhard nos apresenta cabe, com toda a certeza, nessa segunda definição.

A presente obra consegue estudar as principais idéias filosóficas de sociedades extremamente diversas e distantes, procedendo uma análise que se assemelha a prospecção de um arqueólogo, ou seja, apresenta camadas que se sobrepõem e se comunicam, criam o novo, mas também conservam. Sem uma visão de progresso, mas sim de apropriações, nas quais os intercâmbios filosóficos são compreendidos em suas especificidades.

A abordagem da filosofia na Antiguidade é realizada com um viés que traz para o tempo presente reflexões que muito contribuem para a ampliação da percepção do que se entende por ética, política, conhecimento e responsabilidade. Esses são questionamentos fundamentais para a vida contemporânea.

A filosofia medieval é apresentada de forma a não cair em reducionismos homogeneizantes, mas sim mostrando que a diversidade e a criatividade também estavam presentes no período. As apropriações cristãs dos clássicos são entendidas com a complexidade e o rigor que merecem.



A autora não cai, em nem um momento, na tentação de condescendência que muitas vezes encontramos em um livro de apoio didático. Sua análise, ao mesmo tempo clara e profunda, demonstra que a filosofia pode ser sim um conhecimento prazeroso.

Para além do utilitarismo e imediatismo que permeiam e fundamentam os rasos interesses da sociedade em que vivemos, a filosofia, assim como a história, não possui obrigação ou dívida com o pragmatismo, permitindo ao presente livro ser uma jornada, um caminho formador de sentido, um momento de reflexão sobre o conhecer, o ser humano, o ser social e o ter a possibilidade de ser melhor.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Beatriz Anselmo Olinto

Março/2009

# INTRODUÇÃO

A proposta desse texto é apresentar uma visão panorâmica das principais idéias de pensadores e filósofos que formam a história do pensamento filosófico, com o objetivo de oferecer subsídios, para em primeiro momento, despertar o interesse pela filosofia e, como conseqüência, abrir horizontes para um aprofundamento nessa ciência que pensa a si mesma.

Portanto, além desse conjunto de informações compiladas de diversos autores é fundamental a abertura à intenção de fazer filosofia.

Só ao homem é dado pensar. A reflexão é identificadora do homem e de sua condição racional. Porém, em sua complexidade, o homem se mostra como ser incompleto ainda e sempre se fazendo, movido por um sentimento de insuficiência que advém do fato de interrogar-se a si mesmo, problematizando a sua situação e relações com o mundo que o cerca.

É da natureza humana a tendência de buscar o conhecimento; desse modo se pode afirmar vários níveis de conhecimento. Assim, o saber que faz parte do cotidiano de cada pessoa, fruto da vivência, é aquele chamado de senso comum. É assistemático, fragmentário, impreciso, empírico. Advém da própria necessidade do homem em sobreviver, em resolver os problemas mais prementes e que exigem solução imediata tais como da alimentação, da morada, da sobrevivência num universo que lhe é adverso, considerando que o homem é o ser mais fraco na natureza. É um saber útil. Alimenta-se das experiências de outros, da tradição, dos costumes, das crenças. As pessoas sabem, mas não sabem explicar o porquê, são incapazes de dar uma fundamentação.

Em um nível mais elevado está a ciência. O saber que, fixando a atenção em um objeto, busca metodicamente





conhecê-lo, de forma objetiva e sistemática para atingir a evidência dos princípios. Este conhecimento, na verdade, começa com um melhoramento das informações do senso comum, quando o homem percebe que as respostas incipientes que possui não são mais suficientes para as soluções que precisa. E aplica adaptações aos saberes práticos que domina, progredindo, paulatinamente, para o domínio das técnicas. Nascem, assim, do espírito investigativo do homem, os procedimentos experimentais que o levam a estabelecer metodologias, a criar teorias científicas e a proceder com ordem, método, precisão o que proporciona, então, surgimento aos fundamentos teóricos de uma ciência que é condição necessária dos avanços técnicos e tecnológicos.

O conhecimento científico se constitui em um saber especializado, estruturado conceitualmente, intelectualmente dominado, voltado para descrever, explicar e agir sobre o real. É desse modo um conhecimento objetivo, articulado num conjunto de concepções sistêmicas.

O saber filosófico surge, tal como afirma Aristóteles no Livro I, da Metafísica, quando os homens se sentem admirados, espantados com as coisas e reconhecem que não sabem. A filosofia é a ciência universal que procura as razões últimas, a essência de todas as coisas. Nesse ponto, a filosofia se distingue das demais ciências, pois enquanto estas se focam num recorte do real que transformam em seu objeto, a filosofia se ocupa de todas as coisas. Colocado dessa forma, pode ser dita uma pretensão utópica. É preciso compreender que enquanto as ciências investigam um objeto particular, a filosofia se detém, com rigor, no conhecimento da totalidade em seu fundamento último, justificando-o lógica e racionalmente, postando-se ante a realidade de forma reflexiva e crítica.

Kritiké é vocábulo grego e significa a faculdade de julgar, analisar.

É um saber radical porque projeta conhecer as raízes, os fundamentos capazes de esclarecer os questionamentos que o homem põe ao mundo e a si mesmo. Nesse sentido, pois, é possível dizer que a filosofia se fixa sobre todas as coisas, sobre a totalidade da experiência humana. Pensar o homem, pensar o universo, pensar as obras do homem é o intento sempre novo e sempre continuado do fazer filosofia. Meditando sobre o seu ser, o homem põe-se a si mesmo como objeto do conhecimento e tem a temeridade de aceitar o desafio da filosofia.

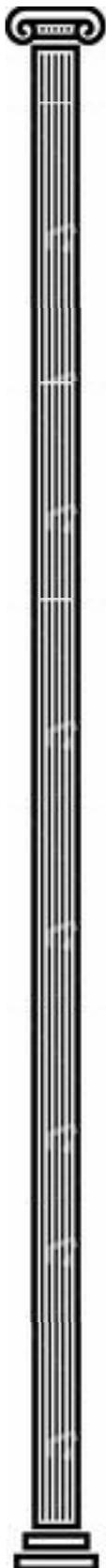
Pretende-se, sem fazer simples justaposição de textos compilados, sistematizando-se as principais concepções que formam a base do pensar, mostrar os ensinamentos implícitos nas várias construções reflexivas que, ao longo do tempo, se constituíram em correntes de pensamento porque são elaborações que pretenderam responder a problemas que angustiaram, desafiaram os autores.

Ao se pensar uma história das idéias não há como fugir, de imediato, do critério cronológico que atende à sucessão no tempo histórico. Concomitantemente, colocando-se em destaque passagens e textos opta-se pelo processo de leitura que fomenta e estimula a reflexão.

Por outro lado, é por demais pomposo afirmar-se que este texto constitui uma história de todas as idéias mesmo porque esta seria tarefa ingente e inexecutável. Fica evidente, que em curto espaço de tempo e de texto, é mínimo o conteúdo apresentado, porque não visa especialistas.

Considerando-se a destinação desse sumário para alunos de história, na modalidade de ensino a distância, há que se optar pela brevidade, sem se perder o conteúdo essencial. Assim é preciso destacar o caráter lacunar, abreviado e incompleto que o texto ao seu final apresentará, pois é tão somente elemento auxiliar, um roteiro informativo para incitar o fazer filosofia.





Para quem quer alcançar um conhecimento mais aprofundado, é indispensável o contato com obras de História da Filosofia, que nenhum manual pode substituir. Por tal razão é que, ao final, se oferece uma relação de obras que abrangem os temas aqui abordados para a complementação dos estudos.

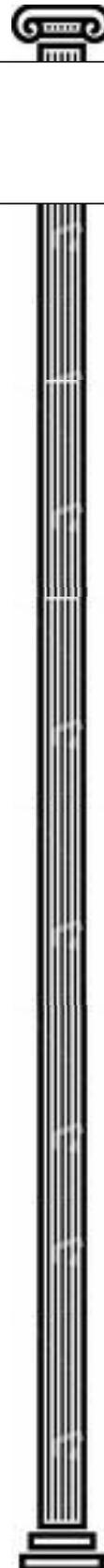
Este trabalho observará o período antigo e medieval tratados nas seguintes unidades temáticas:

1) Os primórdios do pensamento na Grécia Antiga. Estuda-se a formação pré-racional, centrada nas crenças, e da transição do mito à razão, fase representada pela filosofia pré-socrática;

2) a filosofia clássica. Apresenta-se os pensamentos de Sócrates, Platão e Aristóteles;

3) a filosofia helenística. Estuda-se a fase de transformação da filosofia clássica;

4) A filosofia medieval. Mostra-se a configuração adquirida pela filosofia nessa fase.



## Os primórdios do pensamento na Grécia Antiga

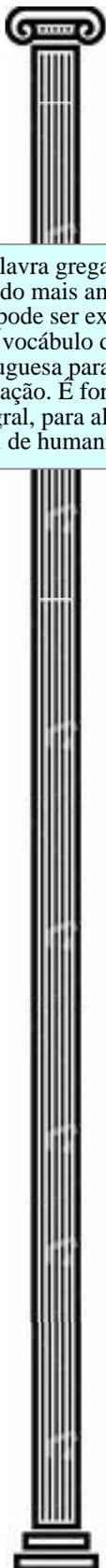
### 1. AS CRENÇAS

Werner Jaeger considera que a cultura ocidental é herança grega. Também se afirma que a filosofia antiga fala grego. São os gregos os iniciadores da filosofia porque, entre eles, estava desenvolvida mentalidade calcada numa clara concepção de homem e no poder da palavra, o que permitiu a valoração da reflexão. “...a Filosofia é grega, ela é filha da Cidade, da Cidade democrática.” (CHÂTELET, 1981: p. 21).

Entre os povos orientais, constata-se a existência de conhecimentos científicos inegáveis mas, apesar da sabedoria de seus ensinamentos, há fatores que aparecem como impeditivos para o desenvolvimento da filosofia. Entre esses elementos podem ser listados: a submissão aos governantes, muitas vezes identificados com a divindade, que agem de modo absoluto; o vínculo muito arraigado com as tradições; o culto dos antepassados; a aceitação quase incondicional da sabedoria dos mais idosos; a religiosidade que se impõe pelo temor aos deuses. Eles são impeditivos porque se mostram inflexíveis, rígidos, inamovíveis e incontestáveis e, neste sentido, acrílicos, descaracterizando o sentido propriamente filosófico de reflexão crítica.

Não se negam os méritos aos ensinamentos que advêm desses povos; porém, não se os reputa como filosofia.

Entre os gregos, há condições que facilitam a reflexão filosófica. Barnes afirma que a língua grega “... é talhada à perfeição para exprimir um discurso racional.”



A palavra grega tem um sentido mais amplo do que pode ser expresso pelo vocábulo da língua portuguesa para educação. É formação integral, para alcançar o ideal de humanidade.

(BARNES, 1997: p. 25). Há a estabilidade da situação econômica, a estrutura da *Pólis*, o valor atribuído à cidadania e ao exercício dela por meio do discurso, da palavra e a importância da *paidéia*.

A *Pólis* é o centro que consolida a concepção de homem dos gregos, detentores de um comportamento racional que questiona, investiga, procura compreender. Um homem que precisa do espaço público para realizar a condição humana. E ele o encontra disponível nessa estrutura política centrada na lei, no direito, na justiça e que agrega as práticas da cidadania, da isonomia do que dimana o orgulho do cidadão em ser membro da comunidade, de desfrutar do que Aristóteles denomina *bíos politikós*, ou vida compartilhada com os iguais.

Porém, antes de se identificar este pensamento racional há a religião, o mito, a poesia. Cassirer diz: "A religião primitiva é talvez a mais vigorosa e enérgica afirmação da vida que encontramos na cultura humana." (CASSIRER, 1977: p. 138).

A religião grega, em sua fase primitiva, não é una. Há uma religião pública e há os grupos que se fecham em círculos herméticos revestidos de uma aura de mistério. Entretanto essa religião não é fruto de Revelação, portanto inexistente uma teologia, e não se funda em dogmas e também não tem casta sacerdotal.

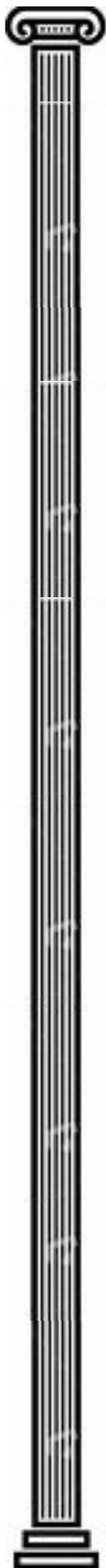
A religião pública compreende os deuses da *Pólis*, que não são transcendentais na medida em que, na organização cósmica, sua presença é estritamente natural e também não tem cunho escatológico. Ela representa e dá sentido à pertença do homem à *Pólis*, ao vínculo que o coloca sob a proteção dela por meio dos deuses e à unidade homem-*Pólis*. O culto oficial da *Pólis* é acessível a todos, manifestado na comunidade e a proteção e os favores dos deuses podem ser usufruídos por todos aqueles que os invocam.

O templo guarda os ídolos, os símbolos sagrados que podem ser vistos por quem o frequenta. Segundo Vernant, este tipo de manifestação religiosa se fixa com a estrutura da cidade e com o uso da escrita. Ocorre que, em alguns grupos religiosos, as palavras pronunciadas são dotadas de poder mágico, sobrenatural, capaz de amainar a natureza e alterar os desígnios dos deuses. A relação das leis, dos livros religiosos, das formas ritualísticas, das palavras sacras, despoja-os do sigilo e do obscuro porque o ensinamento dos deuses já não pertence mais a um grupo detentor dos segredos. Conhecidos, podem pautar a ação do homem segundo sua natureza.

A religião dos mistérios envolve práticas esotéricas, assinaladas pelo enigma e só dadas a conhecer aos já iniciados, isto é, àqueles aceitos como postulantes, que passam por períodos preparatórios de instrução, provação e doutrinação. São muitas tais seitas e confrarias que têm como finalidade a execução de atividades espirituais utilizando-se de exercícios e atos sacrificais que, por serem reservados, restritos, têm poder maior e dão aos praticantes superioridade com relação aos que não fazem parte do grupo e não conhecem a regra.

Entre muitos grupos que desenvolveram códigos de crenças e ritos específicos, os estudiosos costumam ressaltar a religião dos órficos. Este grupo introduz a idéia de ser o homem composto de corpo e alma. Esta não morre com o corpo e pode reencarnar em outros até redimir-se das culpas. A prática dos ritos e de juramentos hieráticos, de acordo com os órficos, purifica a alma e interrompe o ciclo de reencarnações. A libertação da alma é o prêmio para aquele que purgou os pecados. Para Reale e Antiseri "O orfismo é particularmente importante porque [...] introduz na civilização grega *um novo esquema de crenças e uma nova interpretação da existência humana.*" (REALE e ANTISERI, 1990: p. 18).

Grifado no original.



Verifica-se que a religião dos mistérios introduz na concepção religiosa o princípio da imortalidade da alma, a metempsicose e a escatologia. Mas, acima de tudo, verifica-se a indefinível dimensão religiosa do homem sobrepondo-se às necessidades materiais e biológicas, expressão de vida espiritual que não é individual, é cultural na medida em que é manifestação de toda a coletividade:

... o mistério em nenhum momento se coloca numa perspectiva de publicidade. Ao contrário, o que o define como mistério é a pretensão de atingir uma verdade inacessível por vias normais e que não poderia de maneira nenhuma ser 'exposta'; é a pretensão de obter uma revelação tão excepcional que dá acesso a uma vida religiosa desconhecida do culto do Estado e que reserva aos iniciados uma sorte sem comparação com a condição ordinária de cidadão. O segredo toma assim, em contraste com a publicidade do culto oficial uma significação religiosa particular: define uma religião de salvação pessoal visando a transformar o indivíduo independentemente da ordem social, a realizar nele uma espécie de novo nascimento que o destaque do estatuto comum e o faça penetrar num plano de vida diferente. (VERNANT, 1972: p. 40).

O mito é outro elemento de significativa importância no pensamento grego. Vários estudos comprovam a existência de relatos idênticos em povos de diferentes origens, tempos e localização geográfica. Quem, em algum momento, não ouviu expressões como: era uma vez..., ou: há muito tempo atrás...? São introduções a relatos primitivamente orais que resguardavam as tradições e os ensinamentos advindos de um tempo perdido pela memória, mas que não permitiam ser esquecidos. O antiquíssimo tempo não acarreta a perda da herança cultural. Em épocas posteriores, esses ensinamentos foram reunidos em, genericamente denominados, livros sagrados que condensavam convicções religiosas e morais, normas de conduta, fórmulas e ritos cerimoniais, hinos e palavras usadas em ocasiões singulares, transformados em leis

que direcionam a ação. Segundo estudiosos, estas regras serviam para afastar perigos representados, por exemplo, pelo brilho inexplicável do raio, o fragor do trovão, a ameaça de inimigos porque acreditavam na força dos ritos mágicos e das práticas religiosas. Na mente do homem há a tendência para a imaginação, envolvendo em mistério e sacralizando o que lhe parece inexplicável. A palavra grega *mythos* significa narração. Os mitos gregos são de uma riqueza e beleza extraordinárias. Cassirer afirma: "A filosofia se ocupou do mito e suas criações, muito antes que os outros campos da cultura." (CASSIRER, 1979: p. 17).

No texto original da obra citada: "La filosofía se ocupó del mito y sus creaciones, mucho antes que de los otros grandes campos de la cultura."

O mito é uma narrativa permeada de sacralidade e segredo que responde aos temores do homem quando explica fenômenos naturais, o mundo da natureza hostil, dá sentido ao que é desconhecido e une os homens e os deuses. Pode-se usar como paradigmático o mito de *Prometeu* que descreve o surgimento das espécies, inclusive a humana, e a distribuição dos dons que as fará diferenciadas. Observa-se nesse mito, que relata um evento primordial, que a ação dos deuses é atuar sobre coisas existentes. Ocorre que no pensamento grego não há a idéia de criação a partir do nada. O próprio *Zeus*, deus dos deuses, é filho de *Chronos* (Tempo) e *Géia* (Terra). Portanto tem um começo definido no tempo e no espaço.

O mito não é tão somente pura imaginação. Ele tem funções e uma delas é explicar o inexplicável, isto é, há no mundo da natureza elementos assustadores que causam temor pela incapacidade do homem em entendê-los. A distribuição dos fenômenos naturais ou das atribulações e males que afligem o homem – e que se desencadeiam periodicamente, com furor incontrolável – à ação dos deuses, permite encontrar razão de ser dos eventos e acalmar temores porque, nesse caso, há possibilidade de intervir no desenrolar dos acontecimentos oferecendo-se sacrifícios aos deuses para acalmá-los e conseguir sua benevolência.



O grego é politeísta. Seus deuses representam o universo perceptível: a terra, o mar, o sol, a guerra, a colheita, o bem, o mal, o belo, o assustador. Vivem entre os homens e são criados à imagem e semelhança dos homens, isto é, são antropomórficos, pois amam, odeiam, vingam-se, enternecem-se com as dores humanas, enfim, têm sentimentos idênticos aos que os homens manifestam. O que os diferencia sobremaneira e destaca dos homens é a imortalidade. São imortais num mundo cíclico, que sempre recomeça, marcado por um início e um fim, nascimento e morte. Por esta grandeza maior é que são colocados no lugar mais alto, o Olimpo. Por outro lado, apesar da grandeza, os deuses não abdicam da presença e do culto dos homens. Quando castigam os homens, espalham tribulações, mas não os matam porque desejam as honras que os homens lhes prestam. *O Andrógino* mito relatado por Platão é exemplar.

Em *O Banquete*, discurso de Aristófanes.

Os deuses castigam os homens por rebeldia e soberba, cortam-nos pelo meio e deixam-nos sofrendo, buscando cada um a sua outra metade mas não os exterminam.

É possível entender o mito para além dos elementos fantásticos de que se serve. Por meio de metáforas e analogias ele transmite mensagens a serem interpretadas, decifradas para entender a significação e aprender o ensinamento enfatizado. Estão presentes na narrativa mítica propósitos educativos que se evidenciam naquilo que ensinam a respeito das consequências da transgressão, do desvio do bem, da justiça e dos costumes, naquilo que prescrevem como certo, nas normas morais que preceituam, no que aconselham para transformar o homem em um ser equilibrado e feliz. Também na forma como se expressa a confiança do homem em si, nos poderes de interferir nas decisões dos deuses.

Há que se considerar um outro aspecto do mito: sua verdade. Embora se valendo de elementos de ficção

constitui uma forma de percepção do real. Ele é verdadeiro não no sentido do que narra, mas como a realidade cultural manifestada a partir de um fato histórico que relata credos e ações, o cenário no qual se desenrola a vida de um grupo, de uma comunidade, de suma influência, pela permanência e pela representação da crença categórica na unidade da vida.

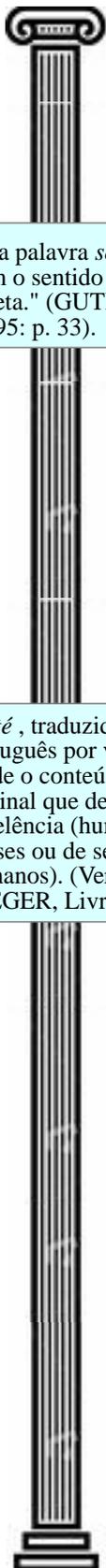
"Ainda que chegássemos a analisar o mito em seus últimos elementos conceituais, nunca aprenderíamos, com este processo analítico, seu princípio vital, que é dinâmico e não estático; só pode ser descrito em termos de ação."  
(CASSIRER, 1977:p.131).

Não se pode negar que, apesar da apologia à racionalidade, o homem atual continua criando e cultuando mitos: o do poder incomensurável da ciência e da técnica, o da criação de vocabulário que circunscreve as ciências novas a práticas reservadas ao grupo que a funda e aos poucos que nela são aceitos, o da formação de círculos profissionais que determinam normas e resistências ao acesso, à participação e à exposição dos conhecimentos.

O terceiro fator influente é a poesia, principalmente a *Teogonia*, de Hesíodo, narrativa do nascimento dos deuses, da geração do universo; o poema do mesmo autor *O Trabalho e os Dias* ensina agricultura e preceitos éticos, atribuindo à justiça valor maior; os poemas homéricos expressos na *Ilíada* e na *Odisséia*.

Há correntes que defendem a tese de que só a *Ilíada* é de lavra de Homero e que a *Odisséia* é uma compilação de poemas de poetas distintos.

A *Ilíada* é um poema épico que celebra a ação dos gregos, no sítio de Tróia, para libertar Helena, raptada por Páris. A *Odisséia* narra a história de Ulisses, e seu retorno, para casa, depois da vitória sobre Tróia. Para Jaeger, Homero é o maior arquiteto da humanidade do homem grego, e remete a Platão. A influência se liga ao conteúdo ético normativo que mostra, por meio de descrições lendárias e linhagens míticas de ascendência divina, imagens e valores que se apresentam obrigações.



O poema épico expõe façanhas de deuses e heróis, enaltecendo a nobreza, a glória, o louvável para manter viva, na memória do povo, a grandeza dos feitos e criando modelos idealizados para serem imitados. A vida do comum dos mortais é insípida, maçante e sofrida. Narrados como se fossem vivências pessoais se plenificam na força de motivar para neles outros se espelharem.

"...a palavra *sophistes* tem o sentido claro de poeta." (GUTHRIE, 1995: p. 33).

Os poetas são os sábios, aqueles que possuem o

conhecimento da história e são capazes de difundir-la em versos que despertam sentimentos positivos de respeito às tradições e aos valores éticos e espirituais, quando afiguram o homem idealmente, segundo o que deve ser. O que Homero destaca, de acordo com Jaeger, é a *areté* a sujeição

*Areté*, traduzido para o português por virtude, perde o conteúdo original que denota excelência (humana, dos deuses ou de seres não humanos). (Ver JAEGER, Livro I, p. 26).

das paixões que, se não controladas, fazem o homem perder o domínio de si mesmo, o valor do herói que age melhor que o homem comum seja quando lhe é exigida a força física, a coragem, a bravura, seja quando a referência é o procedimento ético, a formação do caráter e a necessidade de ser exemplo, unindo as qualidades físicas, as qualidades morais, a honradez e a nobreza de espírito numa figura representativa de um homem melhor que os demais e merecedor de honras, admiração e louvor. Destaca também a *diké*, a justiça que se manifesta na retidão de caráter e procedimento. Cria-se então um ente que se destaca pela superioridade e serve de inspiração, exemplo a ser seguido e modelo a ser copiado, conformando-se os elementos educativos da poesia que incita o emocional e provoca a elevação e a sublimação de sentimentos moldando a formação espiritual, transcendendo a materialidade e preparando o campo para o nascimento da filosofia.

Pela análise da religião, do mito e da poesia aparece a contribuição deles para a emergência da filosofia grega. Por se caracterizarem sistemas abertos, não dogmáticos, isentos

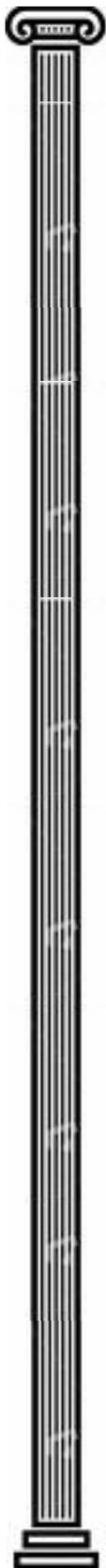
de determinações impositivas, que não cobram fé irrestrita nem adesão incondicional, facilitam o surgimento de um pensar que questiona, reflete e responde segundo critérios da razão. Os conceitos de homem e de liberdade enraizados na religião, no mito e na poesia oportunizam atitude de romper barreiras, superar limites, ousar a convicção de pertencer a um grupo de pessoas ligadas pela isonomia, pela cidadania sem que a isso seja obrigado por imposições extrínsecas, dá ao grego a noção do seu valor por ser partícipe das decisões da própria vida e da *Pólis*. Do senso de liberdade brota o espírito indagador, do espanto, a investigação.

Ao darem sustentação à autoconfiança do grego em si mesmo, na força das instituições e no apoio que encontra nelas, ao ampliarem horizontes, ao acenarem com um ideal de conhecimento, formatam um novo humanismo que objetiva a realização da natureza humana no que ela tem de mais específico, transfigurando a realidade fenomênica do mundo a partir de uma concepção racional que se utiliza da abstração para explicar o homem, o ser harmonicamente no universo e credita à reflexão, ao pensamento inquiridor o componente essencial, incontestemente que induz a resposta às transformações do universo e às problematizações do homem sobre si mesmo.

Inscrito num mundo insólito, extraordinário, compreende-se em sua natureza espiritual, atribui-se peculiar singularidade e elabora pensamento ativo, autônomo, criador que exterioriza em edificações conceptuais de sólidas bases teóricas surgindo, então, vivificante, a radical reflexão filosófica

O que importa salientar é que se instaura na Grécia um tipo de comportamento humano mais acentuadamente racional. É este maior respeito e dimensão especificamente racional do homem, sem o qual é impossível pensar o surto da Filosofia, que caracteriza o povo grego. (BORNHEIM, 1972: p. 8-9).





Dessa forma, o que até aqui se expôs, pretende demonstrar que já existiam em solo fértil os pressupostos sustentadores nos quais se enraíza a filosofia dos pré-socráticos, tema que será estudado a seguir.

## 2. OS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS

Os filósofos pré-socráticos são considerados os iniciadores da filosofia propriamente dita porque com eles há progressivo afastamento do mito na tentativa de oferecer elucidação mais racional do universo. Eles são os que arriscam, se expõem à zombaria, ao descrédito e ao escárnio. Porém a filosofia não explode de um nada anterior para se manifestar pujante, ímpar, extraordinária na medida em que existem raízes que se alimentam da seiva estimulante que faz irromper e se consolidar.

Sob esta denominação são reunidos pensadores dos séculos VI e V a. C. e de diferentes regiões da Grécia Antiga, do que se deduz a falta de unidade e multiplicidade de concepções visto que as meditações originárias surgem influenciadas por vivências, por modos de pensar, por contextos sócio-culturais e por conhecimentos herdados. O itinerário é longo e eclético.

Existem vários empecilhos para que se possa ter precisa informação sobre as doutrinas desses pensadores. Um deles, e de grande peso, é a perda de muitos escritos e o acesso a textos, sentenças e enunciados truncados, incompletos e fragmentados. Apesar disso, são importantes porque lançam bases para a filosofia posterior. Atualmente, há um consenso em se aceitar a compilação, os estudos e a catalogação apresentados por Hermann Diels e Walther Kranz, na obra *Die Fragmente der Vorsokratiker*, hoje reconhecida fonte essencial de consulta sobre a pré-socrática. É o que se constata entre estudiosos brasileiros dessa fase da filosofia antiga.

Refletindo sobre a realidade do mundo em que vivem, os pré-socráticos trazem respostas relacionadas ao modo de compreensão dessa realidade. Portanto, não surpreende que aquilo que primeiro interessa à filosofia nascente é a especulação sobre o universo.

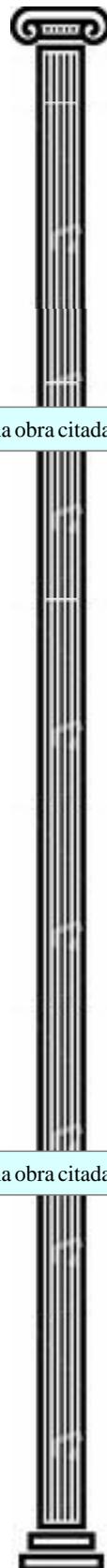
O pensamento dos pré-socráticos é limitado, segmentado, porém tem o mérito de desencadear o movimento perpetuado e consagrado saber universal. "...a *Filosofia é um produto da cultura grega, devendo-se reconhecer que se trata de uma das mais importantes contribuições daquele povo antigo ao mundo ocidental.*" (BORNHEIM, 1972: p. 7).

Em itálico na obra citada.

Não ocorre um marco limitador, uma linha divisória entre o pensamento mítico e a explicação racional, não são fomentadas duas forças em confronto para a recíproca eliminação porque esta foi gestada a partir daquela pelo clima propício que flui do desenvolvimento cultural e da autonomia intelectual, ocasionando a mudança natural e progressiva. A atitude questionadora amadurece paulatinamente, preparando o caminho para a plena emergência da reflexão racional que é outro modo de entender o mundo e oferecer dele diferente interpretação. Bornheim preleciona: "*O itinerário do pensamento pré-socrático não se desdobra do 'mito ao logos', mas de um logos mítico para a conquista de um logos acentuadamente noético.*" (BORNHEIM, 1972: p. 9/10).

Em itálico na obra citada.

Afirma-se, destarte, que a filosofia encontrou solo propício porque os pré-socráticos descobriram ser possível averiguar pela razão o fundamento de todas as coisas. A fé na racionalidade, a confiança em si mesmo e o ímpeto investigativo subjazem àquilo que Châtelet denomina a invenção da razão.



É consenso segmentar a filosofia pré-socrática em escolas: Jônica, Pitagórica, Eleática e Atomística.

## 2.1 ESCOLA JÔNICA

As primeiras manifestações surgem na região da Ásia Menor, na Jônia, sendo Tales, Anaximandro e

Anaxímenes os principais componentes da escola e Tales apontado como o primeiro filósofo.

Neles encontra-se o propósito de pensar o cosmos e é deles a interrogação que requer resposta para além da ação dos deuses. A pergunta que fazem é sobre a origem de todas as coisas, de onde tudo provêm. É nesse questionamento que se vê o primeiro rompimento com relação às explicações míticas. Ao não se aceitar a ação dos deuses, buscam-se alternativas.

Tales, de Mileto, responde que a origem, a *arké* de todas as coisas é a água porque tudo é úmido e o que seca, morre. Tales é retratado sujeito contraditório pelos historiadores: enquanto é ridicularizado por uma serva porque olha para o céu e cai em um buraco que não viu aos seus pés, é apontado como quem previu um eclipse e referido por Aristóteles pessoa capaz de auferir lucros quando, pressupondo grande safra de azeitonas, comprou antecipadamente todas as prensas. "Acumulando assim uma grande fortuna ele mostra que é fácil aos filósofos enriquecer se querem, mas isto não é aquilo com que eles se importam".

Anaximandro considera a *arké* o *ápeiron*. Dele tudo surge e a ele tudo retorna. Na designação do *ápeiron* há a recusa de atribuir a um princípio material e finito a origem de todas as coisas e Anaximandro apresenta uma espécie de

Segundo Barnes, "não existiu uma 'escola' eleática. Pamênides, Zenão e Melisso não se encontravam regularmente para discutir suas idéias, não davam palestras, não tinham alunos, nem promoviam seminários. Não obstante, não trabalhavam nem pensavam em isolamento." (BARNES, 1977: p. 13).

Tales foi listado por Diógenes Laértios entre os sete Sábios da Grécia.

Em francês na obra referida: "En amassant ainsi une grande fortune il montra qu'il est facile aux philosophes de s'enrichir s'ils le veulent mais que ce n'est pas cela qu'ils se soucient." (ARISTÓTELES, L. I, 11 1258 b 15).

Com sentido aproximado de infinito, indeterminado e não se identificando com nenhuma matéria.

teoria evolucionista. Klimke e Colomer, assim descrevem a teoria de Anaximandro: a partir do *ápeiron*, por um processo de dissociação, surgem o frio e quente que se condensam na terra, no céu e nas estrelas. Da terra se separam o sólido e o líquido, que dão origem aos continentes e aos mares. A ação do céu ardente faz brotar do mar vapores que formam, entre o céu e a terra, o ar. Do barro que surge pela evaporação parcial do mar aparecem os primeiros organismos, numa cadeia evolutiva que vai dos peixes aos homens. (ver KLIMKE e COLOMER, 1953: p. 22).

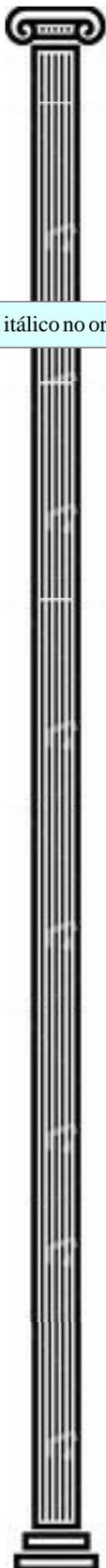
O terceiro pensador da escola Jônica é Anaxímenes. Comparado com Anaximandro, parece haver um recuo quando ele retoma outro elemento da natureza, o ar. Do ar, por processos de condensação e rarefação tudo se origina.

Ao trazerem respostas para além da explicação animista que não mais satisfaz, os milésios partem da observação da natureza, questionam a mudança e o aparente acaso que a rege e apontam para a existência de algo permanente, de uma unidade oculta que persiste e dá estabilidade ao universo e pode ser alcançada pela razão. Transformando os elementos naturais em qualidades, encontram o universo estável.

Um procedimento a adotar para a compreensão dos jônicos é realizar uma leitura a partir de Aristóteles que os denomina físicos. O que aproxima estes pensadores é a unidade que investigam porque querem encontrar algo permanente no universo que percebem em mutação. Indicando a água, o *apeíron*, o ar, determinam a *arké* de todas as coisas na *physis*. Sob estas duas palavras subjaz todo o significado desta fase da filosofia. *Arké* é princípio, origem. A alocação da *arké* nos elementos da natureza esclarece que o grego carece da idéia de criação a partir do nada.

A *physis* é um conceito muito próprio: significa o processo do aparecimento mas, também, aquilo de que tudo brota. É, portanto, uma força, um dinamismo que dá origem





a todas as coisas. Jaeger ensina que na *physis* está junto a idéia de origem e o que existe e que proveio desta origem, indicando o ato, a força de nascer e crescer e o substrato de onde as coisas nascem, o que desabrocha de si e se manifesta que são compreendidos pelo espírito investigativo. Portanto a *physis* é a totalidade do real, do que é

Em itálico no original.

*Pensando a physis, o filósofo pré-socrático pensa o ser; e a partir da physis pode então aceder a uma compreensão da totalidade do real: do cosmos dos deuses e das coisas particulares, do homem e da verdade, do movimento e da mudança, do animado e do inanimado, do comportamento humano e da sabedoria, da política e da justiça. (BORNHEIM, 1972: p. 14).*

## 2.2 A ESCOLA PITAGÓRICA

Esta escola difere da anterior primeiro, porque não pergunta pela *arké*, a origem, mas do que são feitas as coisas; segundo, porque tem um cunho religioso.

Pitágoras é o fundador da escola. Pela divinização do líder por parte dos seguidores e por se instituir em irmandade religiosa, cercada de ritos secretos, seus ensinamentos e legados são imprecisos, incompletos.

Apesar dos obstáculos, os mestres assinalam particularidades que, ao mesmo tempo em que facilitam também atrapalham um perfeito conhecimento dos princípios que seguem os pitagóricos.

Há unanimidade quanto ao ponto fulcral; é a imortalidade da alma. A alma humana imortal é parte da alma divina, aprisionada num corpo. Submetida à matéria, é suscetível de ser alvo de punições ou de ser aniquilada pelos males que afetam a condição material. Crêem também na metempsicose, a possibilidade de retorno da alma em seres diferentes, como os animais. O ciclo das reencarnações é necessário para a purificação e a elevação da alma.

O que pode encerrar as sucessivas reencarnações é o progresso no equilíbrio e na harmonia, conquistados pelos estudos, ou como cita Jaeger, a ciência denominada *Mathemata*. Portanto, é um caminho para a purificação e

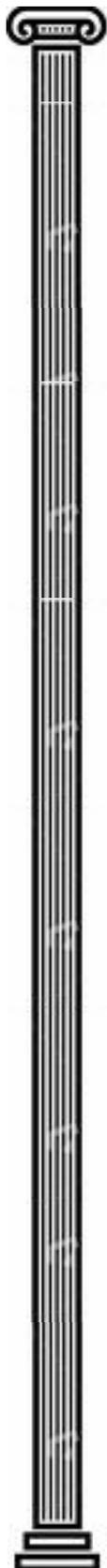
libertação da alma.

Princípio de todas as coisas, o número compõe-se de um elemento ilimitado e outro limitado e determinante e assim nele se dá o acordo entre o limitado e ilimitado. Os números pares são divisíveis, ilimitados e imperfeitos; já os ímpares são indivisíveis, limitados e perfeitos. O número dez é considerado o número perfeito porque é a soma dos quatro primeiros algarismos:  $1+2+3+4$ . O mundo é um todo limitado e por isso nele existe ordem. Por isso pode ser chamado *kósmos*. Para os pitagóricos é primordial encontrar o equilíbrio e a harmonia. Contrapondo o limitado ao ilimitado, identificam neste último a impossibilidade do equilíbrio. Se é impraticável a determinação do limite, também o é encontrar o equilíbrio. Assim é que apontam as figuras geométricas como elementos que representam estes princípios e o círculo como arquétipo por excelência, na medida em que não tem princípio nem fim mas tem limites. Os pitagóricos identificam a natureza dos números e a natureza do universo. É deles a descoberta da relação do som e do número. Aristóteles, sobre a doutrina dos pitagóricos é fonte referencial:

...viam nos números as propriedades e proporções das harmonias musicais: posto que as demais coisas em sua natureza toda pareciam assemelhar-se aos números, e os números pareciam o primeiro de toda a natureza, supuseram que os elementos dos números são elementos de todas as coisas que são, e que o firmamento inteiro é harmonia e número.

Conforme Jaeger, significando estudos, o termo não se refere à ciência matemática atual.

Conforme a obra citada:  
"...veíam en los números las propiedades e proporciones de las armonias musicales; puesto que las demás cosas em su naturaleza toda parecían asemejarse a los números, y los números parecían lo primero de toda la naturaleza, supusieron que los elementos de los números son elementos de todas las cosas que son y que el firmamento entero es armonia e número."  
(ARISTÓTELES, 1994: Livro I, 5, 985b 30 986a 1-3).



## 2.3 HERÁCLITO DE ÉFESO E PARMÊNIDES DE ELÉIA

Apesar de Heráclito ser colocado por alguns como integrante da escola Jônica, o direcionamento de suas concepções o afasta desse grupo. Por sua polêmica com Parmênides fica mais próximo dos eleatas.

Encontra-se o nome de Heráclito ligado ao epíteto o Obscuro por causa do caráter cifrado e oracular de suas máximas. Realmente, extrair de curtas sentenças, formuladas em enigmas, ensinamentos precisos é tarefa ousada o que, porém, não arrefeceu o ânimo e o interesse de pesquisadores pois, do conjunto do que chegou até hoje, retiram o essencial de suas doutrinas.

Heráclito ensina que todas as coisas se originam do fogo - que ele diz eternamente vivo - e ao fogo retornam num processo circular de eterno devir. O fogo tem em si uma simbologia bastante significativa: o fogo é a vida que vive da morte daquilo que queima e é transformado em cinzas, conforme Reale e Antiseri. A realidade essencial das coisas é o devir. Considerar o fogo eternamente vivo é considerar um começo, uma cosmogonia.

O princípio de seu pensar é a mudança, a luta dos contrários e, nesse sentido, a discórdia é criadora e não origina o caos, a desordem porque dela, pela tensão dos opostos se gera a ordem implícita do surgir e do desaparecer, da morte de um para dar lugar ao seu contrário. Na oposição e na transmutação está a unidade de tudo aquilo que é percebido pela diferença. A permanência, o estável são negativos, representam a morte do mundo que se alimenta e se mantém no e pelo conflito. A síntese dessa doutrina é a idéia de que há unidade no diverso e identidade no diferente. "Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia." diz o fragmento 22 B 8. (in BORNHEIM, 1972: p.36).

Existe unidade porque o *logos* pensa o universo como *kósmos*, em equilíbrio.

O *logos* é a unidade imanente do *kósmos* passível de ser aprendida, mas não é dada a conhecer por aqueles que não buscam que, passivamente, continuam dormindo. O fragmento 22 B 41 diz: "Só uma coisa é sábia: conhecer o pensamento que governa tudo através de tudo." (in BORNHEIM, 1972: p. 38).

O *logos* é princípio animado que possibilita a inteligibilidade que é acessível para além do empírico e do corpóreo e que governa como lei o universo, expressando um conjunto ordenado e é sob sua regência que todas as coisas acontecem. O *logos*, pois, é o que é verdadeiro. Os sentidos, como fonte do conhecimento não servem como critério de verdade porque a eles só é dada a aparência e aqueles que aceitam e se limitam ao que aparece formam apenas opiniões. Esta é alcançada quando o homem se volta para o próprio espírito que é parte do *logos*.

Nota-se, no pensamento, grande descrédito com os homens que não são dignos do *logos* eterno e muitas vezes são, por Heráclito, comparados a animais, principalmente quando valorizam os prazeres.

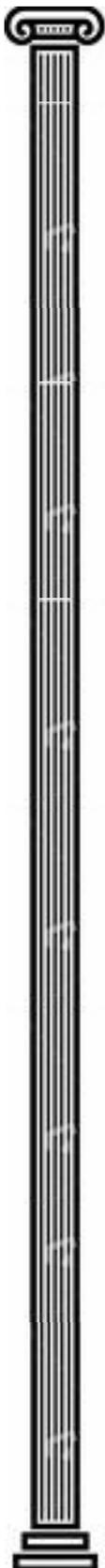
A polarização do universo introduzida por Heráclito adquire maior amplitude quando pensada junto com o pensamento de Parmênides.

De Parmênides resta um poema, não muito extenso, servindo de fonte para conhecê-lo. É com Parmênides que se coloca a questão ontológica. Dele dizem Reale e Antiseri:

No âmbito da filosofia da *physis*, Parmênides se apresenta como um inovador radical e, em certo sentido, como um pensador revolucionário. Efetivamente, com ele, a cosmologia recebe como que um profundo e benéfico

No português *logos* é termo abundante porque é traduzido por pensamento, palavra, por estudo. A acepção, no contexto é pensamento-ação perfeita. O fragmento B 113 diz: "O pensamento é comum a todos." (in BORNHEIM, 1972: p. 42).

*Kósmos*: universo organizado.



abalo do ponto de vista conceitual, transformando-se, pelo menos em parte, em uma *ontologia* (teoria do ser). (REALE e ANTISERI, 1990: p. 50).

O ensinamento de Parmênides diz-se em poucas palavras: O ser é e não pode não ser. O não ser não é. Enunciado curto que desencadeia a temática da filosofia em todos os tempos e remete para um processo abstrativo, racional porque se trata agora de um conceito, de uma realidade supra-sensível e não experimental. Instala-se o racionalismo. Em primeiro lugar, põe o fundamento universal da ontologia: tudo o que se pode dizer do ser é que o ser é. Afirmar que algo é significa dizer: existe. A mudança traz em si a idéia de transmutação. Ora, se o ser é, só transforma-se em não ser. Mas o não ser não existe. Assim, o ser de Parmênides é uno, incriado, imóvel, imutável. É uno porque tudo o que existe é ser. Se houvesse algo ao lado do ser seria o não ser que não existe. Por consequência, o ser é uno. É incriado porque se fosse criado teria que haver algo anterior ao ser e isto é impossível. É imutável porque se mudar e transformar-se naquilo que não é cairia no não ser que não existe. É imóvel porque o que se move não é, deveria chegar a ser.

Da afirmação do ser é deduzido o princípio da não contradição: o que é não pode ser e não ser ao mesmo tempo e sustenta coerência lógica e intelectual, instaura-se a polêmica, ocorre a negação do pensamento de Heráclito, cria-se a dicotomia, a polarização excludente entre a pluralidade e a unidade, entre o vir a ser e o ser.

## 2.4 ESCOLA ATOMÍSTICA

Frente à antinomia atingida com Heráclito e Parmênides, os atomistas propõem outra solução. Concordam com Parmênides quando sustenta que o ser não

muda, não deixa de ser para novamente se produzir. Mas pensam que existem muitos seres minúsculos, indivisíveis que, ao se combinarem, produzem a realidade mutável. Estes seres são os átomos.

Átomo, em grego, partícula não divisível.

Empédocles afirma que há quatro elementos nas coisas: o ar, a água, o fogo e a terra denominados raízes suscetíveis de se moverem e misturarem e, por combinação mecânica, formam todas as coisas.

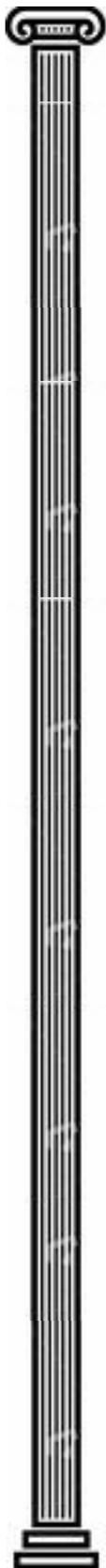
Afastando-se do hilozoísmo jônico, propõe duas causas motoras naturais que determinam o movimento das raízes. Primordialmente elas se acham num mesmo plano. Estas causas são o ódio e o amor ocasionadoras, respectivamente, da repulsa e da atração e justificam a dissociação e a mistura dos elementos formando seres compostos pelas raízes.

### 2.4.1 DEMÓCRITO

Ainda listado entre os pré-socráticos, viveu no mesmo tempo que Sócrates e morreu depois dele. Desse autor se conserva número avultado de fragmentos (se comparado com de outros pensadores da época), a grande maioria emitindo pensamentos éticos, críticas aos procedimentos dos homens e normas de conduta. Sobre a doutrina atomística, segundo Barnes, são as fontes secundárias como Aristóteles, Simplicio, Teofrasto, entre outros os oferecedores das informações que possibilitam o conhecimento desse autor.

Para Demócrito, as únicas realidades são os átomos de que todas as coisas são feitas. Estes minúsculos corpos sólidos, as menores partículas da matéria, não são percebidos pelos sentidos.

Há o cheio e há o vazio. O cheio é pleno de átomos, o vazio é o espaço que se interpõe entre os átomos.



Aquilo que é duro é formado por átomos compactamente unidos; as coisas macias, que podem ser comprimidas têm átomos separados entre si pelos espaços vazios. Têm eles forma, posição, movimento, peso e tamanhos diferentes. Estando soltos no espaço, caem em direção ao vazio e compõem multiplicidade de seres, numa combinação puramente mecânica cuja causa é a tendência das partículas em caírem com velocidade proporcional ao peso que transforma a queda retilínea em turbilhão giratório, casual, fortuito.

Com o movimento circular dos átomos constituiu-se o cosmos cuja existência, portanto, é resultante aleatório do mecanicismo permanente da matéria, não pensado, não produzido por qualquer coisa exterior a ele. Refere o fragmento B 167 de Demócrito: "Um turbilhão de todos os tipos de formas separou-se do Todo." (in BORNHEIM, 1972: p. 114).

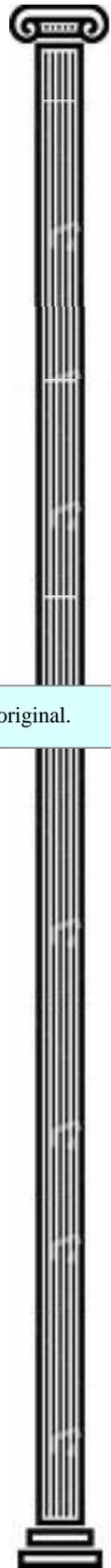
Também o conhecimento tem explicação material: minúsculas partículas sob forma de imagens saem dos corpos e se chocam com os sentidos. O fragmento B 125 menciona:

(Demócrito após exprimir a sua desconfiança nas impressões dos sentidos na seguinte frase): conforme a convenção dos homens existem a cor, o doce, o amargo; em verdade, contudo, só existem os átomos e o vazio; (deixa falar os sentidos contra a razão): Pobre Razão! De nós tomaste argumentos e com eles queres nos derrubar. A vitória será tua desgraça. (in BORNHEIM, 1972: p. 113).

Da mesma maneira a alma é composta de átomos, estes mais sutis e tênues.

Anteriormente se mostrou a afirmativa de Bornheim de que o pensamento não vai do mito à razão num ponto determinado de ruptura. Nessa visão histórica geral que se tenta repassar, a filosofia pré-socrática se estende como uma

ponte entre o modo mítico e o racional de interpretar o mundo. Afastando-se progressivamente do mito, elabora um pensar apoiado na razão, todavia ainda falto da sistematização metodológica. São manifestações de uma reflexão que se aplica ao próximo e é percebido pelos sentidos, um saber sobre o físico. A importância dessa fase está tanto no questionamento quanto no lançar sementes para o saber que deixa de ser opinião para se formar *episteme*, ciência. Ao caminho até aqui percorrido na filosofia, não se fazem tão importantes as respostas dadas pelos pré-socráticos quanto o fato de terem feito perguntas, aposto interrogações, abalarem as próprias certezas. Barnes afirma: "Todavia o ponto que me parece relevante não é que os pré-socráticos apresentam *bons* argumentos, mas simplesmente que apresentam *argumentos*." (BARNES, 1997: p. 25).



Grifos no original.





### A Filosofia Clássica

Sócrates é o marco inicial do pensamento puramente racional, reflexivo, que direciona a filosofia para a especulação sobre a natureza da vida e da conduta humana, implementando o humanismo e o problema ético. "...a sua figura torna-se o eixo da formação do homem grego pelo seu próprio esforço. Sócrates é o mais espantoso fenômeno pedagógico da história do Ocidente." (JAEGER, 1995: p. 512).

Existem causas facilitadoras para a mudança, algumas delas situadas no plano econômico, no político e no intelectual. No primeiro, Atenas tinha conquistado riquezas por meio da produção agrícola e de um comércio forte; no plano político, existe uma espécie de sacralização das leis que são respeitadas por serem leis e não só pelas sanções que prevêm. Ainda no político, mas com acentuados reflexos no plano intelectual, Atenas regia-se pela democracia conquistada pelas reformas de Sólon, Clístenes e Péricles, legisladores - separados no tempo por pouco mais de um século – que criam leis para estender a participação dos cidadãos nos conselhos decisórios, nas assembleias e nos tribunais, outorgando-lhes o poder de apresentar propostas sobre a administração da *Pólis*, de discutir, acatar ou rejeitar as medidas apresentadas pelo governo. Podiam ser eleitos para os tribunais e cargos de governo, pois o processo eleitoral se dava por sorteio. A democracia implantada em Atenas assegura a todos o exercício do poder de participar das decisões.



Estes fatos, mais do que o significado político, trazem a promoção de uma nova cultura, o espaço da cidadania, criam um vínculo de pertença e o duplo comprometimento do cidadão com a *Pólis* e da *Pólis* com cada cidadão que a compõe.

Uma civilização urbana é fortalecida e evidencia-se a necessidade de educação dos cidadãos que contemple os novos tempos e circunstâncias. Há uma efervescência intelectual perceptível no crescimento dos que se propõem a transmitir conhecimentos. E nesse caso, os sofistas se destacam. Quem são os sofistas? Muito usada é a resposta: vendedores do saber. Para Sócrates e Platão são pessoas indignas de confiança porque, mediante pagamento ofertam um saber que não possuem. Não formam grupos, são indivíduos que competem entre si na conquista de alunos dispostos a pagar para ouvi-los. Muitos são estrangeiros atraídos pelas oportunidades que entrevêm em Atenas.

Ao sofista não interessa questionar o princípio, a *arké*. A Atenas exuberante desfruta o prazer da vida cotidiana, a vida política por excelência. Os sofistas exploram esse interesse prático, discursando sobre assuntos éticos, políticos, sociais que dizem respeito aos interesses da vida pública. Voltam-se para o particular, as opiniões subjetivas que respondem às conveniências e ambições individualizadas. A verdade é relativa ao homem e aos seus juízos. Se as coisas parecem verdadeiras e as pessoas se convencem de sua verdade, elas o são.

Contra a tradição ensinam que o *nomos*, a lei é convenção e pode ser mudada. A democracia política se insere nos costumes que se tornam mais relativos e menos impositivos, regendo-se pelas pulsões e prazeres frívolos que a sociedade mais livre e condescendente tolera; abandonam-se as tradições.

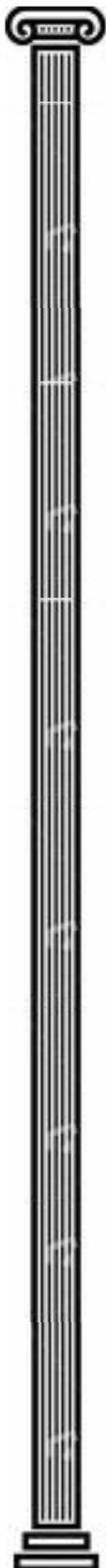
Dizendo-se mestres na arte do discurso, oferecem seus préstimos aos cidadãos que participam da assembleia para ensinar-lhes as sutilezas da retórica, em que eram versados, cujo interesse primeiro é o convencimento que cativa pelo encanto de uma pseudo erudição loquaz e verbosa, mas é vazia de verdade e sabedoria. Guthrie enuncia:

O ensino retórico não se restringia à forma e ao estilo, mas lidava também com a substância do que se dizia. Como se podia deixar de inculcar a crença de que toda a verdade era relativa e ninguém conhecia alguma coisa como certa? A verdade era individual e temporária e não universal e permanente, pois a verdade para o homem era simplesmente aquela de que podia ser persuadido; [...] Pode haver crença mas nunca conhecimento. (GUTHRIE, 1995: p. 52).

Entre os sofistas, alguns nomes se destacam como Protágoras, Górgias, Hípias. São combatidos por Sócrates e Platão porque, presunçosos, vangloriam-se de que tudo sabem e podem ensinar qualquer coisa. Assim fica corroborada a posição de Protágoras. Ele defende que a retórica deve permitir argumentação exitosa sobre os dois lados de qualquer questão debatida. Nesse sentido, se é possível demonstrar serem verdadeiros elementos contrários ou contraditórios, dissolve-se a preocupação com a verdade e assume proeminência o ceticismo e o relativismo e fica a possibilidade descompromissada de auferir proveito de qualquer situação.

A medida da realidade é tão somente o discurso e a argumentação passíveis de apropriação para serem instrumentos de interesses individuais. Por essa razão Sócrates, no diálogo *Apologia*, afirma ser superior porque reconhece que nada sabe enquanto a ignorância dos que o combatem está justamente no fato de se dizerem sábios quando não o são.





Apesar das críticas de Sócrates e Platão, os sofistas contribuíram para o avanço da filosofia quando transferiram o foco da *physis* para o homem, do cosmos para o discurso sobre a realidade.

## 2.1 SÓCRATES (469-399 a.C.)

Nesse contexto Sócrates é figura singular. Não é conhecido diretamente, pois nada escreveu e dá, dessa forma, ocasião para que alguns ponham em dúvida sua existência real. Seria mais um mito? Não é o que diz Platão.

São três as principais fontes próximas que atestam a existência de Sócrates. A primeira, mais precisa, é Platão que foi discípulo de Sócrates e, nos diálogos socráticos, apresenta a figura de um sábio incompreendido pelos ignorantes. Os diálogos socráticos de Platão tipificam a mentalidade de uma época que se notabilizou pelo prazer no uso da palavra.

Sócrates é apelidado de Tagarela, os sofistas ensinam retórica. Os ginásios e a Ágora são locais em que os mais diferentes assuntos são discutidos, os ágapes, palcos de belos discursos. O diálogo é dialético, é pensar em voz alta com o outro, é a troca de idéias que se dá no momento mesmo de exprimir o discurso e animadas pelo calor da discussão, com os interlocutores intervindo, participando e modulando a relação. A segunda é Xenofonte que, de acordo com Diógenes Laértios foi o primeiro que anotou ensinamentos de Sócrates. A terceira fonte é Aristófanes, comediógrafo. Na peça *As nuvens* ele faz de Sócrates um sujeito caricato, ridículo e risível. Os relatos mais aceitos são os de Platão, porém, neles, há uma dificuldade insuperável: separar o pensamento de Sócrates daqueles de Platão, mas que este atribui àquele. Mesmo assim, é possível demonstrar a pessoa, os modos de ser e de pensar de Sócrates.

Segundo os historiadores, Sócrates é um homem simples sem preocupações com a aparência pessoal. Vivia pelas ruas, praças e mercados de Atenas dialogando, debatendo, indagando, argumentando, fazendo o que lhe dá prazer: conversar. Os diálogos socráticos não se reduzem a relatos de experiências, não são encontradas teses dogmáticas, preceitos a serem seguidos ou normas comportamentais. Neles só há a abertura ao possível proporcionado pelo inacabamento do pensamento que nunca se completa, pois essencial é a ação de pensar, de refletir, de questionar.

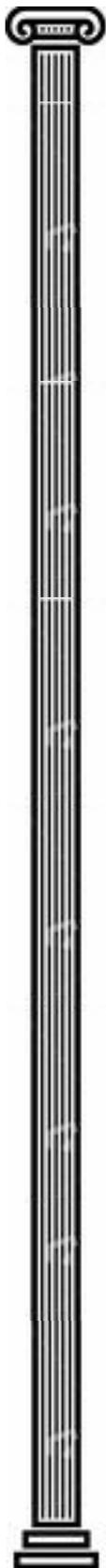
Sócrates não se furta aos deveres da cidadania. Participa de campanhas bélicas e obedece à lei até as últimas consequências, como adiante será visto.

No decurso do rigoroso Inverno da expedição de Potidéia, Sócrates era o único que suportava o frio [...]. Quando, no auge da derrota, se retirava a pé a par de seu general, os inimigos afastavam-se deles temendo, não a pessoa do oficial mas o ar decidido e a bravura de Sócrates. (DUMONT, [1986]: p. 32).

Uma das premissas extraídas de Sócrates é que não é possível ensinar qualquer coisa a alguém principalmente porque se declarava falto de sabedoria. A pessoa deve aprender e ele se propunha a ajudar a alcançar o conhecimento latente, o qual, com auxílio, pode ser trazido à luz.

E o fazia por meio de uma metodologia *sui generis*. Partindo de um mesmo procedimento inicial – a pergunta – alcançava dois objetivos distintos. Os diálogos encetados são um rigoroso exame do tema eliminando o superficial, o particular, a opinião para atingir a essência da questão. A ironia socrática se dá pela multiplicação das perguntas – muitas delas parecendo prenes de ignorância que chegam a irritar o leitor – formuladas de modo a induzir o interlocutor,





que se julga sábio, a cair em contradição, para afinal reconhecer que não sabe. É o método empregado quando debate com os sofistas que, em Atenas, se propõem a ensinar, colocando-os em situações ridículas ao caírem em ciladas armadas por suas palavras que são inconsistentes diante das certezas não provadas que afirmam ter. A maiêutica, literalmente parto de idéias, é o método que também por meio de perguntas, leva as pessoas a extraírem de si mesmas o conhecimento que já possuem, mas que, por estarem como que adormecidas, precisam ser despertadas. Tais procedimentos de Sócrates ficam bem claros na seguinte passagem do *Teeteto*:

Porém a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conhecer é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro. Neste particular, sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. É a razão é a seguinte: a divindade me incita a partejar os outros, porém me impede de conceber. Por isso mesmo, não sou sábio, não havendo um só pensamento que eu possa apresentar como tendo sido invenção de minha alma e por ela dado à luz. Porém os que tratam comigo, suposto que alguns, no começo pareçam de todo ignorantes, com a continuação de nossa convivência, quantos a divindade favorece progridem admiravelmente tanto no seu próprio julgamento como no de estranhos. O que é fora de dúvida é que nunca aprenderam nada comigo; neles mesmos é que descobrem as coisas belas que põem no mundo, servindo, nisso tudo, eu e a divindade como parteira. (PLATÃO, 2001: VII, 150 c-e).

O ensinamento de Sócrates tem o centro no princípio observado no templo de Apolo: "conhece-te a ti mesmo". É uma tarefa que exige esforço ingente de voltar-se para

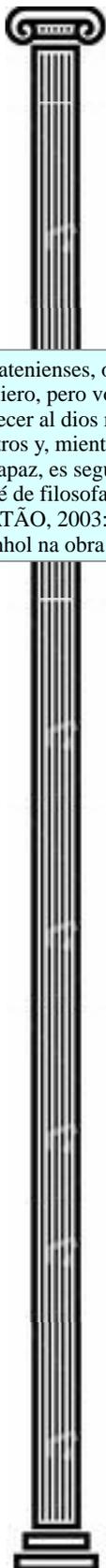
dentro de si e despertar o verdadeiro homem que aí está por se fazer e cuidar de si. Isto se dá pelo conhecimento e confirma o valor do caminho a ser seguido. Na *Apologia* Sócrates afirma:

Se, por outra parte, digo que o maior bem para um homem é precisamente este, ter conversações cada dia acerca da virtude e de outros temas dos quais vós me haveis ouvido dialogar quando me examinava a mim mesmo e a outros e se digo que uma vida sem exame não tem sentido viver para o homem, crerieis em mim ainda menos.

"Si, por otra parte, digo que el mayor bien para un hombre es precisamente éste, tener conversaciones cada día acerca de la virtud y de los otros temas de los que vosotros me habeis oído dialogar cuando me examinaba a mí mismo y a otros y si digo que una vida sin examen no tiene objeto vivirla para el hombre, me creeréis aún menos." (PLATÃO, 2003: 38 a). Em espanhol na obra consultada.

É a ênfase na ética pela pregação da prática da virtude. Porém, ninguém faz aquilo que desconhece. Compreender o que é virtude é pré-condição para possuí-la. Conhecer o que é passa pelo estabelecimento do conceito, meio pelo qual a virtude é atingida porque quem conhece o bem, não pratica o mal, quem conhece a justiça, não é injusto. Conhecer a virtude é já possuí-la. Portanto, para Sócrates, o sábio é virtuoso e o homem virtuoso é feliz porque a felicidade não se encontra em riquezas, honras e paixões, mas na *areté*, na excelência moral, na harmonia e no equilíbrio interior. Aristóteles diz ser Sócrates o primeiro que se fixou no conceito universal e deu início ao modo de proceder da filosofia que, depois, foi aperfeiçoado pelo próprio Aristóteles. Pela convicção de que conhecimento e virtude se implicam, que cada pessoa é detentora desse saber, mas o desconhece, ele se empenha no diálogo com quem se encontra para despertar nele o conhecimento adormecido.

É por consequência dessa convicção, pelo método da ironia empregado que Sócrates coleciona opositores. Estes o acusam de corrupção da juventude, de negar os deuses públicos e de ser contra a democracia. Também se alinham entre seus inimigos os sofistas que não se atêm à verdade e cobram para ensinar.



As polêmicas de Sócrates com os sofistas aparecem em vários diálogos como, por exemplo, *O Sofista* e *Parmênides* em que a ironia sobressai.

Platão critica a condenação de Sócrates no Livro VII de *A República*, no *Mito da Caverna* no relato sobre o homem que sai da caverna e atinge conhecimento da verdade, e ao pretender ensiná-lo aos ainda presos, seria por eles ridicularizado e, esses homens, tentariam matá-lo.

Na *Apologia* Platão reporta o julgamento de Sócrates. Descreve-o combatendo as acusações e fazendo declaração de fé na filosofia: "Eu, atenienses, os aprecio e os quero, porém vou obedecer a deus mais que a vocês e enquanto me animo e seja capaz, é certo que não deixarei de filosofar..."

"Yo, atenienses, os aprecio y os quiero, pero voy a obedecer al dios más que a vosotros y, mientras aliente y sea capaz, es seguro que no dejaré de filosofar..." (PLATÃO, 2003: 29d). Em espanhol na obra consultada.

Os jovens se sentem atraídos pelos fascinantes e potencialmente demolidores diálogos que emanam de um espírito inteligente e perspicaz e o seguem. Ele não precisa dos deuses da *Pólis* porque tem um *dáimon*, uma voz interior a orientá-lo e faz acirrada crítica à escolha dos governantes por sorteio, método que não seleciona o melhor. Não teme os que o julgam e não se curva à possibilidade de se livrar mediante a negação de seus princípios.

Condenado à morte, Sócrates fica preso por um período longo até o dia determinado à ingestão do veneno que lhe é apresentado por um guarda. No início do *Fédon* há a explicação do transcurso de tempo entre a condenação e a execução de sentença ligada a uma tradição de peregrinação em que a cidade presta culto ao deus Apolo e enquanto dura a peregrinação, a *Pólis* não pode se tornar impura por execuções em nome do povo. Instado por amigos que lhe oferecem a possibilidade de fuga, Sócrates a recusa, pois fugir seria renegar tudo o que por toda a vida vivera e acreditar.

Os últimos momentos que antecedem a sua morte são relatados no *Fédon*. Este diálogo é uma meditação sobre a morte e o destino da alma.

Aprende-se com Sócrates o valor dos princípios pelos quais se pauta a vida. Conhecimento e virtude se vinculam porque quem conhece o bem não pode praticar o mal. Assim, aquele que conhece o bem, o pratica e, portanto, é virtuoso. E todo homem virtuoso, nesse sentido, é um homem feliz. Seguir tais princípios arrostando a sociedade por causa das convicções e mais ainda fazer as pessoas compreenderem a importância de segui-los, mesmo quando a morte é eminente, engrandece o caráter de quem é tão sábio a ponto de conhecer os limites de todo e qualquer saber possuído.

Sócrates configura o homem valoroso porque pronunciou palavras simples e disse verdades, conjugou o discurso e a ação, viveu bem a vida digna de ser vivida. Orientou-se por uma filosofia gestada no cotidiano e aprimorada na conversão incondicional de toda a existência.

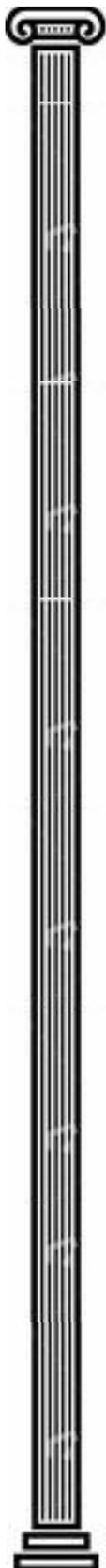
Sócrates não ensinou, não pregou, não doutrinou. Fez-se precioso e desafiador exemplo.

## 2.2 PLATÃO (427-347 a.C.)

Ao contrário de Sócrates, Platão é descendente da nobreza. Segundo biógrafos, começa na filosofia por volta dos 20 anos, com Crátilo, a quem deixa para seguir Sócrates. Acompanha Sócrates por cerca de oito anos, até a morte dele quando, então, sai de Atenas. Viaja à Cirene, ao Egito, à Sicília. Na Sicília, tenta ensinar fundamentos de um bom governo ao tirano Dionísio, de Siracusa. Este, a princípio o aceita, mas depois manda vender Platão como escravo. Libertado, Platão retorna à Atenas e funda a Academia, na qual passa a transmitir seus ensinamentos.

Platão é o grande discípulo de Sócrates e, como já anteriormente referido, assume a tarefa de immortalizar o mestre fazendo-o, com empenho, por meio de suas obras. Estas obras costumam ser organizadas por períodos listando-se os denominados *Diálogos Socráticos* na





primeira fase de produção; pertencem à fase intermediária a *República*, *Fédon*, *Fedro*, *Banquete* e na última fase, na época da maturidade são colocados, entre outros, *Teeteto*, *Político*, *Sofista*, *Parmênides*, *As Leis*. Na verdade não existe concordância absoluta sobre os períodos em que foram escritos nem sobre a autenticidade da totalidade dos textos. Um exemplo pode ser encontrado no comentário introdutório realizado por Emílio Lledó Iñigo na edição dos *Diálogos I*, de Platão publicado pela Editorial Gredos de Madrid. Nas páginas 53-55 traça um quadro comparativo das discrepâncias quanto às fases nas quais foram produzidas as obras, segundo alguns autores.

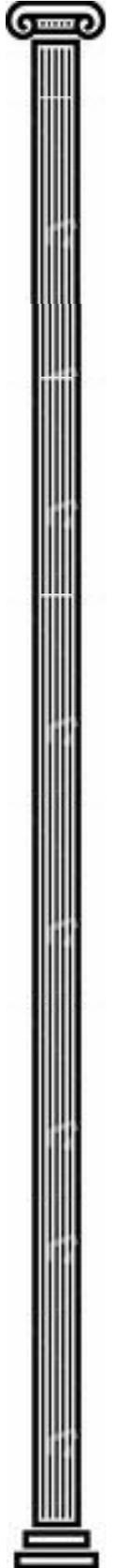
Em face dos sofistas propagadores da relatividade, Platão defende o conhecimento; contra a licenciosidade dos costumes, opõe a educação. E Platão confia na razão, desconfia dos sentidos e esclarece o processo de conhecimento. É possível apresentar as várias concepções de Platão interpretando o significado dos mitos relatados em vários de seus textos. A função do mito em Platão é discutida por pesquisadores que a vêem de muitos modos. Geneviève Droz resume a questão:

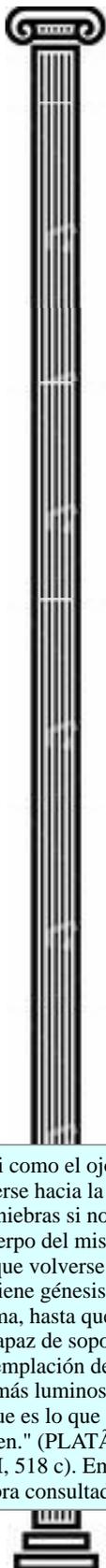
Nesse amplo leque de qualificações, duas concepções do mito parecem dominar: ou ele é uma outra explicação (por meio de imagem ou símbolo) para o conhecido, a explicação mais divertida, repousante, sugestiva ou pedagógica ou, então, é uma hipótese lançada sobre o desconhecido, hipótese verossímil e 'suficiente' para esclarecer-nos sobre uma questão obscura... (DROZ, 1997: p.12).

O mito, em Platão, não tem a mesma finalidade que se mostrou existir na fase mítica do pensamento humano porque caracteriza um estilo literário para comunicar uma mensagem destinado a cativar, convencer, ensinar e é utilizado como um método para facilitar a busca da verdade que nele não está afirmada.

Para Platão são três os níveis do conhecimento: a ignorância, a opinião e a ciência. A ignorância é a falta de conhecimento, é a negação do saber. A opinião é o conhecimento das coisas mutáveis que existem no mundo sensível e a ciência é a verdadeira sabedoria, o conhecimento das coisas imutáveis. Para facilitar a transmissão de seus pensamentos Platão faz uso de um mito célebre: o *Mito da Caverna*, citado anteriormente. Vale a reprodução sintética do mito para se entender a simbologia nele encontrada. Nesse mito Platão relata que, numa caverna escura, estão alguns homens presos, acorrentados e voltados para o fundo da caverna sem poderem olhar para outro lado. Na frente dessa caverna há uma abertura por onde penetra a luz e diante dela passam pessoas conversando e carregando toda sorte de objetos. Os homens presos ouvem vozes, vêem a sombra das pessoas e dos objetos que carregam projetados no fundo da caverna. Vendo as sombras, acreditam conhecer o real. Se um desses homens se libertar e voltar-se para a luz, de imediato seus olhos ficarão cegos pelo excesso de claridade a que não estavam acostumados e precisará, aos poucos, habituar os olhos à luz. Quando sair da caverna constatará que existe um mundo concreto, diferente daquele que pensara antes, vendo sombras. (PLATÃO, L.VII 514a - 519d).

Existe neste texto de Platão o ensinamento sobre o conhecimento. Os presos na escuridão representam aqueles que vivem na ignorância. O homem comum habita e participa da vida da *Pólis*, mas num mundo de coisas fugazes, capta o aparente e se acomoda passivamente com ele, não se preocupa em procurar a realidade. A sombra lhe é suficiente. Desconhece o mundo, mas julga conhecê-lo. O homem que se volta para a luz e tem os olhos turbados é o homem da opinião. Contenta-se em conhecer as coisas mutáveis, partes do mundo sensível.





A opinião, a *doxa* como a chama Platão, não é fato porque se relaciona às paixões, aos interesses particulares, que induzem a ver as coisas sob a ótica mais interessante aos desejos subjetivos e circunstanciais. Por isso é regida pelo constante fluxo da mutabilidade, do devir. Mas ainda não se completou a trajetória, pois a libertação é tarefa custosa. Exige livrar-se da segurança das correntes para voltar-se ao desconhecido, causa a cegueira, a dor nos olhos. Mas o homem ainda está em caminho. Debate-se entre a ilusão, a conjectura e a crença, entre o que está na penumbra e o que os olhos, mesmo mal, podem ver e o que está na luz e não consegue enxergar.

Quem atinge a luz conquista a sabedoria e conhece as coisas imutáveis, perfeitas existentes no mundo das idéias. É o conhecimento do ser que é plenamente inteligível, das essências imutáveis apreendidas pela intuição, indicando que há algo estável, permanente, imutável, para se poder compreender uma coisa em si, não redutível ao que os sentidos vêem maculados pelas paixões, requerendo ingente esforço de captar o inteligível que aí está. Este homem é capaz de comparar o estágio do conhecimento (ou a falta de conhecimento) anterior com o alto grau da sabedoria que agora tem; sente-se penalizado pelos outros e feliz pelo dom alcançado quando saiu da caverna.

Portanto a ascensão no conhecimento não é algo repentino. É uma conquista árdua, exige empenho, esforço, dedicação e coragem para vencer os obstáculos que continuamente se interpõem. Na *República*, Platão faz Sócrates dizer:

"...asi como el ojo no puede volverse hacia la luz y dejar las tiniebras si no gira todo el cuerpo del mismo modo hay que volverse desde lo que tiene génesis com toda el alma, hasta que llegue a ser capaz de soportar la contemplación de lo que es, y lo más luminoso de lo que es, que es lo que llamamos el Bien." (PLATÃO, 2003: L.VII, 518 c). Em espanhol na obra consultada.

Assim como o olho não pode voltar-se para a luz e deixar as trevas senão gira todo corpo, do mesmo modo há que voltar-se com toda alma desde o que nasce até que chegue a ser capaz de suportar a contemplação do que é, e o mais luminoso do que é, que é o que chamamos o Bem.

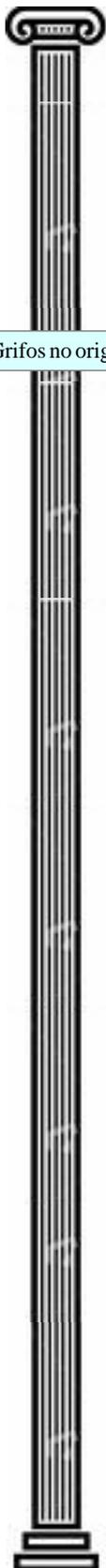
Este Mundo das Idéias perfeitas transcende ao

homem e só é dado a quem conquista a sabedoria. Para estabelecer a ligação entre o mundo sensível e o mundo inteligível, para dizer como se dá a intuição dessas essências separadas daquelas presas ao mundo sensível, Platão utiliza outro mito.

Conhecimento para ele é reminiscência, recordação. Recordação do que? Daquilo que a alma viu no Mundo das Idéias. O mito dos cavalos alados refere-se à alma e remete para uma existência anterior, na qual a alma estava no Mundo das Idéias e contemplou coisas perfeitas. Na verdade, há no homem três almas: a apetitiva, a irascível e a racional. É interessante notar que estas almas ocupam espaço no corpo. A alma apetitiva se localiza nas entranhas, no abdômen e faz alusão aos instintos. A alma irascível está no peito e diz respeito aos sentimentos. A alma racional está na cabeça e representa a razão, o mais nobre no homem. As duas primeiras são mortais. Só a racional é imortal. O mito descreve um carro puxado por dois cavalos alados: um branco mais manso, de boa raça e outro preto, pesado, fogo, indomável. O carro é dirigido por um cocheiro que precisa conduzir adequadamente estes cavalos para o carro não se perder. O cavalo preto representa a alma apetitiva. Ela é comandada pelos apetites, pela condição biológica, instintiva do homem. O cavalo branco representa a alma irascível, sede das paixões e o cocheiro é a alma racional à qual incumbe dominar as outras duas que lhe são inferiores. Mal conduzido o carro, a alma cai do Mundo das Idéias, em um corpo que representa para ela a prisão. Platão utiliza a expressão de ser o corpo o tûmulo da alma. A alma, enquanto esteve no Mundo das Idéias, conheceu as coisas perfeitas. Ao ser aprisionada no corpo vê as coisas do mundo sensível, recorda das coisas perfeitas e deseja retornar. A recordação é possível pela relação que existe entre o mundo sensível e o



Idéia, em Platão, não alude a um conceito mental subjetivo, pois é uma realidade em si, conteúdo objetivo do conceito supramundano, transcendente ao mundo sensível.



Grifos no original.

mundo das idéias. Esta relação é narrada no *Timeu*, pela ação do Demiurgo. Por bondade, faz nascer o cosmos a partir de uma massa caótica, desordenada e em revolução, imprimindo nela a ordem, a organização, a harmonia.

O Demiurgo não tem poder criador. "O artesão, por mais ativo que seja em sua reflexão intelectual não faz mais que organizar uma matéria que *já está lá* imitando um modelo *já existente*, em função de idéias e de números *já inscritos* no mundo inteligível." (DROZ, 1997: p. 127).

Ele faz o mundo dispendo dos elementos da natureza – a água, a terra, o ar e o fogo – e utiliza, por modelo, copiando-as, as idéias perfeitas e infunde alma no mundo dando-lhe ordem e unidade. No *Parmênides* encontra-se a seguinte colocação: "...as formas estão na natureza como paradigmas, e que as outras se parecem com elas e são semelhantes delas." (PLATÃO, 2003: 132 d). Assim, pela semelhança que existe entre as coisas do mundo sensível e do mundo inteligível, justifica-se a identificação de conhecimento com a reminiscência.

A reminiscência é um ponto importante na teoria do conhecimento platônico cujo pilar é a crença na pré-existência da alma e na metempsicose – isto é a crença no retorno das almas que não atingem o grau mais alto do aperfeiçoamento, reencarnando em outros corpos – e sustenta o princípio socrático de que nada se ensina porque não há transmissão de algo exterior para o interior da pessoa na medida em que o saber está na alma e só precisa ser redescoberto por meio de recordação. "...a *anamnesis*, longe de nos religar a uma passado, religa-nos à verdade, isto é, ao Mundo da Idéias, ou melhor ainda, ao ser imutável e eterno." (DROZ, 1977: p. 70).

Nessa ascensão no conhecimento, na qual a alma se eleva da ignorância à intuição, o amor ajuda porque se encontra no meio entre os que estão na ignorância e os

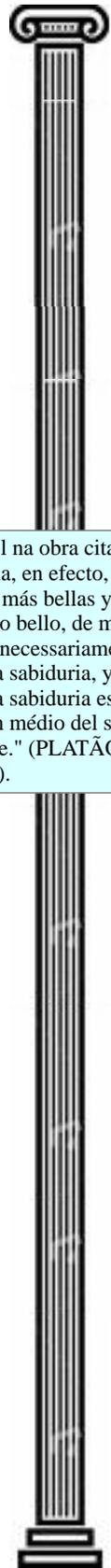
deuses que não precisam buscar o que já possuem. A alegoria do amor, numa bela descrição literária, está no relato que, durante o *Banquete*, Sócrates faz de um ensinamento que recebeu e narra o nascimento do amor cuja mãe Pênia, a Pobreza, lega ao filho a indigência, por isso, Eros não tem morada e está sempre carente e inquieto. Não é belo. É rude e vive na penúria, na pobreza. Do pai Poros, deus da Abundância, Eros recebe a virilidade, a resolução, o desejo do belo e do bom. Aspira o saber e descobre os caminhos que permitem atingi-lo. Eros não possui a sabedoria, mas aspira alcançá-la porque deseja o que não possui. "A sabedoria, com efeito, é uma das coisas mais belas e Eros é amor do belo, de modo que Eros é necessariamente amante da sabedoria, e ser amante da sabedoria está, portanto, entre o sábio e o ignorante.

É porque existe no homem a necessidade do conhecimento e o desejo de alcançá-lo que o faz filosofar, ascendendo no conhecimento do belo desde a visão dos corpos belos, das ações belas para, pela intuição, contemplar a beleza em si.

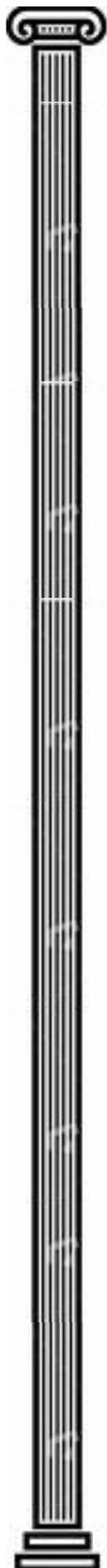
Como se verifica, por meio dos diferentes mitos, Platão transmite idéias sobre o conhecimento, sua necessidade e decurso.

Outro modo de entender o pensamento de Platão é pela leitura de suas obras. Uma rápida apresentação da mais proeminente mostra outros importantes assuntos merecedores de atenção.

A *República* traduz a pregação de Platão sobre educação e política unidas quando ele pensa numa *Pólis* ideal na qual possam ser corrigidos os problemas do cotidiano da Atenas de sua época, dominada por desordens sociais, políticas e intelectuais ocasionadas por feitos guerreiros. Atenas do século IV já perdera as suas maiores conquistas, esfaceladas por projetos guerreiros ambiciosos,



Em espanhol na obra citada: "La sabiduria, en efecto, es una de las cosas más bellas y Eros es amor de lo bello, de modo que Eros es necessariamente amante de la sabiduria, y ser amante de la sabiduria está, portanto, em médio del sábio y del ignorante." (PLATÃO, 1997: 204 b).



por degradação dos costumes e pela deterioração da democracia. Por isso compreende-se a decepção de Platão com a cidade de Atenas. Na carta VII Platão dá testemunho de suas incursões pela política e as decepções sofridas com atitudes tirânicas e injustas dos governantes, o mau gerenciamento da *Pólis* e os processos movidos contra Sócrates. E é a decepção que o faz abraçar a filosofia por crer que só por ela a justiça triunfa. Diz Jaeger: "A justiça tem que ser inerente à alma, a uma espécie de saúde espiritual do homem, cuja essência não se pode por em dúvida..." (JAEGER, 1995: p. 761). Platão não só se empenhou em atividades políticas, mas teorizou a política pensando em um estado ideal, apresentado em *A República* e em um estado real discutido em *As Leis*.

Retira-se de *A República* uma proposta de renovação política e edificação de uma *Pólis* perfeita associada à educação do homem aprimorando-se na excelência moral, na *areté* da alma, pois que existe relação entre a *Pólis* e o indivíduo. Um não pode ser compreendido sem o outro porque são interdependentes e reciprocamente se completam. No Livro II, Platão defende a idéia do surgimento do estado. Ele não o compreende arbitrário, facultativo, mas imprescindível em virtude da incapacidade dos homens de serem auto-suficientes, autárquicos, pois são submetidos às leis imperiosas da natureza.

É, dessa forma, um fato natural. Tem-se uma explicação racional com base empírica: o homem tem necessidades mínimas para sobreviver: alimentar-se, vestir-se, morar. Mas não tem tantas habilidades para produzir tudo o que precisa, então é inevitável a associação com outras pessoas que são capazes de produzir algumas coisas, mas carentes de outras, formando-se um grupo que se auxilia mutuamente.

- Pois bem - diz- segundo estimo, o Estado nasce quando cada um de nós não se auto-abastece pois necessita muitas coisas. Ou pensas que é outra a origem da fundação do Estado?

- Não.

- Em tal caso quando um homem se associa com outro por uma necessidade, com outro por outra necessidade, havendo necessidade de muitas coisas, chegam a congregar-se em uma só morada muitos homens para associar-se e auxiliar-se? Não daremos a esse alojamento comum o nome de Estado?

A *Pólis* platônica é pensada e constituída por três grupos de pessoas com funções diferentes, mas todas igualmente necessárias a esse estado ideal. É uma ordenação social natural da mesma forma que o Estado que prima pela divisão de funções e deriva das necessidades, das aptidões e inaptidões de cada indivíduo considerando que aquele que se ocupa de um ofício para o qual tem natural dom o fará melhor que outros e poderá interagir com os demais repartindo trabalhos que sempre serão executados por especialistas, aqueles que fazem o trabalho da melhor forma possível, aplicadamente e fazem o melhor produto. Contrariando princípios mais básicos calcados na hereditariedade, Platão enfatiza o desenvolvimento de capacidades e a competência porque afirma constituição diferenciada dos homens e demonstra profunda crença no valor da educação, ou melhor ainda, na *paidéia*. Lê-se no Livro IV: “Com efeito, a criança e a educação devidamente garantidas, formam boas naturezas e por sua vez as boas naturezas assistidas por semelhante educação se tornam melhores ainda que as precedentes nas distintas atividades...”

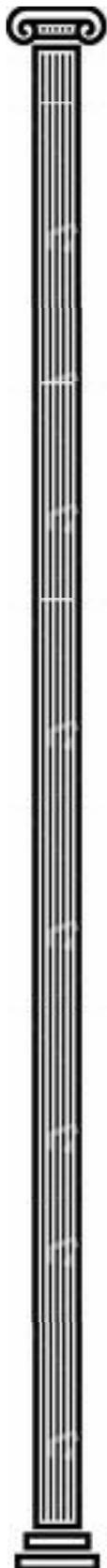
Os grupos são: os trabalhadores, os guardiões e os governantes. A cidade é composta por um grupo encarregado da produção de bens e de alimentos para prover

Em espanhol na obra consultada: -Pues bien –dije – segun estimo, el Estado nasce cuando cada uno de nosotros no se autoabastece, sino que nesecita de muchas cosas. O piensas que es outro el origem de la fundación del Estado?

-No.

- en tal caso cuando un hombre se asocia com otro por una necesidad, com otro por otra necesidad, habiendo necesidad de muchas cosas, llegan a congregarse en una sola morada muchos hombres para asociarse y auxiliarse? No daremos a este alojamiento comun el nombre de Estado? (PLATÃO, 2003 Livro II, 369 b, c).

Em espanhol na obra sconsultada “En efecto, la crianza y la educación, debidamente garantizadas, forman buenas naturezas y, a su vez, buenas naturezas, asistidas por semejante educación se toman mejores aún que las precedentes en las distintas atividades...” (PLATÃO, 2003: Livro IV, 424 a).



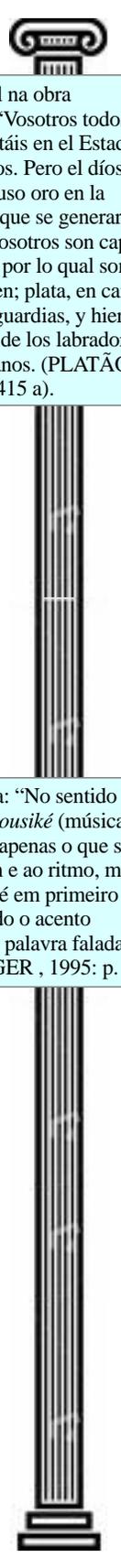
as necessidades materiais, de um segundo grupo que vela pela defesa do estado e a liberdade dos cidadãos e um terceiro, e mais importante, o dos governantes que cuidam da administração e do império da justiça. Platão descreve a função de cada um desses grupos.

Os trabalhadores se dedicam à agricultura, à criação de animais, ao artesanato, à produção, ao comércio, aos negócios, às atividades que geram riquezas e asseguram a subsistência de cada um e o bom funcionamento da *Pólis*. Porém, o crescimento da *Pólis* resultante de ambições que vão além da satisfação das necessidades básicas, incorporando as coisas supérfluas como o desejo do luxo, o poder de ostentação, origina as guerras de conquistas para ampliar territórios e, conseqüentemente, constituir-se-á um exército seja para incursões ou para a defesa da *Pólis*. Avulta, então, a classe dos guerreiros ou guardiões e, segundo o mesmo raciocínio anterior, que para qualquer coisa deve-se exigir o melhor, também requer que sejam especialistas, os melhores. A formação dos homens para a constituição desse exército é parte de todo o processo educativo inculcando neles o vínculo com a *Pólis*, a lealdade e o comprometimento. Diz Jaeger: “Platão prefere, todavia, que seja a própria cidade a produzir uma classe especial de guerreiros. O fato de lhes dar o nome especial de ‘guardiões’ já tem implícita a limitação de suas funções à defesa.” (JAEGER, 1995: p. 764). O terceiro grupo é dos magistrados ou governantes. Trazendo à baila as críticas de Sócrates quanto à escolha de governantes por sorteio, que nem sempre seleciona os melhores, Platão recomenda que esses cargos sejam atribuídos aos dotados de sabedoria. Esta composição se apóia na idéia de que todos têm origem comum, mas são compostos de forma diferente. É o que se encontra na República: “Vós todos quantos habitais o Estado, sois irmãos. Porém, o deus que os modelou pôs ouro na mistura com que se geraram quantos de vós são capazes

de governar, pelo qual são os que mais valem; prata, em troca, na dos guardas, e ferro e bronze na dos lavradores e demais artesãos.”

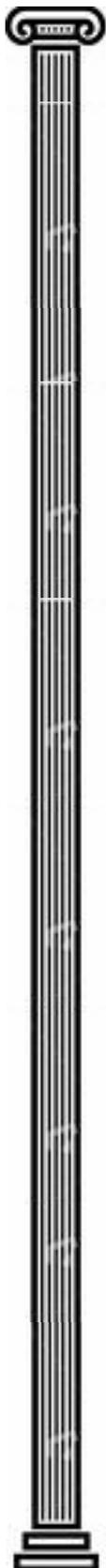
Ao projeto ideal, soma-se a proposta pragmática. Para que a estrutura seja viável, para que em cada grupo sejam congregados os melhores, entra em pauta um programa educativo que tem por fim a preparação de todos habilitando-os para serem capazes de constituir a Pólis superior na condição individual de ser o melhor pela prática da areté, da excelência moral. Esta tarefa incumbe à Pólis. Todas as crianças serão educadas pelo Estado, longe das famílias. Receberão formação que firme o caráter e a personalidade. Platão apresenta um programa que preconiza o que deve ser ensinado e o que deve ser banido nas práticas de educação e que inclui atenção ao desenvolvimento corporal por meio da ginástica e o aprimoramento intelectual com o ensino da música e da arte, sentimento do belo.

O processo educativo serve para identificar as aptidões naturais de cada um e situá-lo nos diferentes grupos da sociedade. Os que são hábeis no comércio, na agricultura e nas atividades manuais e menos dotados intelectualmente são os homens de bronze que constituem o grupo dos trabalhadores. Como se preocupam sobremaneira com a subsistência, com as coisas materiais e com o que diz respeito ao corpo e à vida privada, aperfeiçoam a virtude da moderação, da temperança, do comedimento. Dedicados à produção da riqueza, têm propriedades e se encarregam do sustento de todos. Os guerreiros são selecionados, nesse sistema, entre os que possuem força corporal, coragem e agressividade contra os inimigos, mas docilidade e compreensão para com os amigos. É a proposta de desenvolvimento equilibrado do caráter. Na *República* se encontra a comparação que Platão faz entre o caráter do



Em espanhol na obra consultada: “Vosotros todos cuantos habitáis en el Estado, sois hermanos. Pero el dios que os modeló puso oro en la mezcla com que se generaron cuantos de vosotros son capaces de gobernar, por lo qual son los que más valen; plata, en cambio, en la de los guardias, y hierro y bronce en la de los labradores y demás artesanos. (PLATÃO, 2003: L.III, 415 a).

Jaeger ensina: “No sentido lato da palavra *mousiké* (música) esta não abrange apenas o que se refere ao tom e ao ritmo, mas também, e até em primeiro lugar, segundo o acento platônico – a palavra falada, o *logos*. (JAEGER, 1995: p. 768).



guardião e um cão de raça que se faz amigo e mostra prazer em relação a quem conhece, mas é feroz e bravo com quem desconhece. A educação dos guardiões recebe de Platão especial atenção para que sejam ao mesmo tempo fortes e sensíveis, tenham aguçada percepção dos sentidos, reação rápida, destreza, valentia, sem deixarem de ser amáveis e delicados; para que desenvolvam a sabedoria prática e saibam liderar, e também para que mostrem preocupação com o bem daqueles que estão sob seus cuidados. Por isso se inclui na sua educação a música, a ginástica e provas que avaliam correção, retidão de caráter e incorruptibilidade.

Os guerreiros mostrando liderança e os melhores dons, entre os vinte e os trinta anos recebem especial atenção para se tornarem governantes. Por cerca de cinco anos recebem ensinamentos de filosofia, matemática, astronomia e dialética. Depois, exercem cargos públicos e comandos nas batalhas para conhecerem todas as situações que ocorrem na *Pólis*. Aos cinquenta anos, os escolhidos passam a determinar como a *Pólis* será governada.

“Ao guardião que terá dado as provas de sua ‘vontade’ de justiça, serão ensinadas as ‘disciplinas despertadoras’, aquelas que ensinam, por sua prática mesmo, a descer do sensível, a educar o olho da alma.” (CHÂTELET, 1981:p.101).

A educação dos governantes tem como fim assegurar o funcionamento do Estado Ideal pela estruturação da educação dos demais. É a preocupação em educar os educadores para, munidos dos mais altos conhecimentos, serem aptos a assumir e exercer com competência a função que lhes cabe. Verifica-se que é atribuída ao governante uma ação prática, alicerçada numa formação do espírito que ofereça o conhecimento do bem, fim último da conduta dos homens. O filósofo é aquele capaz de intuir as idéias para além do que se mostra aos sentidos. É a capacidade racional de, por um ato mental simples, captar a essência e atingir o

o conhecimento imediato, sem a mediação dos sentidos ou da experiência, que desnuda o sentido imanente da essência das coisas em si mesmas. Assumir a multiplicidade, a desordem implícita na mutabilidade é anular a possibilidade do conhecimento do uno e concordar com a redução à *doxa*.

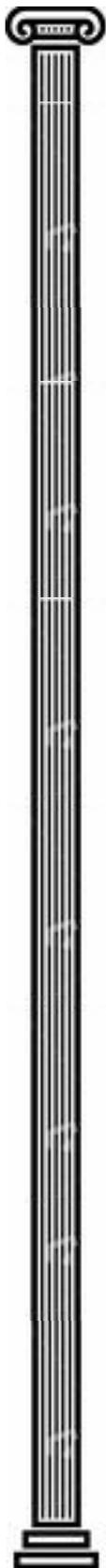
O filósofo sente prazer em saber e se alegra em contemplar a verdade. Deve ter inteligência, ser eficiente e amar o estudo. Ele atinge o conhecimento das idéias e é capaz de contemplar o mundo das coisas imutáveis, eternas e do Bem em si mesmo pelo qual deverá plasmar-se. Contemplação é visão intelectual que prescindir dos sentidos e conhece a coisa em si, a realidade, a essência objetiva e imutável do que é. A este homem que se ergue a este patamar do saber e reúne em seu caráter e formação a política e a filosofia será atribuído o governo da cidade. Para ser capaz, Platão propõe um programa educativo especial que se estende até os cinquenta anos. Estuda filosofia, matemática, dialética, belas artes. Durante cerca de quinze anos exerce cargos públicos para conhecer o mundo. Aos cinquenta anos este homem vive na contemplação do bem em si definindo como o Estado deve ser dirigido.

Há outro fator de significativa importância na formação dos homens que compõem a *Pólis*: as virtudes. Estas são funções da alma e são determinadas pela natureza do homem e pelas partes nas quais a alma se divide. “... há funções da alma que nenhuma outra coisa distinta dela podia cumprir.

Cada um deve alcançar o que compete à sua condição. Para os trabalhadores, a virtude a ser alcançada é a moderação; os guerreiros necessitam da coragem e os governantes devem ser detentores da sabedoria. Estes devem cultivar a justiça. A justiça é a virtude de todos os homens e se realiza na medida em que cada um se aprimora na virtude que lhe cabe na sua função na *Pólis*.

Em espanhol na obra consultada: “...hay funciones del alma que ninguna otra cosa distinta de ella podia cumplir.” (PLATÃO, 2003:L. I, 353d ).





Verifica-se, pois, a estreita relação entre ética e política, o cuidado da alma e o cuidado da *Pólis*. Se há no Estado Ideal de Platão uma conotação elitista – esta é uma acusação seguidamente levantada contra ele – pensa-se que se trata de mostrar a possibilidade de, pela educação, formar o homem a partir do Estado e o Estado a partir do homem. De omissão não se pode acusar Platão. Mostra-se desencantado com a *Pólis* de seu tempo, mas não se exime. Pensa para ela uma forma diferente, alternativa, trazendo a possibilidade de mudança. Ultrapassando a ordem do real professa a esperança e exorta o ideal. A *Pólis* perfeita, bem construída, bem administrada é sábia, corajosa, moderada e justa.

Numa visão de conjunto verificam-se as relações de identidade, marcas *sui generis* do pensamento platônico.

Os três níveis de conhecimento, ignorância, opinião, ciência ou sabedoria captam coisas diferentes: o primeiro só atinge o não ser; na verdade é um não saber. No nível da opinião sabe sobre as coisas mutáveis do mundo sensível. O da sabedoria conhece as coisas imutáveis do mundo das idéias.

Quando faz referência às almas, distingue três partes: apetitiva, irascível e racional. Cada uma direciona um dos grupos que constituem a sociedade: os trabalhadores, os guerreiros e os governantes e cada um deve desenvolver a virtude que lhe compete. Os trabalhadores devem cultivar a moderação, os guerreiros a coragem e os governantes a sabedoria.

O conjunto do pensamento de Platão defende a harmonia entre as partes e o todo, entre os homens que fazem parte da *Pólis* e a *Pólis* no exercício da função de proporcionar a cada um as condições de serem os melhores, realizando em si a idéia de Bem e nisso encontrando a felicidade. A felicidade é estabelecer equilíbrio e harmonia na vida.

Há na filosofia de Platão uma proposta de conciliar as antinomias de Heráclito e Parmênides pensando, ao lado do mundo material, sensível e mutável, um outro transcendente e imutável, estipulando a ciência conhecimento universal e necessário. Introduce o dualismo que faz possível a aceitação de antípodas como alma e corpo, material e imaterial, bem e mal.

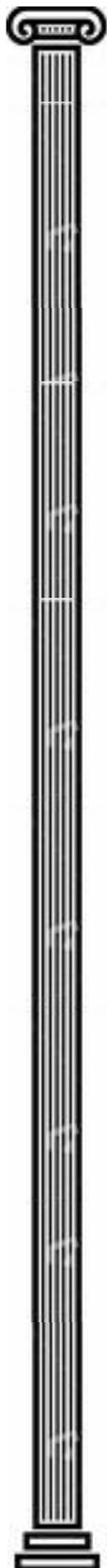
O idealismo de Platão propõe não somente uma cidade ideal, mas uma vida ideal que supera as limitações do material e se realiza na dimensão do espírito e na contemplação. A formação desse homem novo fará possível a sociedade da justiça e da felicidade.

### **2.3 ARISTÓTELES (384-322 a.C.)**

O grande discípulo de Platão celebra as qualidades do mestre como educador quando mostra os conhecimentos adquiridos e quando o supera e aperfeiçoa na construção de doutrina própria. Em Aristóteles há influências do ensinamento de Platão, porém ele não os assume no todo porque, se alguns aceita, nega outros e por fim desenvolve um pensamento original, autônomo.

Segundo se lê nas exposições de autores, Aristóteles, filho de médico da corte do rei da Macedônia, foi para Atenas e ingressou na Academia de Platão e lá permaneceu por 20 anos. Depois da morte de Platão viajou por regiões da Ásia Menor. Em 343 foi chamado por Felipe, da Macedônia, para ser educador de Alexandre, futuro rei que ficou conhecido na História como Alexandre, o Grande. No período que frequentou a corte e as viagens empreendidas exerceram influência na grande erudição de Aristóteles mostrada na diversidade de assuntos por ele tratados como fisiologia, botânica, zoologia, ética, política, astronomia. Na relação das obras de Aristóteles destacam-se três de

Diôgenes Laértios apresenta um catálogo delas e termina dizendo: “seus escritos totalizam 445.270 linhas” (1988: p. 135).



leitura obrigatória pela atualidade dos ensinamentos, apesar do grande intervalo entre o tempo de sua redação e hoje. São elas *Metafísica*, *Política* e *Ética a Nicômaco*. Nelas estão os grandes temas, alvos de debates e colocam Aristóteles na vanguarda da filosofia de todas as épocas.

Quando Alexandre assume o trono, Aristóteles volta para Atenas e funda a sua escola, o Liceu. Este local era cercado por jardins e Aristóteles ensinava andando por estes caminhos (*perípatos*) donde lhe vem o apelido de Peripatético. É considerado o filósofo por excelência porque, mais importante que a gama de assuntos tratados é o fato de entrelaçar as idéias dos pensadores anteriores em um tecido único e acabado.

Os estudiosos classificam as obras de Aristóteles em *esotéricas* e *exotéricas*. As primeiras incluem os ensinamentos ministrados aos alunos do Liceu e, apesar de terem ficado desaparecidos por um longo período, chegaram até hoje e delas aprende-se as doutrinas de Aristóteles; as segundas eram destinadas ao grande público e delas restam poucos fragmentos. Barnes afirma:

Aristóteles foi coletor infatigável de fatos de cunho zoológico, astronômico, meteorológico, histórico, sociológico. Algumas de suas pesquisas políticas foram levadas a efeito no período final de sua vida no qual, de 335 a 322, ele deu aulas no Liceu de Atenas; boa parte de suas pesquisas biológicas foi realizada em seus anos de viagem entre 347 e 335. (BARNES, 2001: p. 35).

As ciências, para Aristóteles, se inscrevem em três ramos: teóricas, práticas e poiéticas. As ciências teóricas são conhecimentos desinteressados, não servem a um fim particular, visam a verdade a ser alcançada pela contemplação, a ativação da razão. Nelas se enquadram a física, a matemática e a metafísica. As ciências práticas visam o bem agir do homem, sua perfeição e são, a ética, a

política e a lógica, ou como diz Aristóteles, as ciências das coisas humanas. As ciências poiéticas têm como meta alcançar a perfeição das obras feitas pelo homem e são a retórica e a poética.

Sobre o conhecimento se assenta a continuidade e a separação entre Platão e Aristóteles. Do mestre conserva a crença na sabedoria como conhecimento da verdade: só não consegue acreditar estar ele separado das coisas. Abrindo o Livro I, da *Metafísica*, encontra-se a afirmativa categórica: “Todos os homens por natureza desejam saber.”, mostrando

Em espanhol na obra consultada: “Todos los hombres por naturaleza desean saber” (ARISTÓTELES, 1994, L. I, I.

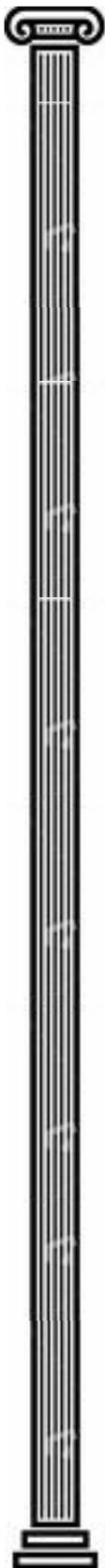
que concebe o conhecimento como intrínseco à própria natureza humana e mais adiante complementa: “... os homens - agora e desde o princípio – começaram a filosofar ao ficarem admirados ante algo...”.

Concorda também que o conhecimento não pode ser do contingente, mutável, instável. Como Platão, também aponta níveis diferentes quando o conhecimento é só sensação, experiência ou sabedoria, entendendo nesse último nível a ciência que se ocupa dos primeiros princípios e causas supremas como consta na *Metafísica*.

“... los hombres - ahora y desde el principio - comenzaron a filosofar al que darse maravillados ante algo...” Em espanhol na obra consultada: (ARISTÓTELES, 1994, L. I, II, 982b 15).

Platão tentou reunir Heráclito e Parmênides aceitando o devir e o ser afirmando a possibilidade do conhecimento das coisas mutáveis no nível da opinião e considerando verdadeiro conhecimento a sabedoria, a contemplação das idéias imutáveis.

Discordando do idealismo platônico propõe solução realista e defende que o conhecimento se dá por um processo de abstração intelectual a partir dos dados dos sentidos. Isto é, pelos sentidos apreendem-se as coisas particulares e a inteligência, abstraindo das qualidades singulares caracterizadoras extrai a essência, elemento universal e necessário do ser.



Seja como for, o pensamento aristotélico assinala um retorno decisivo ao sensível, se não às coisas da terra. Em vez de procurar elevar-se à contemplação do termo mais nobre da analogia, como seu mestre, Aristóteles procura, pelo contrário, o meio de formular o que em cada indivíduo, considerado na sua originalidade, singularidade particular e existência concreta, se pode tornar objeto de conhecimento. O único termo real é o indivíduo. São eles predicados que são atribuídos às coisas e inseparáveis do ser, isto é, têm existência própria. (DUMONT, [1986]: p. 59).

Rompe com a dualidade dos mundos como a entendia Platão e traz o conhecimento para dentro do homem confiando-o à razão porque é convicto que o pensamento pode visar as coisas em si mesmas. Pela ciência que estuda o que é em si, ou Filosofia Primeira como a denomina Aristóteles, alcança-se o conhecimento dos princípios, do universal e necessário. Esta é a ciência do que é enquanto é. Ela objetiva precisar o que primeiro é considerado no saber para ser o verdadeiro conhecimento e reconhece-a superior a todas as ciências particulares que só se ocupam de aspectos específicos recortados da totalidade do ser. É que entende que em toda a mudança há algo que permanece. Este algo é a essência, o que identifica o ser como determinado ser (e não outro) apesar dos aspectos distintos que pode apresentar e se assenta em que todo ser existente tem essência. Ao estudar o ser definindo-o como aquilo que é e considerando-o sob dois aspectos, o estático e o dinâmico, apresenta suas teorias de substância e acidente. Contrapõe à substância, a coisa que subsiste, o que denomina de acidente, ou seja, os elementos que podem existir ou deixar de existir sem que com isso se mude o ser. São eles predicados atribuídos às coisas e inseparáveis do ser, isto é não têm existência própria. São nove as categorias de acidentes que aderem à substância: qualidade, quantidade, tempo, lugar relação, ação, paixão, situação e

hábito. Os acidentes que se manifestam no ser são pois contingentes. Se a percepção mostra os acidentes, a razão extrai, para além deles, a essência, o pensável, o permanente. Os acidentes só têm existência na substância, o que é permanente.

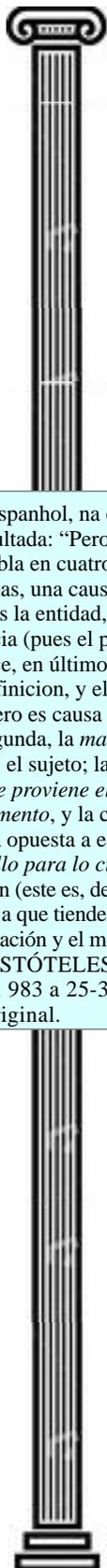
Aristóteles resolve o problema do Mundo das Idéias de Platão, mundo separado e transcendente, transportando-o para o mundo natural. A partir dessa concepção decorrem outras explicações, pois apesar de todas as coisas, aparentemente, estarem em constante mudança o que impossibilita o conhecimento verdadeiro, há, subjacente à mudança, elementos fixos. Os seres são compostos de matéria e forma. Matéria é o elemento de que se constitui o ser, a forma é o fundamento essencial, princípio substancial, determinante, imanente, que dá forma à matéria. Assim, toda a mudança é receber formas. Os seres particulares têm na forma o princípio da sua universalização e na matéria o princípio da individuação. Esta matéria, na mudança, recebe formas diferentes.

Em consonância encontra-se também a teoria do ato e da potência. Se os seres estão em contínua mudança, se a matéria recebe diferentes formas é porque existe no ser um dinamismo para realizar, tornar atual uma potência. Algo que muda é porque possui a capacidade de mudar. Porém tal mudança não é aleatória. Ela é a atualização de uma potência.

Um ser atual tem capacidade de se transformar em outro para o qual tem a potência. Uma semente (ser atual) tem potência para ser uma árvore, mas não qualquer árvore. Somente aquela para a qual tem a potência.

As teorias da matéria e forma e do ato e potência respondem satisfatoriamente ao problema do movimento acirrado polarmente por Heráclito e Parmênides. Aristóteles aceita o devir e aceita também a imutabilidade. Os seres mudam, mas não caem no não ser porque atualizam uma potência que já é deles, recebendo a matéria formas





diferentes. Aquele que tem olhos vê; se estiver com os olhos fechados, tem a capacidade de ver, mas não vê atualmente. Passar da potência a ato é realizar a perfeição do que já existe de forma imperfeita.

Todo o ser que muda, o faz em direção à perfeição e é sempre um ser contingente, isto é, que pode ou não existir. Com relação à compreensão da contingência do ser, Aristóteles desenvolve a doutrina das causas afirmando que todo ser contingente é causado e aponta quatro causas do ser: causa material, causa formal, causa eficiente e causa final. Ao se tomar como exemplo uma escultura que representa um cavalo, tem-se: causa material é a matéria utilizada, mármore, bronze, argila. A causa formal, a forma de cavalo. A causa eficiente é o escultor e a causa final é o objetivo para o qual foi feita a escultura, ser colocada num jardim, participar de uma exposição.

Em espanhol, na obra consultada: “Pero de ‘causas’ se habla en cuatro sentidos: de ellas, una causa decimos que es la entidad, es decir, la esencia (pues el porqué se reduce, en último término, a la definición, y el porqué primero es causa e principio); la segunda, la *matéria*, es decir, el sujeto; la tercera, *de donde proviene el inicio del movimiento*, y la cuarta, la causa opuesta a esta última, *aquello para lo cual*, es decir, el bien (este es, desde luego, el fin a que tienden la generación y el movimiento).” (ARISTÓTELES, 1994, L. I, III, 983 a 25-30). Grifos no original.

Porém de ‘causa’ se fala em quatro sentidos: delas, uma causa dizemos que é a forma, quer dizer, a essência (pois o porque se reduz, em conclusão, à definição e o porque primeiro é a causa e princípio); a segunda, a matéria, quer dizer o sujeito, a terceira de onde provém o início do movimento e a quarta, a causa oposta a esta última, aquilo para o qual, quer dizer, o bem (este é, desde logo, o fim) a que tendem a geração e o movimento.

Ora, um ser causado, tem uma causa anterior, e este tem uma causa anterior e assim pode-se retornar ao infinito, buscando as causas.

Porém, ensina Aristóteles, é impossível retornar ao infinito. A razão mostra que deve existir uma causa primeira, um primeiro motor imóvel que move sem ser movido, que causa sem ser causado. Este primeiro motor imóvel é Ato Puro que tem em si a perfeição. Do mesmo modo também não se pode pensar no infinito com relação aos fins e, portanto, deve haver um fim último para o qual

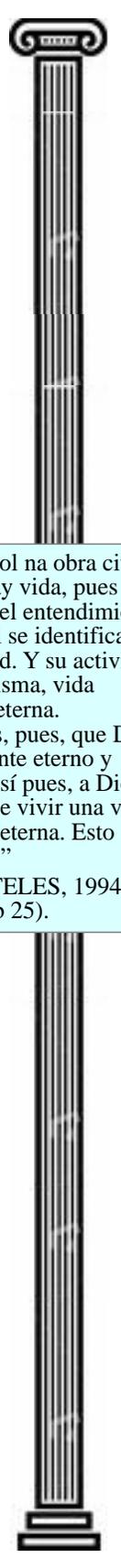
todas as coisas tendem. E este fim, ensina Aristóteles, é o bem. Percorrendo o que são bens em sentido particular, conclui que as coisas se movem em direção ao melhor que é o bem em si mesmo. Na *Ética a Nicômaco*, discorrendo em todo o Livro I sobre os diversos tipos de bem que se apresentam ao homem, conclui que o melhor bem é a felicidade que é autossuficiente, porque desejada por si mesma e não como meio para outros fins. E conclui “Então a felicidade é o melhor, mais belo e mais agradável dos bens...” (ARISTÓTELES, 1992: L. I, 1099 a 8).

É ainda na análise do ato e potência que Aristóteles deduz a existência de Deus que se encontra tanto como causa inicial e final ao argumentar a impossibilidade de algo provir do imperfeito. O primeiro movimento deve provir de algo que existe necessariamente; move sempre porque nele nada há de limitado, é impassível e inalterável.

E nele (Deus) há vida, pois a atividade do entendimento é vida e ele se identifica com tal atividade. E sua atividade é, em si mesma, vida perfeita e eterna. Afirmamos pois que Deus é um vivente eterno e perfeito. Assim pois a Deus corresponde viver uma vida contínua e eterna. Isto é, pois, Deus.

Verifica-se que as coisas sensíveis do mundo material servem de base para a filosofia especulativa atingir a realidade existente do que é em si e que é racionalmente conhecido.

Com a Filosofia Primeira Aristóteles estabelece o princípio distintivo entre conhecer o particular (e este é função de toda a qualquer ciência que seleciona um objeto ou um aspecto de um objeto para alvo de seus estudos) e conhecer o fundamento do que pode ser conhecido como faz a filosofia, ou atingir a inteligibilidade do ser. Portanto a tese da metafísica de Aristóteles é que as coisas existem e são inteligíveis por uma atividade de pensamento que é capaz de



Em espanhol na obra citada: “Y en él hay vida, pues la actividad del entendimiento es vida y él se identifica con tal actividad. Y su actividad es, en sí misma, vida perfecta y eterna. Afirmamos, pues, que Dios es un viviente eterno y perfecto. Así pues, a Dios corresponde vivir una vida continua y eterna. Esto es, pues, Dios.” (ARISTÓTELES, 1994: L. XII, 1072 b 25).



conhecer a essência do ser, porque a realidade última reside na forma imanente do ser que subjaz e pode ser intuída dos seres do mundo físico.

### 2.3.1 ÉTICA E POLÍTICA

Ética e política examinadas por Aristóteles são ciências práticas e tem como objetivo o bem agir do homem. Nisso diferem das ciências teóricas. Aristóteles denomina a política de Filosofia das coisas humanas. Expostas em livros distintos, a *Ética a Nicômano*, a *Ética a Eudemo* e a *Grande Ética*, e na *Política*, ética e política, para Aristóteles, não podem ser pensadas separadas, pois dizem respeito à vida do homem em sociedade e os ensinamentos que aí se encontram mostram o propósito educativo de tornar os homens bons praticando atos bons.

Barnes aponta alguma notas sobre termos gregos que destacam um sentido mais denso e amplo do que aquele apresentam nas traduções. Assim *ethika* tem sentido de questões relativas ao caráter; *areté*, traduzido por virtude, diz menos do que por excelência, o que é o melhor e *eudaimonia*, traduzido por felicidade, é melhor entendido por florescer, fazer da vida um êxito. (V. BARNES, [1999], p.130). Pierre Pellegrini no comentário à edição francesa da obra *Les Politiques* afirma: “É ética, no sentido próprio do termo, aquilo que tem traço do caráter (*ethos*) do indivíduo.”

Em francês na obra consultada: “Est éthique, au sens propre du terme, ce qui a trait au caractère (ethos) de l’individu”. (PELLEGRINI, in ARISTOTE, 1993: p. 25).

Aristóteles define o homem como *zoon politikón*, isto é, um animal da *Pólis*, um ser que tem como espaço de vida biológica e vivência a sociedade. Por sua natureza, e comparado com outros seres, o homem é o mais frágil no mundo natural e incapaz de sobreviver sozinho. Ele nasce num grupo humano, a família, e dele depende por muito tempo. E a *Pólis* se constitui de famílias. Portanto há forte

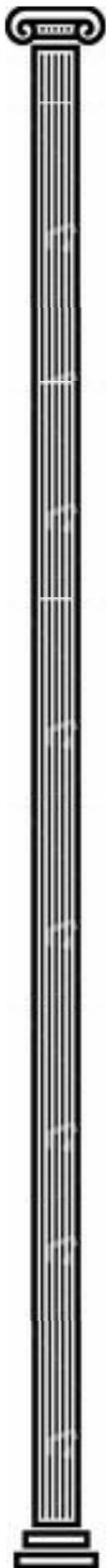
ligação entre desenvolver o caráter dos indivíduos e tornar melhor a *Pólis*, pois são ações interdependentes e de recíproca influência. A educação dos homens na excelência é uma ação política e o modo perfeito de viver dos homens provoca a excelência da *Pólis*.

“...pois afirmamos que a finalidade da ciência política é a finalidade suprema e o principal empenho desta ciência é infundir um certo caráter nos cidadãos – por exemplo, torná-los bons e capazes de praticar boas ações.” (ARISTÓTELES, 1992: 1099 b 9).

Compreendidas como formação do caráter do indivíduo e constituição excelente da *Pólis*, ética e política, além de inseparáveis, são complementares. A pergunta que desde Sócrates se coloca: a virtude pode ser ensinada?, Aristóteles submete ao crivo da reflexão, por isso lhe é fácil afirmar não ser o homem virtuoso por natureza. Porém possui a disposição, a tendência para a virtude. E isto está colocado no início o Livro I, da *Ética a Nicômano*: “Toda arte e toda indagação assim como toda ação e todo o propósito visam a algum bem; por isso foi dito acertadamente que o bem é aquilo a que todas as coisas visam.” (ARISTÓTELES, 1992: 1094 a 1).

Os homens são seres inteligentes e são capazes de boas ações. Aristóteles distingue entre a excelência intelectual e a moral ou, dizendo-se de outro modo, as virtudes dianoéticas e éticas. Enquanto excelência ética, por dizer respeito ao caráter e ser em parte racional e parte irracional não é constitutivo natural do homem, mas só uma potencialidade a ser desenvolvida pela prática, pois se aprende a fazer algo, fazendo. Agindo bem o homem cria normas que distinguem as ações excelentes como tais. É adquirida pelo costume, pelo hábito, pelo exercício repetido e é compartilhado pelo grupo e precisa ser dirigido pela reta razão. Isso assegura ao homem a correção da ação e a aprovação da comunidade. Afirma serem os homens dotados da tendência para o bem. Isto lhe permite





presumir que todo o homem é capaz de agir de acordo com a reta razão escolhendo, deliberadamente, o correto. Portanto ter a capacidade não é ter a virtude, pois esta é a perfeição das capacidades naturais alcançadas por aprendizagem constante dependente da vontade, de querer a excelência. Então ser bom é uma escolha feita pelo homem. Excelência intelectual é fruto da educação e por meio dela é aprimorada.

A excelência moral tem inimigos que a solapam, a destroem. São o excesso e a deficiência. Exemplifica utilizando-se da análise de vários atos originados dos sentimentos, dos impulsos e das inclinações. Destacando a coragem diz que aquele que tem medo de tudo e não enfrenta coisa alguma torna-se covarde. Ao contrário quem nada teme e enfrenta tudo sem medir conseqüências é temerário. Portanto, a virtude ética se encontra em optar pelo justo meio representado pelo equilíbrio entre os extremos. É uma escolha, feita pelo homem dotado de discernimento, para agir bem na sociedade. Mas não é suficiente porque quem pratica o ato tem que ter conhecimento do que faz e fazê-lo por decisão própria.

... se os atos condizentes com várias formas de excelência moral têm uma certa qualidade em si, isto não quer dizer que eles foram praticados justamente ou moderadamente; o agente também deve estar em certas condições quando os pratica; em primeiro lugar ele deve agir deliberadamente e ele deve deliberar em função dos próprios atos; em terceiro lugar sua ação deve provir de uma disposição moral firme e imutável. (ARISTÓTELES, 1992: L. II, IV, 1105b).

Na *Ética a Nicômaco* se detém demoradamente no estudo de várias virtudes morais, apontando para cada uma o excesso, a falta e a mediania e insistindo que a excelência moral está no meio termo. A procura pela excelência moral e a sua prática no dia a dia do convívio tornam viável a vida em comum porque o autodomínio preludia o respeito pelos demais.

No Livro V de *Ética a Nicômano* foca a justiça. Salienta que não é uma aptidão como as demais virtudes, mas é uma disposição, definindo-a, de imediato “... a justiça é a disposição da alma graças à qual elas (as pessoas) se dispõem a fazer o que é justo, a agir justamente e a desejar o que é justo;” (ARISTÓTELES: L. V, I, 1129 a).

Justo é o certo e está em conformidade com a lei pois ela só prescreve o que visa a excelência moral. A ênfase na justiça se dá porque ela não é somente uma parte da excelência moral, é a excelência moral por inteiro, completa, visto que é praticada em relação ao outro e o detentor dessa excelência não a utiliza somente para si mas a exerce para e com os demais. Ao interferir nas relações entre os homens, ordena-as harmonicamente para que todos sejam respeitados. A justiça é conformidade à lei. Mas, quando ocorre a desigualdade, a injustiça, a justiça é restabelecida pelo equitativo, não necessariamente determinando o igual mas o reto. A proposta é estabelecer uma equidade, igualdade proporcional entre as pessoas. A desproporção e a desigualdade desencadeiam as desavenças, os desentendimentos e a desarmonia entre os homens e entre as nações.

O cultivo das virtudes, conquistadas por meio do hábito, não é bastante em si mesmo. Junto com elas são cultivadas as virtudes dianoéticas ou intelectuais, virtudes da alma racional. Aristóteles distingue as atividades da razão segundo se ocupem das realidades mutáveis ou das coisas imutáveis, ou seja, o princípio supremo e por isso aponta duas virtudes passíveis de se aperfeiçoarem por meio da educação e do conhecimento: a prudência (*phrónesis*) e a sabedoria (*sophia*).

A prudência é a virtude que permite deliberar sobre o que é melhor. Por meio dela ocorre a escolha da mediania nas virtudes éticas. Se estas são guiadas pelos impulsos e sentimentos e podem errar por falta e por excesso, optar pelo





meio termo, o justo meio requer a reta razão, um juízo prático orientador e retificador das ações para se tornarem atos bons. Este juízo prático é a prudência, virtude intelectual prática que aperfeiçoa e ordena o fazer, aplicando sobre este o saber. Assim é possível ao homem dirigir sua vida para o bem

A sabedoria é o conhecimento das coisas imutáveis, conhecimento especulativo. Abstrai desejos e tem por objetivo conhecer por conhecer, atingindo os princípios que não podem ser de outro modo. O exercício desta excelência moral por meio da atividade contemplativa permite alcançar a felicidade. É a sabedoria uma atividade intelectual teórica que tem fim em si mesma, é autossuficiente. E é esta a que produz a felicidade perfeita, fim último que orienta toda a ação do homem. O intelecto, diz Aristóteles, é o divino no homem e lhe permite alcançar a felicidade, a atividade excelente e o propósito maior a conquistar.

Há, pois, no estudo da excelência, uma hierarquização entendendo-a em diferentes níveis. A hierarquia vai das virtudes éticas que, por serem oriundas dos sentimentos e desejos têm sempre um fim relativo e subordinado e visam o desenvolvimento do caráter de cada homem, às virtudes práticas que ordenam as éticas e à sabedoria que tem a primazia porque se refere a um fim último e é necessariamente presumida pelas outras. Se não há o conhecimento do bem supremo cai o pressuposto primeiro de Aristóteles de todas as coisas tenderem para o bem e da bondade do indivíduo. Em toda a Ética há o propósito de mostrar que é viável, seguindo princípios da sabedoria, viver perfeita e harmoniosamente a vida cotidiana. A ação excelente é dever de todos e produzida por meio da educação. Porém na condição de ser que vive em sociedade cuja realização depende também de condições exteriores, ao lado da ética, Aristóteles pensa também o Estado porque o bem dos indivíduos depende do Estado

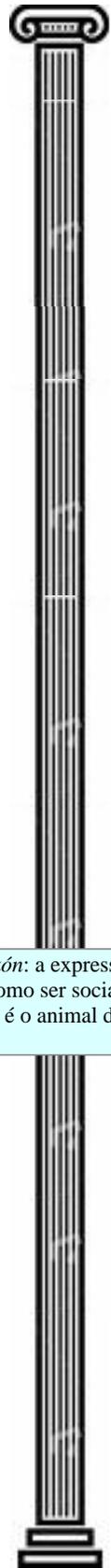
tanto quanto o bem do Estado depende da qualidade dos homens que o constituem. Vida individual e vida em conjunto compõem a unidade representada pela *Pólis* e o bem é o fim almejado por ambos. Mas o da *Pólis* é mais importante porque o individual se amplia para todos, pois o fato de não ser autossuficiente impede o homem de viver sozinho, apartado das demais pessoas. Nesse sentido Aristóteles assume posição radical quando aponta os extremos em que se coloca aquele que não convive com o grupo, o que não compartilha o espaço político: ou é um animal ou se compara com os deuses. Aponta também a necessidade de procriação e manutenção da espécie. Mais importante ainda é o fato que ele é dependente também no aperfeiçoamento ético e político.

A *Política* é um tratado que estuda a principal ciência prática, a que oferece os meios para a conquista da excelência. Ela, porém, não é uma ciência exata. Nela é analisada a relação do homem com o Estado, a origem do Estado e as formas de governo e trata das regras relativas à convivência humana levando em conta circunstâncias da organização, da educação e do governo. É por semelhante procedimento metodológico aplicado ao estudo da Ética que ele procede ao estudo da *Política*.

Tendo como princípio a idéia de ser o homem *zoon politikón* o que traz implícita a idéia da necessidade do

homem de viver em conjunto com outros homens, apresenta a origem do Estado como natural, exigida pela indigência do homem. O homem é gerado numa família e o conjunto das famílias compõem o Estado. Portanto, tal como a condição política do indivíduo é natural também o é a formação do Estado que se organiza para oferecer a possibilidade de viver vida feliz.

É com essa afirmativa categórica que Aristóteles abre a *Política*:



*Zoon politikón*: a expressão é entendida como ser social, literalmente é o animal da *Pólis*.



Em francês, na obra referida: “Puisque toute cité, nous le voyons, est une certaine communauté, et que toute communauté a été constituée en vue d’un certain bien (car c’est en vue de ce qui leur semble un bien que tous les hommes font tout ce qu’ils font), il est clair que toutes [les communautés] visent un certain bien, et que, avant tout, c’est le bien suprême entre tous que [vise] celle qui est la plus éminente de toutes et qui contient toutes les autres. Or c’est celle que l’on appelle la cité, c’est, à dire, la communauté politique”. (ARISTOTE, 1993: Livro I, 1§1, 1252, a 1-5)\*  
Observação: as palavras entre colchetes são acréscimos do comentador da obra consultada, Pierre Pellegrini.

Em francês na obra consultada: “De plus une cité est par nature antérieure à une famille et à chacun de nous”. (ARISTOTE, 1993: Livro I, 2§12, 1253 a 19).

Visto que toda cidade, nós vemos, é uma certa comunidade, e que toda comunidade é constituída em vista de um certo bem (porque é em vista disso que lhes parece um bem que todos os homens fazem tudo o que eles fazem) é claro que todas [as comunidades] visam um certo bem e que, antes de tudo, este é o bem supremo entre todos que [visa] esta que é a mais eminente de todos e que contém todos as outras. Ora, é esta que se chama a cidade, quer dizer a comunidade política.

A cidade é o último círculo que contém as associações mais primárias e incompletas porque não são autossuficientes, não se bastam a si: a família (e ela já se organiza hierarquicamente: há domínio e submissão e tem por função perpetuar a espécie humana pela procriação e cuidar da educação), a aldeia (formada pelo conjunto das famílias) e o conjunto das comunidades formam a *Pólis*, unidade que se caracteriza pela pluralidade. A *Pólis* pode ser representada por um círculo inclusivo. Nele as unidades menores são partes componentes desse todo maior. Nele estão contidas e limitadas. O limite, entretanto, insere-se no contexto grego daquilo que tem perfeição, pois o ilimitado é imperfeito.

Se do ponto de vista da formação o primeiro grupo é a família, sob o aspecto do valor, o Estado é anterior aos indivíduos porque o todo é maior que as partes. “Ademais, uma cidade é por natureza anterior a uma família e a cada um de nós.”

A *Pólis* é a culminância perfeita da condição humana política do homem e sua função primordial, acima do cuidado das necessidades básicas, da aquisição de riquezas e da vigilância das leis, é proporcionar aos membros as condições de conquistar a excelência e, dessa forma, alcançar o fim último, a felicidade. O viver bem do indivíduo só se concretiza, só atinge a plenitude com a

inserção e participação na comunidade política. A comunidade política oferece os meios para a realização do bem de todos que é superior ao individual. Tem a *Pólis* a função de educadora. Para realizar sua virtude máxima, a justiça, precisa de leis fundamentadas na razão e magistrados que as apliquem e tomem decisões naqueles casos particulares que a lei, por ser geral, deixa de abranger. A justiça é o instituto, o eixo que torna reta e verdadeira e faz a excelência da *Pólis*. “Ora, [a virtude] da justiça é política, porque a justiça [introduz] uma ordem na comunidade política, e a justiça demarca o justo [do injusto].”

Em francês na obra consultada: “Or la [vertu de] justice est politique, car la justice [introduit] un ordre dans la communauté politique, et la justice demarque le juste [de l’injuste]”. (ARISTOTE, 1993: Livro I, 2§ 16 1253 a 40).

A vida política é o ápice da vida excelente. A família surge naturalmente pela necessidade dos homens de procriarem e sobreviverem. As atividades executadas no âmbito familiar são imperativas, imprescindíveis mas compartilhadas pois só à mulher e dado gestar os filhos para a permanência da espécie humana “... a necessidade é primordialmente um fenômeno pré-político, característico da organização do lar privado;” ensina Hannah Arendt. (ARENDR, 1991: p. 40). O homem, enquanto chefe de família não é livre. Ele é o senhor mas enquanto responsável pelo sustento e educação dos filhos é sujeito de obrigações que o prendem, apesar de exercer poder absoluto sobre a mulher, os filhos e os escravos e a *Pólis* respeitar os limites da casa, da propriedade não interferindo nos fatos que ali aconteciam.

O homem só é livre quando age politicamente entre os seus iguais. A política dá ao homem a liberdade de desfrutar de um espaço em que convive com seus iguais. A política é a ciência do bem de todos, a que proporciona a harmonia entre os cidadãos. Cidadãos são aqueles que participam dos assuntos da *Pólis*, diz Aristóteles: “Um cidadão em sentido pleno não pode ser melhor definido que pela participação em uma função judiciária e em uma magistratura.”

Em francês na obra referida: Un citoyen au sens plein ne peut pas être défini que par la participation a une fonction judiciaire et a une magistrature.” (ARISTOTE, 1993: Livro III, I 1275 a § 6).



Entretanto, destaca que tal definição é controversa porque depende das formas de governo. Tanto na *Ética a Nicômano* quanto na *Política* encontra-se um estudo sobre diversas formas de governo.

São definidas três formas de governo ou constituições (segundo Aristóteles são a mesma coisa), de acordo com o número de governantes e com a finalidade visada. Se um só governa para o bem de todos, tem-se uma *monarquia* (*monarchia* = governo de um só); quando um grupo dos melhores detém o poder para o maior bem dos governados há uma aristocracia (*aristoi* = os melhores); se uma multidão governa tendo em vista o benefício de todos tem-se a *politéia* ou governo constitucional (*politéia* = constituição, Estado).

Em francês na obra consultada: “Nous appelons d’ordinaire royauté celles des monarchies qui a en vue l’avantage commun; parmi les [contitutions] donnant le pouvoir] à un nombre [de gens] petit mais supérieur à un [nous en appelons une] l’aristocratie soit parce que les meilleurs y ont le pouvoir, soit parce qu’ [ont y gouverne] pour le plus grand bien de la cité et de ceux qui en sont membres. Quand c’est la multitude qui détient le gouvernement en vue de [l’avantage] commun, [la constitution] est appelée du nom commun à toutes les constitutions, un gouvernement constitutionnel” (ARISTOTE, 1993: L. III, VII § 3, 1279 a 35-39).

Nós chamamos geralmente realeza aquelas monarquias que têm em vista o interesse comum; entre as constituições dando poder a um número de pessoas pequeno mas superior a um nós chamamos uma aristocracia seja porque os melhores tem o poder, seja porque governam para o maior bem da cidade e, daqueles que dela são membros. Quando é a multidão que detém o governo em vista do interesse comum, a constituição é chamada com o nome comum a todas as constituições, um governo constitucional.

Entretanto tais formas puras podem degenerar ao se desviarem dos seus fins, quando o bem comum de todos os cidadãos não é mais primordial.

Aponta ele, então, as formas degeneradas. A monarquia pode transformar-se em tirania quando visa vantagens só para o governante; a aristocracia degenera em oligarquia ou governo para os ricos e a *politéia* degenera em democracia ou governo para os medíocres. Observa-se que para Aristóteles a democracia é uma forma degenerada da *politéia* porque considera impossível um grande número de pessoas possuírem todas excelências morais, serem



virtuosas em todos os domínios. Um número maior de pessoas, mesmo quando cada um não é virtuoso, ao se associar, traz um pouco de virtude e de prudência e é capaz de, repartindo ações, julgar melhor o todo. Isto se dá porque os homens excelentes e bons se sobrepõem aos menos virtuosos e menos bons.

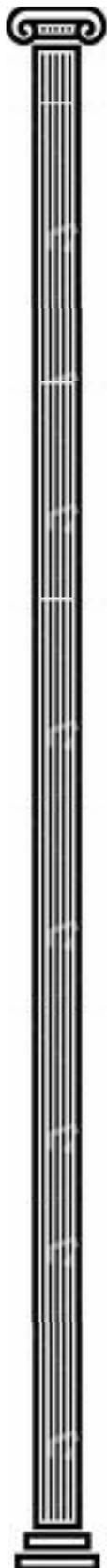
Aristóteles faz uma analogia entre os marinheiros, em um navio - que têm diferentes funções mas todas essenciais para a segurança da navegação e dos navegantes - e a *Pólis* na qual cabe a cada cidadão o bem da comunidade. E, a excelência do cidadão, é função da constituição que representa a comunidade.

Ao contrário da natureza que realiza o melhor, a sociedade é vista na feição de imperfeição porque é regida pela arbitrariedade da vontade e a dificuldade dos homens em atingir a excelência. Por isso a necessidade dos magistrados que organizam a cidade sobre boas leis que buscam o bem comum. A excelência moral do governante é a prudência (*phronesis*), pois a ele incumbe tomar decisões. A prudência é conhecimento das coisas humanas para saber a ação apropriada a fim de conduzir aos fins corretos. É ela um saber racional que direciona a ação para coisas boas e afasta das más. Para governar bem, portanto, é preciso cultivar a prudência e ser capaz de aplicar a justiça pois o governante é o guardião da justiça. O justo não é o igual, é o equitativo.

Sabe-se que todas as interpretações sobre Aristóteles e suas idéias são sempre parciais.

Numa visão de conjunto desta filosofia mostra-se a realização do que é da natureza humana, o desejo de saber. E ele, movido pelo espanto, a admiração, a curiosidade, busca respostas ainda não dadas. Aprende com os ensinamentos dos que o precederam no tempo e aproveita para transformar a filosofia. São os vazios, as coisas não resolvidas anteriormente, as respostas insuficientes os espaços de questionamento.





Há perguntas a serem respondidas, há lacunas a serem preenchidas, há aporias que intrigam e instigam.

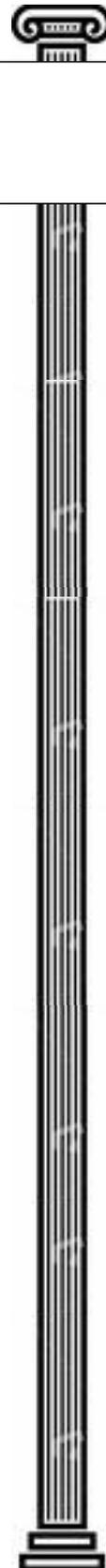
Nas doutrinas da matéria e forma, do ato e potência, da essência e existência concilia as antinomias dos pré-socráticos e dá uma solução para o problema da mudança e da estabilidade. Elimina a separação existente entre o mundo sensível e o inteligível trazendo o segundo para dentro do homem, colocando-o na racionalidade.

O que aprendeu, completou aplicando o rigorismo do método filosófico formalista da reflexão. Sistematizando temas e problemas, edificou a arquitetura do saber filosófico que se impôs, dando à filosofia a autoridade que possui.

Aristóteles lega à história do pensamento um discurso universal que se ocupa tanto das coisas humanas quanto das metafísicas. É uma valoração do sensível, do individual investigando o ser na singularidade, na particularidade, na existência concreta e no plano metafísico. Interliga o experimental e o racional efetivando o perceptível e o inteligível na unidade do ser porque à filosofia compete refletir sobre as dimensões metafísicas do pensável.

O homem, situado no mundo real, é estudado tal como é. A confiança no conhecimento e fé na bondade de todas as coisas encaminha para a valoração da educação, meio para a conquista do sumo bem, a felicidade. E isto é viver conforme convém ao verdadeiro homem, aquele que não se deixa enredar pelos obstáculos apostos pelas paixões, desejos e vontade porque é capaz de atuar sobre cada capacidade de que dispõe.

A filosofia de Aristóteles expressa a aguda consciência do papel que exerce.



### A Filosofia Helenística

Helenismo é denominado o fenômeno que ocorre em virtude das conquistas de Alexandre Magno e se caracteriza pela universalização e difusão da língua e da cultura grega por territórios orientais da Ásia Menor, do Egito, da Síria e a agregação de elementos orientais à cultura.

A cidade de Alexandria, no Egito, torna-se o centro dos conhecimentos nas ciências e na filosofia ao congregar homens sábios e disponibilizar a eles uma biblioteca, que, segundo alguns autores se constituiu a partir das obras de Aristóteles e chegou a possuir 700.000 volumes.

A civilização helênica sucede ao chamado período clássico e os historiadores costumam apontar o marco inicial com a morte de Alexandre Magno. Suas conquistas sobre as cidades gregas, a unificação do mundo antigo, por ele empreendida, preparam o terreno para as mudanças no modo de pensar.

Para o homem grego do período clássico a *Pólis* representa o centro da vida política, a vida do cidadão que não se compara com os bárbaros, os que não têm vida civilizada. Há entre eles um sentimento de pertença à *Polis* que os faz sentir-se honrados pois é lá que se dão as relações entre iguais e onde o homem vive de modo humano e livre.

Durante a segunda metade do século IV, Atenas cai sob a dominação da Macedônia. O fato político introduz mudanças de capital importância no modo de pensar e de viver. A *Pólis*, como estrutura política por excelência, desaparece. A democracia se esvazia e é substituída por governos despóticos e arbitrários e o cidadão não mais participa das decisões, perde seu espaço de exercício da liberdade e a autonomia. Passa a viver sob regimes ecléticos



e instáveis nos quais é só um súdito, submetido aos desígnios de outros.

“A perda da independência nas cidades gregas tem por primeiro efeito, na ordem espiritual, dissociar a unidade do homem e do cidadão, do filósofo e do político, da interioridade e da exterioridade, da teoria e da prática...” (AUBENQUE, in CHÂTELET, 1973: p. 167).

A expansão territorial empreendida por Alexandre que projetava um reino universal incluindo múltiplos territórios e povos sob seu governo rompe os seguros limites da cidade-estado e permite a circulação de pessoas originárias de diversas regiões com costumes e idéias estranhas que não contemplam o ideal do homem de bem associado ao de bom cidadão. Trazem consigo outra cultura que introduzem no antigo espaço da *Pólis* transmutando-a numa *cosmópolis*, isto é, numa *pólis* universal na qual não mais há a separação entre gregos e bárbaros e a ligação telúrica não tem mais sentido. A consequência é a assunção de uma atitude confrontadora das provações que a todos acometem, principalmente a incerteza do futuro e a certeza da efemeridade de todas as coisas.

O helenismo adota o cosmopolitismo, modo de pensar indiferente à origem da pessoa e que considera válidas as ecléticas influências. O cidadão não se encontra mais entre os iguais e por isso passa a cultivar uma atitude individualista; a dissolução dos costumes tradicionais obriga a cada um procurar um modo de vida próprio, singular, pois de certa forma está só neste mundo caótico.

Depois da morte de Aristóteles, o Liceu perde características que o identificaram. Os seguidores da Escola abandonam a metafísica e desenvolvem uma ética com traços naturalísticos e materialistas. Há também preocupação em conservar os escritos do mestre, reunir o que estava disperso e sobre eles tecer comentários. Nenhum outro nome do mesmo quilate de Aristóteles surgiu na Escola

Surgem, então, as escolas filosóficas que ensinam a viver as realidades insólitas. Elas não constroem grandes sistemas. As indagações que instigaram Platão e Aristóteles não interessam. Ocupam-se principalmente em responder questões da vida prática e desenvolver doutrinas éticas orientadas pelo naturalismo, ou seja, viver a vida conformada à natureza.

Coloca-se em destaque duas das muitas escolas da época: a Estóica e a Epicurista que adquirem notoriedade e conquistam adeptos por longo tempo.

### 3.1 A ESCOLA ESTÓICA

Fundada por Zenão de Cítio (342-270 a.C) tem este nome porque funcionava sob um pórtico (*stoá*) em Atenas, pois seu fundador não podia adquirir um prédio.

São apontados pelos estudiosos três períodos da escola cada um com contornos distintos: a Antiga *Stoá* se estende dos fins do século IV e por todo o século III a.C.; a Média *Stoá* abrange o II e o I século a.C.; a Nova *Stoá* ou *Stoá* Romana se insere já no período cristão, séculos I e II d.C. A longa existência da escola, por si só permite deduzir a não existência de um modo de pensar unitário e com unânime orientação.

Os estóicos estudam a lógica, a física e a ética, mas subordinam as duas primeiras à última. Será, portanto, dado especial destaque à ética estóica que teve grande aceitação. Reale e Antiseri dizem: "... com efeito, foi com sua mensagem ética que os estóicos, durante meio milênio, souberam dizer aos homens uma palavra verdadeiramente eficaz, que foi sentida como particularmente iluminadora, acerca do sentido da vida." (REALE e ANTISERI, 1990: p. 261).

O filósofo é aquele que fala sobre a sabedoria. E tem como missão exercer a educação sobre os que não a possuem. É uma *paidéia* adequada às circunstâncias vividas





pois, aqueles que aderem ao estoicismo, mesmo no meio corrompido instaurado na ordem ético-política podem adquirir conhecimentos de bem pensar e bem falar. Podem aprender a dialética e a retórica, conservando-se de acordo com a natureza. A natureza nada faz contra si, não se autoagride. Transforma-se ciclicamente reproduzindo um padrão. O homem compartilha com os seres vivos a propensão a conservar-se. Mas porque é racional não só se preserva, mas é senhor do próprio ser, harmonizando-se consigo mesmo e com sua essência. E evita todo o impedimento para a conservação, tudo o que desune e desagrega. Viver conforme a natureza é para o homem guardar-se em conjunção ao racional. Dessa concepção decorre: tudo o que conserva o ser é bem e, ao contrário, aquilo que pode corromper a harmonia é mal. “Os estoícos dividem a parte ética da filosofia em doutrinas do impulso, do bem e do mal, das paixões, da excelência, do fim supremo, do valor mais alto, dos deveres e da exortação e dissuasão em face da ação.” (DIÓGENES LAËRTIOS, 1998: p. 201, § 84).

A proposta ética é distanciar-se do senso comum daqueles homens que sempre repetem os mesmos atos e não cultivam o julgar bem e por isso não sabem avaliar as ações que executam. Agir sem fazer uma escolha não é ético. A ação ética centra-se no ato de bem julgar, de acordo com a razão, o que auxilia a dominar as ações com vistas a alcançar a sabedoria e a perfeição. A reta razão atua como uma lei similar à lei da natureza. Ela é constante, contínua e eterna. A reta razão é, então, guia seguro para a ação do homem.

“E já que os seres racionais receberam a razão com vistas a uma conduta mais perfeita, sua vida segundo a razão coincide exatamente com a existência segundo a natureza, enquanto a razão se agrega a eles como aperfeiçoadora do impulso.” (DIÓGENES LAËRTIOS, 1988: p.201, § 86).

Há idéias que o homem tem naturalmente e se formam pela sensação, a memória, a experiência, o conhecimento, e são denominadas noções comuns. A idéia de bem, dos deuses, da providência são noções comuns que estão no homem por natureza.

Assim, afirmam os estóicos que o homem não escolhe entre o bem e o mal, pois são noções comuns e o mal é sempre nocivo para a manutenção da vida, seja biológica ou racional.

No referente ao corpo, as coisas positivas tais como a vida, a saúde, o vigor e as coisas negativas como a morte, a doença, a fraqueza são consideradas indiferentes, sem conotação ética.

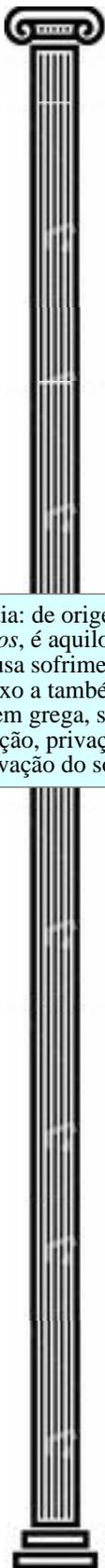
No plano ético, bem é o que promove a vida racional, é a virtude e mal o que a prejudica, o vício. Esta escolha depende do homem. Para haver a boa escolha há que passar de um modo espontâneo para uma atitude reflexiva, pois só esta atribui valor à ação para a boa opção.

As ações indiferentes são passíveis de valoração entre as prioritárias porque convenientes e preferíveis e as não convenientes e não preferíveis. Quando guiada pela razão, a escolha recair sobre as primeiras resultam ações convenientes, acertadas e que devem ser feitas.

Porque possui a noção comum o homem pode escolher bem e instaurar harmonia entre ser, conhecer e agir. Porém nem todos os homens são aptos para praticar ações moralmente perfeitas pois lhes falta o conhecimento perfeito.

Mas são capazes de ações devidas, as expressas na lei. E o que a lei manda, é dever. A lei não é somente convenção, ela determina a ação em acordo com a ordem racional do universo porque representa a lei do *Logos*, a qual todos devem se submeter, pois é critério da ação ética e orienta quem não goza da sabedoria.





Apatia: de origem grega, *pathos*, é aquilo que afeta e causa sofrimento. O prefixo a também de origem grega, significa a negação, privação. Apatia é privação do sofrimento.

Por isso o fim supremo pode ser definido como viver segundo a natureza, ou, em outras palavras, de acordo com a nossa própria natureza e com a natureza do universo, uma vida em que nos abstermos de todas as ações proibidas pela lei comum a todos, idêntica à reta razão difundida por todo o universo.... (DIÓGENES LAËRTIOS, 1988: p. 201/202, § 88).

Cabe ao filósofo estóico ensinar estas doutrinas para que se cultive a virtude e se abandonem os vícios. As paixões sem comedimento são causa da infelicidade. O sábio é feliz porque age segundo a vontade reta e por tal razão pode ser feliz mesmo no sofrimento. Liberta-se das paixões e coloca no campo dos indiferentes o que depende dele mesmo. Isto exige o exercício de um constante esforço para superar tudo o que afeta negativamente a vida do homem e impede de atingir a serenidade. É a apatia a impassibilidade o ideal estóico.

Atingindo a sabedoria o homem faz, por vontade própria, o necessário e torna-se verdadeiramente livre; conquistando a impassibilidade vive segundo a razão e goza da verdadeira felicidade. A doutrina estóica, com o passar do tempo, renovou-se, reorientou-se e flexibilizou os ensinamentos, adequando-os ao requerido pelo espírito do tempo.

O Médio Estoicismo, representado por Panécio e Posidônio, juntando idéias de diferentes tendências num conjunto eclético passa a pregar o cosmopolitismo. Este nega as divisões geográficas, políticas, etnocêntricas, considerando todos os cidadãos do mundo guiados por uma lei comum, a lei natural. Entende que só o inflexível exercício da virtude por si só não traz a felicidade. Ela se completa com o gozo da boa saúde, força e meios econômicos e o cumprimento do dever, a ação ajustada à ordem racional do universo, constante e invariável, aquela que o homem é obrigado a cumprir pois ordena os homens

para viver melhor em conjunto e segundo a reta razão doadora do sentido do viver.

O Estoicismo Romano, com Sêneca e Marco Aurélio, agregando elementos da cultura e do modo de pensar dos romanos e do cristianismo, introduz na escola caracteres específicos, adaptados à época e ao espírito prático dos romanos. Assim é que à questão sobre o que é a arte do viver acrescem a pergunta sobre como é viver bem.

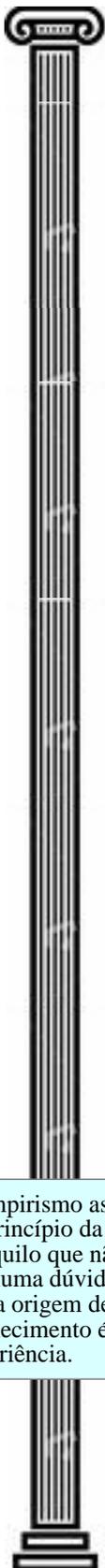
O homem procura a perfeição dentro de si. Conhece-se, pela consciência o bem e o mal.

Segundo o pensamento de Sêneca, a consciência é um juiz intransigente, inflexível e implacável e do qual ninguém se livra. É por isso que acentua tanto o sentido do dever e coloca a vontade como uma instância diferente do conhecimento. Pela vontade é decidido o que deve ser feito. O dever tem profunda conotação ética e sustenta o agir e o viver.

Entendendo a dualidade entre corpo e alma, mesmo que dentro do princípio estóico de ser a alma também matéria, Sêneca ensina a preocupar-se menos com o corpo, encontrando-se a si mesmo, em sua interioridade porque o homem não deve ser escravo do corpo satisfazendo-o exageradamente em detrimento da tranquilidade. Quem não é senhor de si deixa-se guiar pelas opiniões alheias. Múltiplas, estimulam a desejar muitas coisas superficialmente, coisas ilusórias, efêmeras e sem nada reter de bom. A alma é superior ao corpo apesar dele não prescindir. É possível ao homem viver em sociedade, dela participar e não se deixar corromper.

A virtude é acessível a todos. Meditar e examinar-se são práticas recomendáveis. Estimulam o amor de si mesmo complementado ao estender-se ao amar a família, os amigos, a pátria abarcando por fim toda a humanidade pois todos os indivíduos são parte do *Logos* e sujeitos a uma mesma lei. William Li, na introdução à obra *Meditações*, de Marco Aurélio, afirma:





Ele fala sempre nas Meditações numa razão diretora que congrega todos os homens numa fraternidade universal. Assim, ele procura reinar devotado aos interesses do estado e da humanidade em geral, tentando por em prática os princípios do estoicismo e coordenar o governo do Império com as leis gerais do Universo e da Razão diretora de todas as coisas. (LI, in AURÉLIO, 1955: p. 16).

Apesar de ensinar a impassibilidade, o estoicismo não se transforma numa doutrina difusora de individualismo egoísta. O homem se integra na unidade cósmica e compreende que os acontecimentos na vida da pessoa é útil para todos e ela pode ser feliz num mundo conturbado pelas paixões. Portanto, para o estóico viver a vida ética é empenhar-se num esforço continuado de superar-se, de usar a reta razão para viver de acordo com a lei universal, cumprir deveres e integrar-se na totalidade do Universo. Marco Aurélio ensina: “Se eu faço alguma coisa, faço-o pensando no bem dos homens; se algo me acontece, eu o aceito e relaciono com os deuses e à fonte comum donde derivam todos os acontecimentos.” (AURÉLIO, 1995: p. 91).

### 3.2 A ESCOLA EPICURISTA

Outra escola difusora de ensinamentos na época do Helenismo é a epicurista, envolvida pelas mesmas circunstâncias históricas que influenciaram o estoicismo. Ela foi fundada por Epicuro (341-279 A.C.), em Atenas e é reconhecida pelo nome de Jardim.

Epicuro ensina o conhecimento provindo da sensação, pois as coisas emitem emanções que afetam e impressionam os sentidos. Dessa forma, pela relação direta entre a coisa e a sensação produzida nos sentidos dá-se o conhecimento empírico que tem na sensação mesma o

critério de verdade. O único sujeito capaz do conhecimento

O empirismo assentado no princípio da evidência - daquilo que não permite nenhuma dúvida - ensina que a origem de todo conhecimento é a experiência.

é o indivíduo, aquele que capta o real e particularmente se relaciona com o mundo por meio dos sentidos, estimulados pelas coisas. As sensações são receptoras passivas e apreendem a verdade. Outro fator de discernimento da verdade são as sensações de prazer e dor. Estas têm importante função na ética, pois servem para distinguir o bem e o mal e orientam a escolha da ação correta. Dessa posição materialista flui o fundamento da ética.

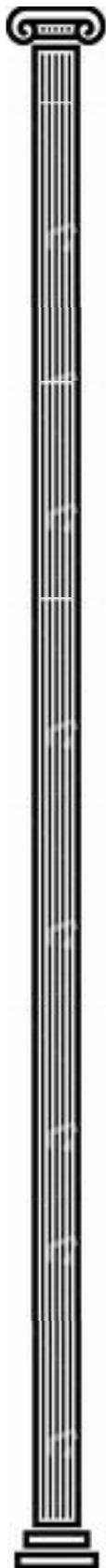
Prazer e dor são sensações corporais que se refletem na mente. O verdadeiro prazer é evitar as dores do corpo e a perturbação da alma. O conceito de prazer de Epicuro é moldado a partir das duas bases: o prazer e a dor.

Ora, todo o prazer em excesso, necessariamente trará dor. Cabe ao homem sensato medir a quantidade de prazer a usufruir pela quantidade de dor a sofrer. Por isso ele afirma que seu ensinamento não se refere ao prazer dos dissolutos, depravados, pervertidos, porque estes não sabem reconhecer o mal que está entranhado no prazer visto terem a mente embotada e incapaz de fazer escolha certa e de reconhecer o que produz a felicidade. Esta não se liga à inquietude, à insatisfação, ao anseio incontido de coisas vãs.

O homem, um organismo formado por diferentes partes, é um todo equilibrado. O prazer é, pois, o equilíbrio integral desse conjunto. É o denominado prazer catastemático, ou prazer constitutivo. Destarte, a virtude será o meio para adquirir o maior prazer catastemático. Este não tem mais e não tem menos, só o equilíbrio. Por isso a meta é afastar as dores do corpo e as perturbações da alma. A primeira é a aponia, a ausência de dor. A segunda a ataraxia, a imobilidade e o repouso da alma. Ensina Epicuro:

“E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda a escolha e toda a recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo. (EPICURO, 1997: p. 17).





Segundo Epicuro, o sábio não precisa de nada e nem de ninguém. Basta habituar-se às coisas simples, a um modo de vida natural e não se deixar enredar por coisas inúteis tais como as preocupações com a morte, a política e os deuses. Desligando-se dessas coisas atinge a autarquia ou governo de si. Epicuro é preciso na identificação dos prazeres por ele classificados: naturais e necessários, naturais e não necessários e, por último, não naturais e não necessários. Naturais e necessários são prazeres básicos para a manutenção da vida, de modo simples e comedido e entre eles, comer, beber, vestir, repousar e se destinam a evitar as dores do corpo e a conservar a saúde. Natural e não necessário é o gozo exagerado desses mesmos prazeres: comer demasiado, beber em excesso, vestir-se luxuosamente. Por extrapolarem os limites do necessário podem acarretar dores e danos ao corpo. Os não naturais e não necessários são os que dependem da aprovação das outras pessoas como a política, o desejo de poder, de honra, de riqueza. Eles não mitigam nem anulam nenhuma dor do corpo e perturbam a tranquilidade da alma. A vida pública, a fama, as honrarias são tributos ilusórios e inúteis. Perturbam a ataraxia e impedem a vida feliz. Os últimos são prejudiciais e só os primeiros servem de objetivo.

Aprendendo a viver e se satisfazer com pouco, a ser frugal mesmo em tempos de abundância, quando vem a escassez o homem está preparado para continuar a ser feliz. O muito não lhe faz nenhuma falta.

Todos vivem em sociedade. Viver ou deixar de viver não representa um mal para aqueles que atingem a sabedoria. Essencial é saber viver. Tal ensinamento está muito bem expresso na *Carta Sobre a Felicidade* que Epicuro endereça a Meneceu. Numa linguagem serena e num tom meigo e suave ele exorta o discípulo a se dedicar sempre à filosofia, um caminho para a felicidade. Ensina não ser necessário temer os deuses que, bem aventurados e

felizes, convivem entre si sem causar bem ou mal aos homens; também a morte não deve ser motivo de temor porque ela é tão somente ausência de sensações e não pode se apresentar trágica para aqueles que não se importam em deixar de viver. Efetivamente

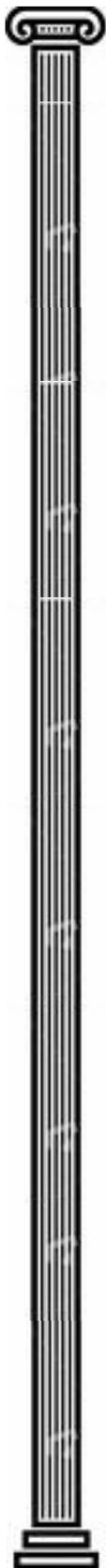
Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe ao passo que estes não estão mais aqui. (EPICURO, 1997: p. 21).

Nesse mesmo texto também demonstra que todos podem usufruir o prazer, sem sofrer com sua falta, escolhendo bem o que proporciona a ataraxia. Basta compreender a finalidade da vida, pois o maior bem está nas coisas simples e o maior mal sempre dura pouco. E termina com este conselho: " Medita, pois, todas essas coisas [...] e nunca mais te sentirás perturbado, quer acordado, quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens." (EPICURO, 1997: p. 34).

O homem quando conquista a ataraxia torna-se semelhante aos deuses, usufrui de bem aventurança análoga a deles, exceto a imortalidade. A liberdade está, pois, em ser totalmente autárquico, livre do medo da morte e da dor e dos desejos de glórias, e a felicidade em ser imperturbável, sereno o que abre ao homem a vida interior da paz consigo mesmo e com poucos amigos.

A amizade gozada num pequeno grupo, é um dos componentes necessários para a felicidade pela alegria produzida, pelo prazer desfrutado. E por ser sábio o homem tem amigos com quem partilha a mútua satisfação de sentir alegrias recíprocas. Portanto, não é objetivada uma vida ascética, mística, de eremita, porque esta impede a fruição





do que é próprio da natureza humana. É a vida de prazeres, a que impressiona agradavelmente os sentidos fazendo-lhes bem. O cuidado é saber gozar bem os prazeres, fazer a escolha acertada optando pela felicidade, pela posse do conhecimento do natural, pela sabedoria.

À primeira vista, parece que as pregações tanto do estoicismo quanto do epicurismo conduzem a formação de um indivíduo egoísta o que não é verdadeiro.

Ensinando a paz de espírito, a tranqüilidade da alma, apontam formas viáveis de viver num mundo em ebulição. Se a segurança advinda de um *ethos* – um costume – no qual os valores, os princípios e modo de viver estavam solidamente calcados foi rompida, criar novas normas de vida possibilita vencer obstáculos, superar incertezas e viver pacatamente sem lamentar o passado nem angustiar-se com o futuro. Assim se compreende a ênfase dada à vida presente. Ela deve ser vivida e aproveitada pelo que oferece de melhor no momento mesmo em que acontece.

A felicidade está dentro do homem. Depende dele querer gozá-la em plenitude, sem dores nem sofrimentos. Estoicismo e epicurismo pregando o individualismo e o sensualismo ensinam a felicidade restrita ao temporal, sem transcendência.

Para estas escolas a questão principal não é a elaboração de grandes sistemas teóricos mas a aprendizagem e a aplicação ao modo de viver das idéias conhecidas por dar-se valor às proposições enquanto convencidas de sua eficácia. E exatamente por terem nisso encontrado um sentido pregam o bem viver. Dessa forma, conquistaram tantos adeptos e se impuseram na história do pensamento.

Não foram estas as únicas escolas que proliferaram na época que vai da decadência de Atenas no século IV a.C. até o século III d.C. Vingaram apenas em função das circunstâncias de crise, das experiências negativas e do anseio do homem em encontrar outra vez um ponto de apoio

uma justificativa para enfrentar os acontecimentos que não lhe eram agradáveis ou favoráveis. Nenhuma delas teve a amplitude da escola platônica e da aristotélica.

### 3.3 PLOTINO

Cabe ainda fazer referência a Plotino, um neoplatônico que viveu entre 204 e 270 d.C. e é considerado o último filósofo grego e o primeiro cristão.

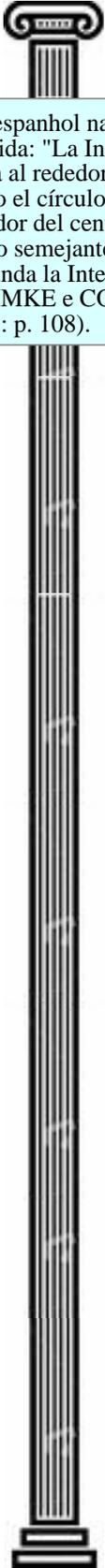
Plotino é inscrito entre os neoplatônicos. Ele concebe três realidades: o Uno, a razão e a alma do mundo que se configuram em círculos concêntricos. Identifica ser e ser pensado. O Uno é o ser sem nenhuma determinação, ser superior e princípio de todas as coisas, contendo em si todas as realidades. Do Uno Plotino diz o que ele não é, porque dele nada se pode predicar.

O Uno é indefinível, indizível e inefável. Está acima e é princípio de todo o ser. O Uno gera o ser, pois nele a perfeição é saber abundante e se propaga por emanção, por difusão sem que ele saia de si mesmo. É pura atividade que continua sempre plena, não se esvazia. O Uno não é Deus mas uma idéia mística do Absoluto. Toda a realidade é reflexo fragmentado que provém do Uno.

As figuras que por analogia ilustram o Uno são a fonte da qual jorra e faz fluírem os rios e a da luz que se difunde para longe do seu centro. Portanto o que provém do Uno não é criado, é uma cintilação, um resplendor tal como fulgura a luz do sol.

O que primeiro irradia do Uno é o intelecto, o *nous* ou inteligência, imagem imperfeita da Unidade que se diferencia na duplicidade de pensamento e pensado. Está no círculo que circunda o Uno. Esta inteligência é semelhante ao das idéias de Platão pois contém realidades perfeitas e eternas porém imanentes.





Em espanhol na obra referida: "La Inteligência mora al rededor del Uno como el círculo al rededor del centro y de modo semejante el Alma circunda la Inteligência." (KLIMKE e COLOMER, 1953: p. 108).

Da inteligência propaga-se a alma cósmica que está no terceiro círculo, menos perfeita do que o intelecto do qual emana. O Uno, o *nous* ou intelecto e a alma cósmica compõem o mundo inteligível. "A Inteligência mora ao redor do Uno como um círculo ao redor do centro e de modo semelhante a Alma circunda a Inteligência."

A Alma propaga-se nas coisas do mundo sensível, da *physis* e comunica a elas as formas inscritas na inteligência, no *nous*, porque pode contemplar as realidades. As almas individuais dos homens são partículas da Alma. É a ligação intermédia entre o Intelecto e as coisas corpóreas nas quais imprime as formas recebidas do Intelecto completando o mundo sensível. Este recebe irradiações em grau mínimo porque muito distante da fonte. Dela derivam as almas dos deuses, dos homens, das plantas e dos animais. A alma dos homens é independente do corpo e atua pelo corpo que faculta a ela os órgãos dos sentidos. A matéria já é a falta total de ser e privação de todas as qualidades, fonte do mal que assola o mundo. Explica-se a imperfeição da matéria, pela falta de irradiação de perfeição. Ela não a recebe porque está muito distante da luz primordial que se exauriu no reino das sombras onde a luz não alcança.

A alma do homem deve retornar ao Uno. É um processo de conversão da alma a quem o sensível não é atraente pois a inclinação é para o Uno. A matéria não tem essa inclinação porque não recebeu força suficiente. A alma, que usa o corpo material, volta-se para si a fim de se encontrar.

Para possibilitar o retorno há exercícios imprescindíveis como os da atividade intelectual, o das virtudes, o da purgação das paixões. A prática das virtudes mede as paixões, põe limites a elas, disciplina o homem para se dirigir outra vez para o Uno. "Com a sabedoria a alma se

faz independente do corpo; com a fortaleza não teme separar-se do sensível; com a temperança se libera das más paixões; com a justiça segue os conselhos da razão."

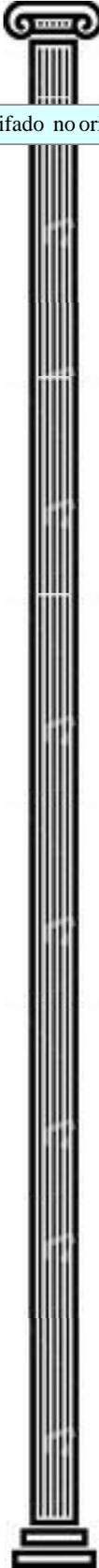
O caminho que se abre e facilita ao homem a volta é o que a arte, o amor e a filosofia oferecem.

A arte é a manifestação do belo e desperta o sentimento da beleza e faz a alma desejá-la. Pelo amor, aspiração do belo, a alma ascende das coisas belas do mundo sensível até a beleza em si e eleva-se à harmonia e beleza do inteligível que está mais próximo do Uno. Nota-se que Plotino está muito afinado com Platão no conceito de Beleza em si e o entendimento de ser o Amor a aspiração do belo e que eleva da visão das coisas belas do mundo sensível à contemplação da Beleza inteligível. Assim não surpreende que em seu texto de grande enleação e sensibilidade, com o título *Do Amor*, Plotino questiona o que é o Amor e examina o tema detendo-se nas afirmações de Platão em *O Banquete* e concorda que o Amor é uma paixão que nasce do desejo do conhecimento do Belo já presente na alma do homem. Diz Plotino: "Daí resulta que os homens que são bons cá embaixo, possuam, quando amam, o Amor do Belo absoluto e verdadeiro, não o amor deste ou daquele bem particular." (PLOTINO, 1996: p. 89).

A filosofia é a contemplação intelectual mais pura, a intuição do inteligível. Então a alma está apta a unir-se total e absolutamente ao Uno fundindo-se no amor de Deus num *ékstasis*. O êxtase é um estado além do domínio da razão em que a alma se despoja de si e se sente unida em Deus, esvaziando-se como outro com relação a Deus, numa fusão completa, quietude absoluta, nele libertada completamente do mundo. O todo está presente na alma que nele desapareceu. Reale e Antiseri afirmam: "O 'êxtase' plotiniano não é um estado de inconsciência, mas um de



Em espanhol na obra consultada: "Con la sabiduría el alma se independiza del cuerpo; con la fortaleza no teme separarse de lo sensible; con la temperanza se libera de las malas pasiones; con la justicia sigue los consejos de la razón." (KLIMKE e COLOMER, 1953: p. 109).



Grifado no original.

*hiperconsciência*, não é algo de irracional ou hiporracional, mas sim hiperracional. *No êxtase, a alma se vê exaltada e apreendida pelo Uno.*" (REALE e ANTISERI, 1990: p. 349).

Plotino reconhece que poucas são as almas capazes de alcançar o *ékstasis* em plenitude. A união definitiva é conquistada após a morte quando a alma terá visão intuitiva do Uno e será totalmente feliz. Percebe-se na filosofia de Plotino a associação de fundamentos da filosofia grega com as perspectivas de uma vida espiritual geradas no cristianismo. No pensamento dele há fortes traços do platonismo, do aristotelismo e do estoicismo. Mas rompe os limites da filosofia grega com a inclusão da crença religiosa que ensina a intuição de Deus. A metafísica, que ficara relegada a segundo plano nas escolas helenísticas de Zenão e Epicuro, ressurge na visão do Uno inefável e indizível que está além de qualquer conhecimento, na atividade espiritual de contemplar o Uno. É uma visão religiosa do universo que não se encontra na filosofia grega na qual se apoiou. A presença de Platão é marcante na versão da ascensão da alma, no conhecimento subindo da visão das coisas belas do mundo material até a beleza em si porque a alma ama a beleza da qual é carente e anela conquistá-la.

Porém a integração da compreensão do Uno agregada das influências cristãs fizeram seu sistema ser outro referencial.

O mundo é pensado a partir de uma potência criadora fora dele da qual recebe o ser. O Uno gera de si próprio o que identifica o ser divino e o ser do mundo. Por isso a doutrina de Plotino é dita panteísta apesar de todo o misticismo introduzido no desejo de retornar ao Uno.

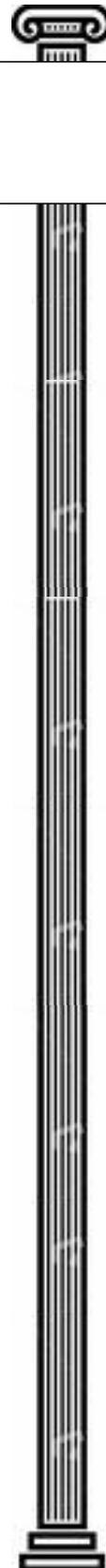
O êxtase é sair de si mesmo, libertar-se de toda a matéria para só usufruir da fusão com Deus num contato espiritual por excelência. É uma exaltação, delírio íntimo

causado da visão do sobrenatural que assombra e encanta, atrai e conquista, deleita a alma exaurindo-se quando é penetrada por esta felicidade inexplicável, experiência singular única e incomunicável, silente e imóvel de subsumir no Uno. Tal experiência só é conquistada por poucos, desejosos de se desligar da materialidade para gozarem do prazer maior da verdadeira felicidade do espiritual.

Tributário dos ensinamentos gregos e dos princípios cristãos, Plotino recebeu a adesão de seguidores até a Idade Média. Ressalta-se que, apesar dos componentes espirituais não pregou nenhuma doutrina religiosa porque o espiritualismo se liga essencialmente à filosofia apesar de seus ensinamentos sobre o êxtase serem potencializados pelos místicos que mais tarde se manifestam. Sua filosofia propõe um sistema de explicação da origem de todas as coisas e ao mesmo tempo nele insere o homem, em sua indigência. Mas o retorno ao Uno é o aceno da esperança realizável. A indigência é constatada mas a transmutação por meio da espiritualidade é o convite para superá-la. A felicidade é realizável.







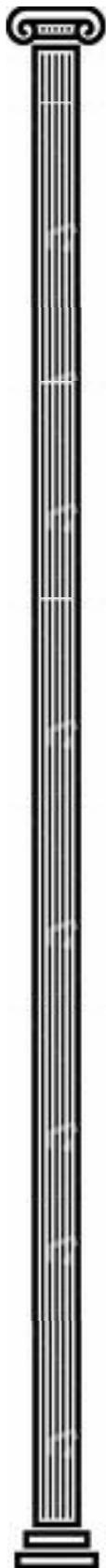
### Filosofia da Idade Média

Entre a Filosofia Grega e a Filosofia da Idade Média não se encontra um marco determinante do final da primeira e início da segunda. A expansão geográfica do Império Romano fez acontecer o encontro de culturas distintas que aos poucos foram se interpenetrando e confundindo.

Segundo os historiadores, a Idade Média se estende do fim do Império Romano, que aconteceu com a deposição do último imperador em 476 da era cristã, até o Renascimento. A Idade Média, apesar da denominação situando-a entre a antiguidade e a modernidade, não é uma ponte de ligação entre dois pontos altos do pensamento humano. Não se trata de fazer comparações. Ela também não é um período de estagnação e de desaparecimento de idéias. Se durante este longo decurso de tempo as obras dos antigos não tivessem sido resgatadas, conservadas e interpretadas, certamente a modernidade não poderia surgir do nada.

A Idade Média tem características próprias formatada em um perfil incontestado e invulgar de estudo atencioso das peculiaridades típicas. Ensina Châtelet: "... a Idade Média não é média nem no sentido de mediação, nem, muito menos, no sentido da mediocridade." (CHÂTELET, 1983: p. 14).

No que tange à história das idéias que aqui é tratada define-se este período por um leque de construções teóricas, originadas de conjunturas de diversas ordens, com o objetivo de responder a problemáticas interrogantes. Para a filosofia é um período diferente no qual surgem temas conexos com as experiências de vida orientada por exigências oriundas do ingresso, no horizonte cultural, de um sistema simbólico anteriormente desconhecido.



A filosofia da Idade Média nasce nos últimos estertores da Antiga sem descontinuidade entre elas. Em alguns momentos ambas se confundem. No esmaecimento de uma, lentamente se acentua a coloração vívida da outra. Compreende-se que todos os sistemas de idéias incluem um estado primitivo e um estado mais evoluído, um tempo de constituição e um tempo de consolidação e, nesse sentido em nenhum se encontra um traço unitário incontestemente mas concepções que se atualizam e se sobrepõem.

O Império Romano ao estender seus domínios sobre terras distantes do seu centro e sobre povos com costumes próprios e submetendo-os a um governo centralizado provoca o contato de culturas díspares que aproximam várias teorias e as aglutinam em sincretismos artificiais nem sempre sustentáveis. Um exemplo de espaço dessas combinações é a escola de Alexandria.

A cidade de Alexandria, fundada por Alexandre Magno, torna-se um centro cultural. Atrai sábios e artistas de regiões variadas. Aí a filosofia grega e helenística é cultivada ao lado dos livros sagrados dos judeus. A escola de Teologia Cristã de Alexandria é aberta ao helenismo e muitos cristãos são detentores da cultura grega. Surgem discursos apologéticos da ordenação das especulações filosóficas com inclinações místico-religiosas, muitas vezes deturpando por interpretações fortuitas tanto os textos filosóficos quanto os dos livros sagrados.

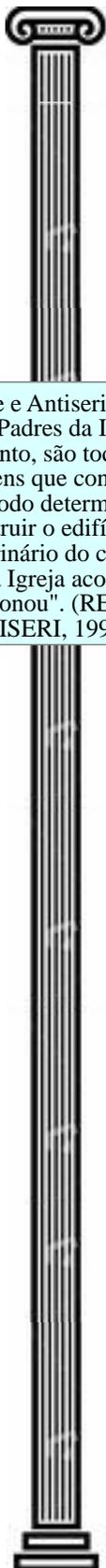
A gênese das filosofias da Idade Média é o fato histórico do surgimento e da difusão do cristianismo. O fato datado no início da era cristã ocorre muito antes do começo assinalado da Idade Média. Apesar disso marcou definitivamente a história. Os ensinamentos de Cristo, sua ação e morte abalam. Abalam as pessoas, abalam os saberes, abalam o *ethos*, costumes estatuídos ao pregar um modelo de vida e comportamento que rompe a prática vigente.

A figura de Cristo por si só é um absurdo inconcebível. É uma antítese de todo o modo de pensar e viver difundido e praticado até então, de toda a religiosidade dos gregos, politeístas, convictos na bondade natural, desconhecedores da sanção moral e pregadores da felicidade, conquista do homem pelo domínio de si. Fenômeno a ser registrado é a penetração de idéias cristãs nos sistemas das várias escolas helenísticas.

Reale e Antiseri fazem estudo comparativo entre alguns temas bíblicos e os seus correspondentes na filosofia antiga e apontam que o monoteísmo cristão concebendo um Deus único, infinito, transcendente não tem similitude na antiguidade. A unidade da divindade é pensada comportando a plenitude de entidades; o criacionismo ensina a atuação de Deus criando o mundo e o homem. O grego não tem a idéia de criação. Ao pensar a origem dos seres a coloca nos quatro elementos como nos milésios e em Platão; o antropocentrismo apresenta o homem como criatura-imagem de Deus mas na antiguidade cosmocêntrica o homem faz parte do cosmos. Para os gregos, a lei maior é a da *physis* e para o cristianismo é dada por Deus. É mandamento e determina obediência e prevê sanção do pecado pela desobediência. O amor, tema caro a Platão, é carência, desejo, aspiração e se realiza na ascensão até a contemplação do Belo em si. O cristianismo reverte o processo: o amor é dádiva de Deus ao homem, bondade infinita, apesar de suas fraquezas. (Ver REALE e ANTISERI, 1990: p. 356-395).

A percepção dessas disparidades é um sinal ilustrativo da polêmica nascida do encontro de tendências mentais polarizadas e que alimenta a trajetória do pensamento medieval no debate entre paganismo e cristianismo. A religião cristã conquista adeptos e se expande. Encontra adversários e defende-se. Com o advento da religião pregada por Cristo e seus seguidores dois





conceitos essencialmente novos e antitéticos são criados para identificar os aderentes e os contrários a ela: os primeiros são denominados cristãos, os segundos pagãos. Nenhum desses termos fazia parte do vocabulário da antiguidade.

Os estudiosos ensinam a filosofia da Idade Média compreendida em dois grandes períodos: A Filosofia Patrística e a Filosofia Escolástica que por sua vez também se subdividem em: fase de formação, fase de apogeu e um período de declínio.

#### 4.1 A FILOSOFIA PATRÍSTICA

É denominada de Patrística a primeira fase da Filosofia Medieval. Ela se ocupa das idéias e doutrinas dos denominados Padres da Igreja.

Os primeiros Padres (Pais da Igreja) são leigos, sacerdotes, defensores da fé que formam pouco a pouco as prescrições, a liturgia, os costumes e principalmente os conteúdos da doutrina cristã traçando assim a formatação da nova religião que se expande

Os primeiros cristãos são movidos pela fé, homens simples, se deixam tocar no seu íntimo pelas palavras ouvidas, se entendem chamados por Cristo e se fazem seguidores e, mais tarde, difusores e defensores de suas pregações. Os escritos que condensam os ensinamentos de Cristo são doutrinários.

A medida que cresce a adesão ao cristianismo e pessoas detentoras de maior grau de conhecimento se interessam pelo que transmite, a comparação entre a herança dos antigos francamente divulgada e os princípios doutrinários é inevitável. Aceitar a nova idéia de mundo, do homem e de Deus só com fé é questionável e a razão se une para tratar desses problemas. Ensina Pépin: "De um modo geral, o que se pode chamar 'filosofia patrística' mostra-se

Reale e Antiseri definem: "Os 'Padres da Igreja', portanto, são todos aqueles homens que contribuíram de modo determinante para construir o edifício doutrinar do cristianismo que a Igreja acolheu e sancionou". (REALE e ANTISERI, 1990: p. 400).

como um resultado de uma síntese tentada entre a tradição filosófica grega e as exigências doutrinárias da Escritura." (PÉPIN, in CHÂTELET, 1983: p.55).

Por outro lado, o advento dessas pessoas obriga os defensores da nova religião a também se instruírem para não serem superados nas argumentações. Quem ensina precisa saber. Compartilhando a mesma cultura com os pagãos, nela se apóiam para defender-se do intelectualismo dos contestadores dos ensinamentos cristãos.

Nessa época não há nenhuma pretensão em formular teorias filosóficas. A meta é fazer a apologia, a defesa e demonstração da validade da teologia que propagam.

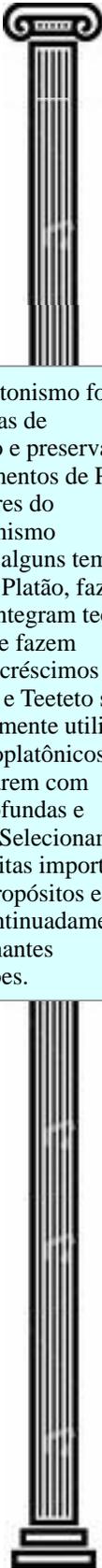
Apropriam-se do que interessa da filosofia, sem compromisso com a fidelidade ao sentido primitivamente pensado. Os temas tratados são fragmentados e determinados pelas discussões pontuais e discordantes que surgem conforme a ocasião e o interlocutor. Seus discursos tem forte influência do médio platonismo e neoplatonismo

de Plotino e reconhecem na moral estóica elementos coincidentes, válidos e proveitosos para a moral cristã.

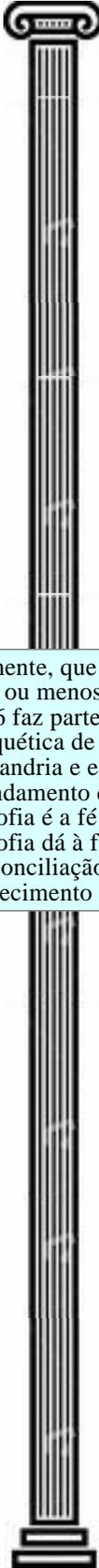
Pépin comenta sobre a forte influência do medioplatonismo sobre os primeiros Padres fazendo notar o desconhecimento dos textos integrais, o marcante uso de citações descontextualizadas para serem comparadas e darem razão aos ensinamentos em destaque:

"Em todo o caso, [o médio platonismo] reveste uma importância excepcional para a abordagem da filosofia patrística, já que constitui a variedade do platonismo com a qual os Padres, pelo menos até Orígenes, se viram em contato." (PÉPIN, in CHÂTELET, 1983: p. 56).

Os primeiros séculos da Patrística são o tempo de formação e constituição da dogmática cristã, em meio a um sem número de interpretações díspares dos mesmos



O medioplatonismo foi uma das tentativas de recuperação e preservação dos ensinamentos de Platão. Os seguidores do medioplatonismo selecionam alguns temas da filosofia de Platão, fazem releituras, integram teorias posteriores e fazem ilegítimos acréscimos a eles. Timeu e Teeteto são textos largamente utilizados pelos medioplatônicos sem se preocuparem com análises profundas e exaustivas. Selecionam citações eleitas importantes para seus propósitos e as repetem continuamente e com semelhantes interpretações.



ensinamentos, adquirindo o cristianismo identidade. A dogmática cristã é definitivamente conformada pelo edito do concílio de Nicéia em 325 quando foi definido o Credo como símbolo da fé cristã, visando dar à Igreja uma doutrina unificada, falando a mesma linguagem.

A formulação e a interpretação intelectual dos dogmas se faz necessária para sustentar o debate racional com os pagãos e os heréticos. A fé que moveu e bastou aos primeiros cristãos é irrefletida. O exame dos fundamentos do cristianismo, o questionamento deles à luz da razão envolve definitivamente a doutrina com a filosofia. A filosofia se entrelaça com a revelação e a ela se subordina. Recebe, então, a função específica de fundamentar as verdades reveladas e de defendê-las quando são impugnadas. As impugnações não só vêm dos contrários à doutrina mas também dos que a praticam mas fazem dela interpretações esdrúxulas e controvertidas sobre questões teológicas, filosóficas e éticas. A especulação e a clareza conceitual são solicitadas pela teologia à filosofia preparando a denominada teologia especulativa atribuída a Clemente de Alexandria nominado, juntamente com

Clemente, que viveu mais ou menos entre 150 e 216 faz parte da escola catequética de Alexandria e ensinou que o fundamento da filosofia é a fé mas a filosofia dá à fé a razão. É a conciliação entre conhecimento e crença.

Orígenes, entre os apologistas gregos que realizam de forma mais sistemática as exposições dos dogmas à luz da filosofia grega.

Os apologistas latinos se fixam mais nos problemas teológicos e espirituais e pouco contribuem no campo da filosofia, alguns mesmo a considerando desnecessária e até maléfica para a religião. Um mérito inegável que alguns conquistaram foi a tradução latina de textos gregos e exegeses de textos bíblicos.

Há paralelos entre alguns princípios das filosofias gregas e doutrina cristã impeditivos de ambos serem aceitos ao mesmo tempo. Mas há coerências e convergências atuando no encontro e teses a sedimentar conjuntamente razão e fé.

Muitas posições radicais assumidas pelos apologistas sinalizam a ignorância e não o zelo pela fé. As apropriações mostram mérito intelectual.

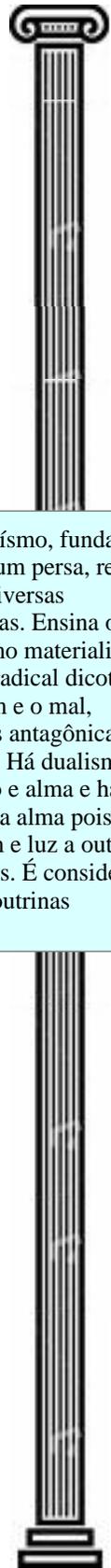
#### 4.2 AGOSTINHO, BISPO DE HIPONA (354-430)

Entre os Padres da Igreja é o filósofo e teólogo de maior autoridade e prestígio. Marca a história da Igreja e da filosofia. Figura emblemática, exercita a confluência entre a filosofia e a teologia, a interação entre a razão e a fé aparando arestas e realizando coligações.

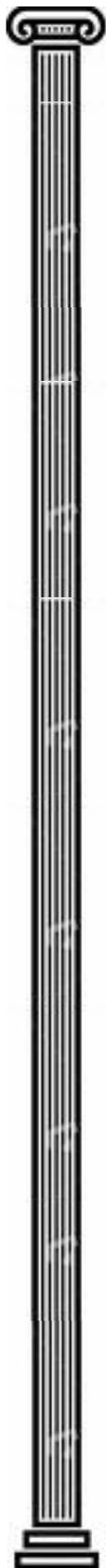
Aurélio Agostinho nasce numa pequena cidade da Numídia, província romana na África (que no século IV era romanizada e cristianizada). Recebe formação em língua latina. Torna-se professor de retórica e ensina na cidade natal, em Cartago, em Roma e em Milão. Durante algum tempo foi adepto do maniqueísmo ao qual, mais tarde se

torna contrário, contestando-o em escritos. A aproximação ao grupo cristão é causada pelos questionamentos de coisas que lhe torturam a mente porque não consegue compreendê-las; e pela procura de um norte para a sua vida vazia e contraditória, minada pela recusa em seguir a religião cristã cujas bases lhe foram apresentadas pela mãe, cristã convicta, desde pequeno. Pensa e duvida, quer julgar mas não há certezas. Só tem interrogações e procura respostas. A conversão ao cristianismo acontece entre 384 e 386. Funda uma comunidade religiosa e é admirado pela integridade e correção de vida. Foi ordenado padre e em 395, consagrado bispo em Hipona.

Segundo os biógrafos os acontecimentos marcantes vividos tiveram forte influência no desenvolvimento do pensamento filosófico e teológico de Agostinho portadores do distintivo da conversão ao cristianismo e do conhecimento de Platão e Plotino.



O maniqueísmo, fundado por Mani, um persa, reúne idéias de diversas procedências. Ensina o racionalismo materialista e defende a radical dicotomia entre o bem e o mal, substâncias antagônicas, em luta eterna. Há dualismo entre corpo e alma e há dualismo na alma pois uma alma é bem e luz a outra é mal e trevas. É considerada uma das doutrinas heréticas.



A vida de Agostinho foi sempre movida pelo intenso desejo de saber e na busca de respostas em movimentos intelectuais difusos. É detentor de grande cultura e conhece o platonismo, o neoplatonismo, o estoicismo e o epicurismo, o maniqueísmo mas tudo o que ensinam se lhe parece insatisfatório. A vida voltada para os prazeres e coisas materiais aparentes é vazia. Clama por coisas que escapam. Oferece alegrias intensas e vazios absolutos.

Os prazeres passageiros deixam a consciência da insignificância e da procura que não acaba. Será a vida a antevisão de um nada pouco a frente? Não é o que quer. O homem não se realiza só na ordem natural. O transcendente atrai mais. Mas o cristianismo agrega mais um componente à sua aflição. Vê-se cindido entre a fé e a razão até compreender que não são excludentes. As verdades reveladas transtornam a pequenez do conhecimento humano. E ele se aplica a exercícios reflexivos em que se sustenta a estrutura filosófico-teológica do seu pensar integrando a filosofia antiga na experiência cristã. A fé não é irracional. A razão, em seus limites, se completa. Nas *Confissões* lê-se: "Meu Deus, a Vós confesso, a Vós que de mim Vos compadeceste quando ainda Vos não conhecia, quando Vos buscava não segundo a compreensão da inteligência, mas segundo o raciocínio da carne." (AGOSTINHO, 1999: p. 87).

A conversão e a fé tipificam a vida e o pensar de Agostinho e sustentam a sede de saber no que crê. A fé é o fim, a filosofia o meio para sustentá-la sempre firme. Portanto não realiza exposições sistemáticas de filosofia pois não faz dela uma ocupação intelectual prazerosa, porque a sua função é auxiliar. Em muitas passagens ele repete quase como um refrão a necessidade de ter o conhecimento daquilo em que crê porque conhecer é um bem para o homem.

Em *O Livre Arbítrio* lê-se, entre outras, essa passagem:

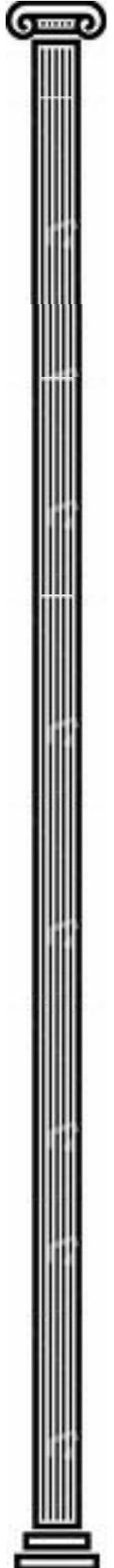
"Com efeito, se crer não fosse uma coisa e compreender outra, e se não devêssemos, primeiramente, crer nas sublimes e divinas verdades que desejamos compreender, seria em vão que o profeta teria dito..."

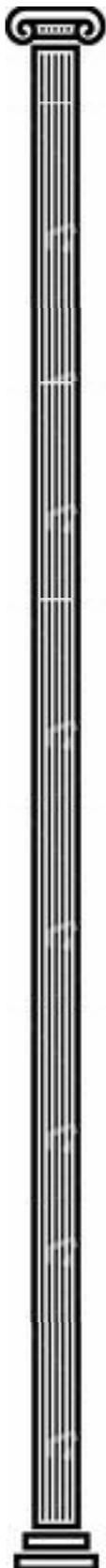
Esta passagem, logo abaixo é complementada: "Pois não se pode considerar como encontrado aquilo que se acredita sem entender." (AGOSTINHO, 1995: p. 78-79.) Compreender é penetrar naimensidão do infinito envolvente e colocá-lo ao alcance do pensar por meio do qual Deus, em sua grandeza se revela. Quando o homem interroga, Deus responde para mostrar as possibilidades e os limites do cognoscível. Para atingi-lo, basta a quietude na qual o grande silêncio tudo diz.

Ao contrário do que pode parecer, tratando-se de um teólogo, sua atenção primeira é com o homem, o sujeito humano instalado no mundo, escondendo profundidades abissais. A especulação filosófica é humanística. Mas o homem não se separa de Deus. Problematizar o homem não o separa de Deus quando o homem se interroga para encontrar-se; meditar e encontrar-se com Deus é intrínseco à condição humana. Os temas homem, Deus, mal, fé são recorrentes.

O homem se compõe de espírito, alma e corpo e o espírito humano se destina a ascender a Deus por meio do conhecimento. Investigar os fundamentos do conhecimento é um apelo do espírito de quem, como Agostinho, transitara entre os céticos. Eles reduziam o conhecimento à percepção sensível, aos fenômenos e negavam a possibilidade de qualquer certeza pois não é possível conhecer as coisas em si. Só vale a opinião do sujeito. Ensinam então a abstenção de todo o juízo.

A consciência da dúvida dá a certeza do próprio ser. Então, há uma verdade acessível ao conhecimento: saber que se existe e se pensa. A consciência de ser um ser pensante é





uma certeza, uma verdade, mas tal certeza por não ter fundamento em si envia para algo fora de si. A alma transcende a si e encontra o princípio do próprio raciocínio, a verdade, a medida de todas as coisas, inclusive do próprio intelecto. Essa verdade é formada pelas Idéias, razões inteligíveis, as máximas realidades possíveis de serem entendidas. São elas os modelos imutáveis de todas as coisas. Aqui Agostinho encontra em Platão a base da sua reflexão. Mas acresce-lhe tópicos do pensamento cristão: enquanto em Platão as Idéias são recordadas pela alma, que já viveu no Mundo das Idéias Perfeitas, Agostinho as considera Pensamento de Deus. Deus é criador de todas as coisas. O homem criatura de Deus dele recebe a iluminação para, pela alma intelectiva, conhecer as verdades inteligíveis. O conhecimento humano é um processo ascendente: às realidades exteriores, às coisas, segue-se a interioridade do espírito do homem e a verdade que nele está e dessa atinge Deus, princípio de todas as coisas. Veja-se:

Da mesma forma que Deus, que é puro Ser, com a criação transmite o ser às outras coisas, assim, analogamente, enquanto é Verdade, transmite às mentes a capacidade de conhecer a Verdade, produzindo uma metafísica marcada pela própria Verdade nas mentes. Deus cria como Ser, nos ilumina como Verdade e nos dá a paz como Amor. (REALE e ANTISERI, 1990: p. 443).

Ora, se Deus criou todas as coisas e Deus é a suprema perfeição como se explica o mal que existe no mundo por ele criado? Do Bem pode provir o mal? Em Plotino é encontrado o início da solução. O mal não é ser, é falta, ausência de ser. As análises de Agostinho sobre o mal se referem a um aspecto metafísico, a um aspecto físico e a um moral.

Deus infinitamente bom não pode criar o mal. Mas o homem, porque vê o mundo por meio do fenômeno, tem dele uma visão parcial e diz existir o mal.

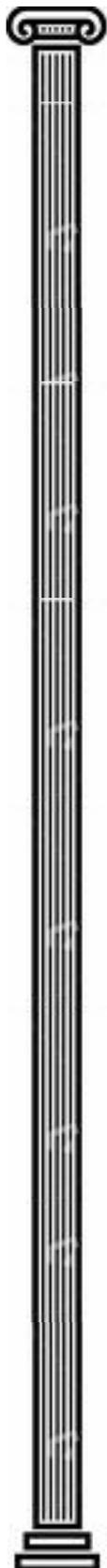
O existir faz de todas as coisas um bem. Não bens absolutos porque hierarquicamente inferiores a Deus e passíveis de se corromperem. Ora, o fato de se degradarem, diminuírem na totalidade prova que constituem um bem. Se não são um bem, não existem, porque o mal é a negação do ser, é completa privação do existir. Contemplando-se o mundo como um todo, aquilo que parece mal é grau menor de perfeição, de esmero parte articulada contributória da harmonia do todo. "É porque todos os bens sejam eles quais forem, do maior ao menor, não podem proceder senão de Deus. (AGOSTINHO, 1995: p. 133). É este um conceito metafísico.

O mal físico é a consciência que o homem tem da perfeição e a percepção da limitação. Doenças, sofrimentos, morte são consequências do pecado original. O mal moral é o pecado. Este é um conceito inexistente entre os pensadores da antiguidade.

O pecado é a escolha incorreta. Entre Deus e outros bens criados, o homem por vontade própria volta-se contra Deus e opta por bens menores, inferiores. É o que Agostinho denomina a má vontade, sem causa eficiente, sem ação produtora porque é deficiente, é a falta da boa vontade. A boa vontade se sustenta na fé em Deus; a má vontade na falta da fé. Há, portanto, no homem a ascendência da vontade. A ela é dado fazer escolhas. Pela má escolha, pelo mau uso do dom da vontade o homem se torna responsável pelas dores e infortúnios do mal moral que sobre ele recai e o acomete, tornando-o passível de sofrê-lo. É o que afirma Agostinho: "Mas o mal consiste na aversão da vontade ao bem imutável para se converter aos bens transitórios. Por sua vez, essa aversão e essa conversão não sendo forçadas, mas voluntárias, o infortúnio que se segue será um castigo justo e merecido." (AGOSTINHO, 1995: p.142).

O livre arbítrio é dom de Deus ao homem que não pode ignorá-lo, perdê-lo ou suprimi-lo. Na verdade, o livre





arbítrio é a sobra da primitiva liberdade absoluta doada por Deus, perdida pelo pecado de Adão. O livre arbítrio é o poder de optar, decidir, deliberar. Por ele o homem escolhe entre os bens superiores e inferiores. "Não podemos acusar a alma de pecado, quando verificamos que claramente ela prefere os bens inferiores, em abandono dos superiores." (AGOSTINHO, 1995: p. 150).

A salvação do homem, porém, não se desliga da cooperação humana alentada pela graça. O livre arbítrio ainda deixa ao homem a escolha de decidir por algo não tão bom mas menos aproximado do mal.

A verdadeira liberdade desfrutada pelo homem é só escolher o bem sem contar com a opção de não o escolher. Abraçar esta liberdade somente com a ação da graça de Deus é o que sustenta o homem para não errar.

Abandonado no mundo, o homem não tem forças para evitar o pecado. A graça é salvadora, mas não impede nem elimina o livre arbítrio, o juízo individual. Deus não age autoritariamente decidindo pelo homem ou prescrevendo o que ele pode ou não fazer. O homem é criado por Deus. Não tem a vida estipulada de forma pré-fixada desde e para toda a eternidade.

Esta é a dimensão do homem criatura feita à imagem e semelhança de Deus, inundada por Seu amor, manifestado pela graça. Deus não está encerrado num infinito imutável, distante e oposto ao mundo. O mundo é manifestação fenomênica da bondade divina de quem recebe o ser. O mundo é o todo. Nada há fora dele e nele tudo se orienta pela ordem cósmica recebida da onipotência de Deus.

Deus cria o mundo do nada. Nesse ponto, Agostinho se afasta da Filosofia Antiga: do Demiurgo platônico cuja função é moldar o mundo e do Uno de Plotino do qual tudo emana.

Ao criar o mundo, Deus implantou nele sementes para se desenvolverem. Cada coisa foi criada na mente de Deus. As idéias são pensamentos de Deus e se conservam subjacentes à

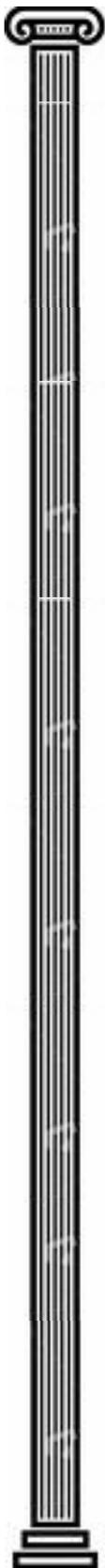
vida e à ordem do universo. Portanto, nessa linha de pensamento, Deus não fez o mundo pronto, completo. Deixou-o em estágio de imperfeição para evoluir em direção do aperfeiçoamento, condicionado pela natureza da espécie a qual é sempre idêntica. Junto com a criação do mundo surge o tempo não existente anteriormente. Em Deus só há o eterno, sem transcorrência, não tem antes nem depois porque sempre é. "O que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?" (AGOSTINHO, 1999: p. 320). Tal pergunta o leva em seguida a responder que Deus não fazia coisa alguma, ou, repetindo suas palavras "...sei que Deus não fazia nenhuma criatura antes que se fizesse alguma criatura!" (idem, ibidem) e este é o mote condutor à interessante reflexão sobre o tempo que não diz respeito a Deus. É uma categoria humana.

A percepção do tempo é relativa à mudança. As coisas são cíclicas, sucedem-se em formas de começo, meio e fim induzindo medição do tempo entre o que já foi, o que é e o que virá, ou, passado, presente e futuro. Nas *Confissões* se encontra a reflexão sobre o tempo e nela Agostinho explicita-o por exclusão não sendo o movimento dos corpos passíveis de mudar no lugar e no tempo. Deus não muda nem quanto ao tempo nem quanto ao lugar. A vida do homem é, pois, distensão entre as dispersões do tempo e o entendimento da eternidade de Deus, antes de todos os tempos.

O tempo existe só no espírito humano. A consciência do homem é que retém o passado como memória, o presente como o sentir e o futuro como expectativa. Pensando-se em termos absolutos, o passado não mais existe, o futuro ainda não é, o presente é sempre deixar de ser, remeter-se ao passado, fuga perpétua. Afirma Agostinho:

É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das





futuras. Existem pois este três tempos em minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. (AGOSTINHO, 1999: p.327-328).

Apesar disso o homem mede o tempo sem saber, na verdade, o que mede. E o tempo não está no movimento nem na mudança. Apenas no espírito que recorda, atenta e espera.

Nos conceitos de ser, viver e compreender, muitas vezes apontados pelos estudiosos como metas de Agostinho, se engloba todo o esforço de uma vida transitando do vagar sem rumo de quem não sabe o que procura, passa pelo agitado debate entre a razão e a fé até atingir a paz tranquila de quem achou o lugar ideal para o repouso da alma na submissa aceitação da união mística.

Agostinho sentiu-se instado a se posicionar cristãmente sobre as mesmas questões sempre presentes na filosofia, argumentando contra os não cristãos, contra os cristãos que assumem posições controversas e contra o cristão que é ele mesmo pressionado por problemas existenciais que se agitam entre o espírito racionalista e a submissão à crença, entre os apelos materiais e os anseios e seduções espirituais, entre as exigências do corpo e a exaltação da alma.

Suas obras, principalmente as *Confissões* relatam quão espinhoso e difícil foi o caminho. Há tantas interrogações sem respostas! Deus, o mundo, o homem, os mistérios guardiões dos elos e das subordinações afligem e torturam o homem racional e o homem crente. Refletir sobre as incertezas é o procedimento que se transforma em modo de ser e viver. A grande certeza só chega quando se abandona à graça de Deus e em mística união com Ele, momento no qual as dúvidas se esvaem na claridade da certeza advinda da iluminação de Deus. Mas mostram também que quem quer, conquista. Agostinho não venceu os embates como alma solitária. Legou à história do pensamento afirmativa

de não haver contradição entre razão e fé. A fé permite a razão ultrapassar seus limites e aceitar a impossibilidade de tudo saber. A filosofia que sustenta a defesa das verdades reveladas é essencialmente humanista. É uma longa reflexão sobre a condição humana de um ser ordenado para a felicidade.

### 4.3 A FILOSOFIA ESCOLÁSTICA

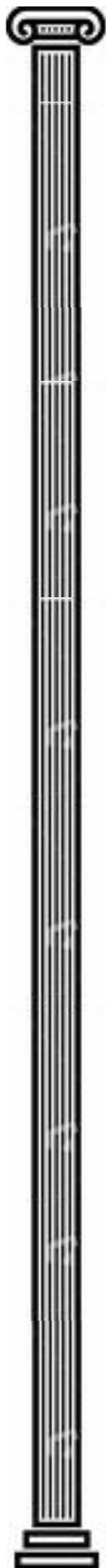
A expressão *escolástica* é derivada da palavra escola (do latim: *scola*) e faz referência aos estudos desenvolvidos nas escolas medievais, principalmente as episcopais e monacais (nos bispados e nos monastérios) e, mais tarde, as universidades. Num período de distúrbios no plano político, a cultura se abriga nos claustros. De certa forma, eles encampam o conceito subjacente de escola, instituto organizado e educativo. Importante função exerceram as escolas na compilação e conservação das obras antigas, traduzindo-as, copiando-as, comentando-as, constituindo bibliotecas. Veja-se a observação de Reale e Antiseri:

No período das invasões bárbaras, as escolas abaciais ou monacais representaram o refúgio privilegiado da cultura, tanto por meio da transcrição como da conservação dos clássicos, enquanto que as escolas episcopais se constituíram predominantemente no local da instrução elementar, necessária para o acesso ao sacerdócio ou para assumir funções de utilidade pública. (REALE e ANTISERI, 1995: p. 478).

É irrelevante, nessa época, a produção original. Em notação, Michele Sciacca comenta: "O trabalho das **escolas era coletivo, de cooperação organizada, sem que isso impedisse que sobressaíssem as personalidades de relevo. Em toda a vida medieval está vivo este conceito de trabalho como obra coletiva de personalidade (pense nas grandes catedrais).**" (SCIACCA, 1967: p. 200).

Grifado no original.





Em princípio o programa das escolas compreendia as denominadas sete artes liberais divididas em dois grupos: o *trivium* (gramática, dialética e retórica) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia), além da filosofia e teologia. Desenvolve-se o ensino por meio da *lectio* e da *disputatio*. A *lectio* ou lição é ensinada pelo mestre por meio de comentários de textos e sentenças daqueles a quem era atribuído o grau de autoridade. A *disputatio*, o debate, corresponde ao espaço de discussão entre os discípulos e o mestre empregando-se as regras do silogismo e da comprovação.

Numa apropriação redutora, escolástica denomina a filosofia dominante na Europa medieval, entre os séculos IX e XVII, compreendendo uma concepção doutrinária. É redutora com relação ao sentido original da palavra porque elimina escolas filosóficas sem direcionamento cristão e que sobressaem entre os árabes e os judeus.

A filosofia árabe se equaciona em dois lugares: há a escola árabe do oriente (em Bagdad) e a escola árabe do ocidente (na Espanha). Da mesma forma como os pensadores cristãos, empenharam-se em ancorar as doutrinas do islamismo na filosofia.

As escolas árabes são cultoras da filosofia grega, principalmente a aristotélica, da qual se cientificam por meio de traduções realizadas do grego para o siríaco e deste para a língua árabe. Redigem também muitos comentários. Se em algumas traduções não há fidelidade aos textos originais ocasionando entendimentos nem sempre corretos por acréscimos indevidos, fazem minucioso trabalho de coleta de manuscritos que resgatam textos gregos perdidos e assim intermediam o acesso dos escolásticos cristãos às obras de Aristóteles.

A filosofia árabe ocidental, desenvolvida no centro do Império Muçulmano do Ocidente, goza de mais

liberdade de pensamento e se aprofunda na filosofia aristotélica depurada das injunções apócrifas.

O sentido restrito de filosofia escolástica identificando sistemas metódicos rigorosos de especulação filosófico-teológica é empregado para o período específico a partir do reino de Carlos Magno até a Renascença.

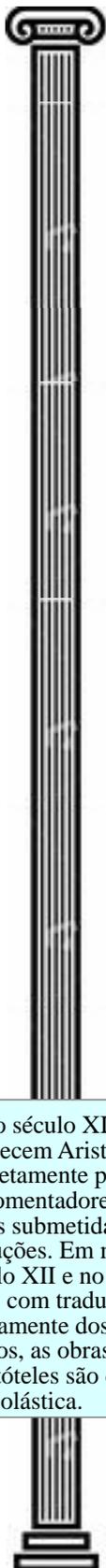
Depois do século IX as configurações sócio-político-culturais se transformaram em comparação com o período anterior. Governos estáveis, segurança econômica fazem nascer o senso de otimismo e o desenvolvimento cultural. A concepção religiosa desce do céu à terra. Mais que os enlevos místicos, é importante a vida terrena, não negada, mas vivida para preparar a eternidade. A dogmática estatuída pelos Concílios passa a ser sistematizada para se harmonizar com os outros conhecimentos. Colabora fortemente para tal a educação desenvolvida nas escolas.

Carlos Magno é figura política importante para as mudanças pelo modo como encara a educação. Na qualidade de rei cristão, Carlos Magno leva seus súditos a saírem da ignorância e do pecado e se aproximarem de Deus por meio do conhecimento.

Antes do reinado dele, existe no governo franco a denominada *scola palati* (escola do palácio) na qual se instruem os filhos dos cortesãos e funcionários para futuras funções administrativas. Ele incrementa a escola para dar a todos oportunidades iguais, cristianizar o povo e dar unidade ao Império.

Assim incentiva a fundação e desenvolvimento de novos centros educacionais e a conservação de fontes manuscritas de inestimável valor para a ciência e a cultura. Apesar de não ter desaparecido das escolas o caráter compilatório e enciclopédico, há também a produção intelectual autêntica. A escola palaciana transforma-se em academia e dá origem a grandes centros culturais como





os de York, Fulda, Tours, Cheny e Chartres, entre outros. Percebe-se que, já nessa época, há a consciência do valor e da importância da educação e, de uma maneira muito incipiente, da necessidade da extensão dela a um número maior de pessoas.

São ainda criações medievais e de valor incomensurável as universidades. Elas são associações corporativas de mestres e alunos, com livre adesão, determinam programas fixos de estudos, criam privilégios em torno de interesses e concedem diplomas e títulos. A primeira é a de Bolonha, seguindo-se a de Paris e Oxford.

A Universidade de Paris, ampliada a partir da escola da *Catedral de Notre Dame*, é uma organização de mestres e alunos e atrai pessoas de diversas regiões e de todas as camadas sociais, pois aos mais pobres se oferecem condições para se manterem e realizarem seus estudos. Note-se:

Já o primeiro e mais importante centro universitário de filosofia e teologia foi o de Paris [...]. Assim o ano de 1200 marcou o ato de nascimento dessa universidade ao passo que o ano de 1215 marcou a sua primeira organização em termos de disciplinas de ensino (faculdade das artes e faculdade de teologia), de duração dos cursos e de natureza dos títulos..." (REALE e ANTISERI, 1990: p.531/32).

Até o século XII só conhecem Aristóteles indiretamente por meio de comentadores e de obras submetidas a várias traduções. Em meados do século XII e no século XIII, com traduções diretamente dos textos gregos, as obras de Aristóteles são desveladas à escolástica.

Recebendo vultosas doações dos reis e do papa a Universidade de Paris desenvolve-se com prestígio a ponto de ser chamada de *Cidade dos Filósofos*. Forma-se nas universidades uma categoria intelectual que rivaliza com os sacerdotes e os nobres.

As universidades e o maior conhecimento da filosofia de Aristóteles são consideradas, por alguns

estudiosos, circunstâncias desencadeadoras para o favorecimento da plena evolução da escolástica.

#### 4.4 TOMÁS DE AQUINO (1224/25-1274)

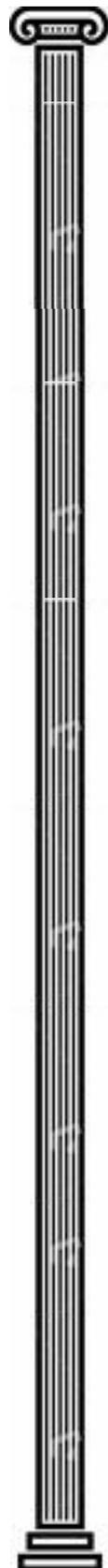
Na fase de apogeu o nome de maior destaque é o de Tomás de Aquino. De acordo com biógrafos é descendente da nobreza; nasce na localidade de Aquino, ao norte de Nápoles.

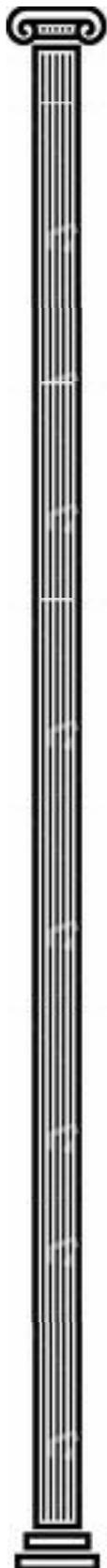
Ingressa da ordem dos Dominicanos e estuda nas universidades de Paris e de Colônia. Volta à Universidade de Paris para ensinar e recebe o título de Mestre em Teologia.

Tomás de Aquino é grandemente influenciado pela filosofia de Aristóteles embora não lhe seja dado ler as obras em grego. Depende da tradução latina, mas feita diretamente do grego.

Dedicando-se integralmente ao conhecer e pesquisar deixa grande número de escritos. A *Suma Teológica*, a mais volumosa, tem 3800 páginas. O objetivo dessa é o ensino da filosofia e da teologia e a demonstração da proeminência da filosofia aristotélica e cristã sobre outras interpretações. A *Suma Teológica* é uma realização intelectual no campo das humanidades tratando de questões que assoberbam o homem do século XIII.

Nessa obra o método escolástico é aplicado e apurado em grau máximo. Procede da seguinte forma: apresenta um tópico principal sob forma de enunciado para ser submetido à análise, interpretação e discussão. A questão é tratada sob o enfoque de várias teses colocadas em discussão objetivando demonstrar que apenas uma é verdadeira. Nesse procedimento de análise e discussão se apóia em escritos de autores, por meio de citações e referências trazendo razões a favor da tese que será impugnada e razões a favor da tese oposta refletindo detidamente sobre as controvérsias. Dada a palavra aos autores, compara e discute as interpretações, submete-as à crítica e a objeções, e por fim apresenta e demonstra a proeminência da tese defendida sobre as demais. No corpo do texto o tema é tratado em si mesmo e é enunciada a





solução. Refuta ordenadamente (em primeiro lugar....; em segundo lugar.....; e assim por diante) os argumentos favoráveis à tese rechaçada, invalidando-os. É um método lógico de apropriação e assimilação dos conhecimentos, pelo desdobramento da matéria em estudo, sua classificação, organização, fundamentação e, por fim, sua sumarização. O pensar sistemático, que, a partir de uma premissa, define, divide, distingue, classifica, argumenta por meio do silogismo e da dedução, como referido, representa o procedimento da atividade intelectual da Idade Média. O sistema adquire dimensão impondo submissão à autoridade da matéria objeto de estudo, de modo a atingir o reconhecimento de norma de verdade.

Por este método, Aquino dialoga intelectualmente com pensadores que o precederam e com seus contemporâneos. Conhecedor de Aristóteles, faz a exegese e comentários sobre a obra do estagirita. Por isso há os que apontam identidades entre o método aristotélico e o de Tomás de Aquino. O tipo de redação da *Suma Teológica* é decorrente dos comentários feitos pelo mestre nas lições das escolas. É uma forma técnica submetida ao método de fundamentar a teologia e a filosofia.

Tomás de Aquino lança-se em meio à polêmica da relação razão-fé, filosofia-teologia e opina que não conflitam. Atuam em campos distintos: a filosofia busca a verdade natural, a teologia, a sobrenatural. Nesse sentido, ao conhecimento natural, a razão basta, independente da revelação porque se atém às realidades físicas componentes deste mundo e esclarece a verdade respeitante a esse âmbito. O conhecimento racional alcança algumas idéias sobre Deus, mas só a fé permite encontrar Deus na grandeza e infinitude do seu ser.

A fé lida com as coisas sobrenaturais, as coisas de Deus, a verdade revelada que a razão, sozinha, não desvela. Verdade de fé e verdade de razão não se confrontam nem se

confundem. Convergem e se harmonizam quando a razão, a filosofia fundamenta (mesmo de modo incompleto) as verdades reveladas. "Assim, o saber teológico nem suplanta o saber filosófico nem a fé substitui a razão, inclusive porque – e este é o último motivo – a fonte da verdade é única." (REALE e ANTISERI, 1990: p. 556).

As acirradas discussões em torno dessa questão avultam na Universidade de Paris e tiveram em Aquino o defensor dessa separação e, mais ainda, do uso da filosofia de Aristóteles para ancorar um mais recente ensinamento cristão, empresa em que obteve sucesso.

Filosofia e teologia falam dos mesmos assuntos: Deus, o mundo, o homem. O lugar a partir do qual falam inspira diversamente o discurso.

Encontra-se a influência de Aristóteles quando Aquino trata da filosofia do ser, sintetizando e incorporando a concepção aristotélica e a cristã. Há o ser natural e o sobrenatural. O ser natural é contingente, pode ou não existir, é composto de matéria e forma. Mas nada nesta ordem natural tem existência sem Deus, o Ser Necessário. E toda a teologia que divulga se pauta pelo ensinar sobre Deus.

Torna-se modelar a enumeração, por Tomás de Aquino, das cinco provas da existência de Deus aduzidas a partir das coisas do mundo que aludem a quem as criou, pois é o conhecimento sensível a origem de todo conhecimento humano. A mudança, a causalidade, a contingência, a imperfeição e a finalidade dos seres reenviam racionalmente à existência de Deus, Ato Puro, Causa Primeira, Ser Necessário, Perfeito e Fim Último de todas as coisas. Ensina Pépin:

O próprio Tomás ilustrou a validade dessa afirmação ao compor, a partir dos elementos aristotélicos, um conjunto de cinco célebres provas da existência de Deus, as 'cinco vias'. Todas as cinco modelam-se segundo um esquema comum, que consiste em partir da observação de uma realidade sensível





que coloca um problema e em pôr em evidência uma série causal que tem por base essa realidade e a Deus por vértice." (PÉPIN, in CHÂTELET, 1983: p. 158).

Portanto a existência de Deus sendo uma verdade de fé não deixa de ser uma verdade atingida pela razão humana visto que o homem é imagem e semelhança de Deus.

A idéia de homem também vem permeada pelos fundamentos aristotélicos e adaptado à verdade de revelação. A pessoa é o ser composto de corpo e alma. A alma não está sepultada no corpo, como ensina Platão, é dotada de um corpo, formando com ele uma unidade substancial, o composto humano. A alma tem a função intelectual e volitiva, a função do conhecer e do querer. O ser humano age para atingir um fim: a felicidade, condicionada a uma vontade boa orientada pela razão.

O ato humano depende do intelecto e da vontade pois, para ser considerado sob os critérios da moralidade deve ser voluntário. Voluntário é o ato praticado por um sujeito na plena posse das faculdades de deliberar e escolher. Estes conceitos apreendidos de Aristóteles são acrescidos por Aquino de um conceito eminentemente cristão: o amor, um impulso para o objeto clarificado pelo conhecimento.

Todo o homem tem faculdade de distinguir o bem do mal. E todo o indivíduo identifica o bem e o mal em sentido particular o que lhe é dado pela consciência. A consciência é aprimorada com a experiência e permite adquirir a virtude, qualidade humana cujo exercício oportuniza alcançar os bens interiores: sabedoria, inteligência, prudência, temperança, justiça, fé, esperança e caridade que se alinham teologicamente.

A teoria das virtudes é semelhante ao contido na *Ética a Nicômano* de Aristóteles. Mas as três últimas virtudes acima nominadas, fé, esperança e caridade, são produtos da tradição cristã.

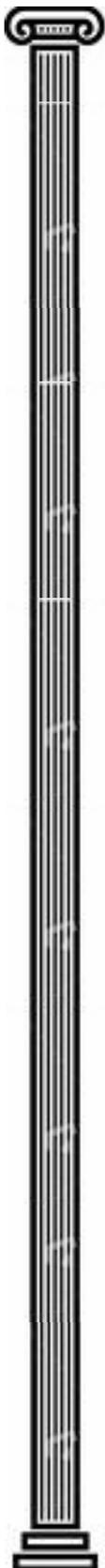
Ser bom é possuir as virtudes morais e praticar atos moralmente bons. Esta prática independe da sabedoria, subordina-se à prudência, à reta disposição, habilidade de escolher e tender para o bem. Depende do homem, pois ele tem a liberdade de escolha: seguir ou transgredir a opção pelo bem apreendido na relatividade dos bens particulares. A liberdade é autodeterminação porque é o intelecto que ordena a vontade. Entretanto conhecer não é necessariamente querer. É a vontade que determina o juízo escolhendo racional e livremente em circunstâncias concretas.

Porém avaliar um ato designando-o moralmente bom ou moralmente mau requer a existência de um valor de medida. O padrão objetivo para julgar o ato humano é a lei eterna. A lei eterna é criada por Deus e está inscrita nas Escrituras. É o projeto de Deus que ordena e dirige todas as coisas para seu fim segundo a providência divina.

O homem, criatura racional, participa em grau menor dessa lei eterna por meio da lei natural, reflexo daquela na consciência humana. Desse modo ele conhece o que por natureza lhe é natural e conforma a vontade para querer consoante as regras da razão. A essência dessa lei se assesta no princípio do visar o bem e evitar o mal.

Ligado à lei natural está a lei humana, feita pelo homem. É o direito positivo, redação jurídica dos princípios, promulgada pela autoridade ou pela comunidade. Esta lei é necessária porque nem todos os homens adequam a vontade ao bem comum e alguns o desrespeitam. Nesse caso cabe a ela inibir o desejo de fazer o mal por meio de sanções coercitivas previstas nos textos. A lei positiva, por ser disposição racional com vistas ao bem comum, se caracteriza por ser justa, em concordância e harmonia com a lei natural – e moral – respeitando a tradição do grupo, é fisicamente exequível e voltada para o bem comum. Ou na lição de Reale e Antiseri:





Se os preceitos da lei humana ou positiva são derivados da lei natural, eles são conhecidos pela razão e estão presentes no conhecimento. Desse modo, a sociedade poderia até não fixá-los na lei humana ou jurídica. Entretanto, nós os encontramos estabelecidos no direito. (REALE e ANTISERI, 1990: p. 568).

A necessidade da lei se relaciona com o princípio da liberdade. Porque muitos homens não fazem uso correto da liberdade, erram e prejudicam os outros, a lei age corrigindo e disciplinando e conformando as ações para a existência de vida harmônica na sociedade.

O pensamento de Tomás de Aquino, inserido no contexto medieval é doutrinário. Teoriza e ensina metodicamente o cristianismo, sem perder o valor de construção racional relevante para a história das idéias. Composição dos valores espirituais a transmitir tem o caráter peculiar de fazer ciência e educar.

A profunda meditação sobre Deus lança em direção a infinitos incompreensíveis à razão e abre para horizontes em que a experiência do eterno se ilumina pela fé. Por isso a associação da filosofia e da teologia. Se a filosofia com seus questionamentos acarreta a crucial incerteza sobre a verdade, a teologia oferece o êxtase da fé pacificadora. A teologia é ciência, é a defesa em que se empenha Aquino mostrando se apoiar também na razão, que parte de princípios, mas é subalterna à verdadeira ciência que só Deus possui e comunica ao homem pela fé.

Dedicando-se aos dois conhecimentos Tomás de Aquino procura Deus, vê o mundo e escuta o homem, vivendo, dessa forma, para a verdade reveladora. E o homem é igualmente digno de investigação por ser criatura submissa de Deus.

O método estipulado caminho reto para a obtenção da verdade é rigorosamente aplicado com precisão e clareza, mas é meio para o conhecimento, não é fim em si. Serve para

a teologia, para a metafísica, para a ética. A especulação metódica e sistemática faz nascer produzir as teorizações modelares produzidas.

Ao eleger Aristóteles guia mais importante que Platão muda os procedimentos interpretativos dos ensinamentos teológicos para os modos mais realistas advindos do estagirita, repropõe as interpretações agostinianas de base platônica e neoplatônica. A atribuição ao conhecimento sensível origem de todo o conhecimento e a separação entre a razão e a fé foram pontos decisivos para as alterações operadas, outorgando a Aquino posição inequívoca na história do pensamento medieval porque as questões que patrocina e enfatiza são vitais para a sustentação do cristianismo com suas soluções racionais e claras. Porém isto não impede contestações e contraposições advindas de espíritos obscuros que obstam as novas idéias.

Aquino não é o último pensador da Idade Média. Outros nomes o seguiram dando prosseguimento à defesa de teses sobre temas variados. Alguns alcançaram prestígio pelo avanço das concepções. Muitos restaram no lugar comum dos destituídos de brilho.

Já no século XIV é nítido o deslustre e o declínio da Filosofia Medieval principalmente pela negligente preparação dos religiosos responsável pela sombra da pouca cultura e dos radicalismos, pela contestação de governantes contra o domínio da Igreja e dos Papas e a discussão nos círculos religiosos caracterizada por disputas sectárias entre as ordens.

O que é inegável e que sobressai no espírito medieval é o valor do método escolástico e o emprego prático nas formas literárias a ele conexas bem como o apreço à atividade científica e educativa ligadas à natureza da filosofia escolástica, síntese dos valores espirituais em que os pensadores da época crêem e transmitem. Em suma, o pensamento da Idade Média é sequência lógica do antigo e fertilidade para o moderno.





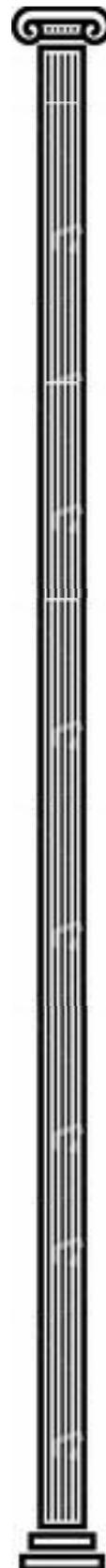
## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçando-se um quadro da leitura da filosofia até aqui proposta, verifica-se que subjaz a toda a investigação o interesse em entender a significação e o sentido do mundo e do homem. O homem é racional e se sente incitado a compreender-se e compreender o universo no qual se situa. Respostas simples, respostas fantasiosas, respostas racionais traduzem o empenho de conhecer e inteligir o que está posto além do aparente e efêmero. É o espírito humano na sua afirmação originária atuando na perspectiva de problematização inerente e mais elementar: seu agir, seu modo de ser. Os arranjos do pensamento influenciados pela situação sócio-político-cultural representam o sentimento de angústia e preocupação diante de acontecimentos que fogem da possibilidade de intervenção do homem, nos quais ele se vê envolvido e interferem em seu viver.

O rompimento do *ethos* – os costumes solidamente arraigados nos valores e tradições do grupo social – e relativização das crenças que servem de apoio, a perda de eficácia das normas e leis abalam a segurança satisfatória. São situações insólitas para as quais não contribui e contra as quais não tem forças para lutar. Sobra então pensar para explicar os acontecimentos porque além de todas as misérias e desencantos, acima de tudo está a inerente e inextirpável finalidade: a felicidade capaz de superar a nostalgia da perda e a tristeza do perdido. Pensar dá ao pensador fazer algo, agir, compreender os eventos e o poder de intentar mudanças.

Para a exposição dos conteúdos da Filosofia Antiga e da Filosofia Medieval escolheu-se a progressão cronológica, em detrimento de outras possibilidades.

Nesse encerramento resume-se o que foi tratado para oferecer um panorama de conjunto.





É por meio do mito que acontece a primordial explicação do homem sobre o mundo e se dá sua relação com os deuses. O mito não é só uma leitura não científica pautada pela ingenuidade porque pretende desvelar o sentido da vida. Verifica-se a configuração humana dos deuses, suas relações ao mesmo tempo promíscuas e conflitantes com os homens. Os deuses representam uma explicação razoável para todas as coisas que oprimem e pesam sobre o homem quando ele não consegue compreender o que lhe acontece. Criados à imagem e semelhança dos homens os deuses se fazem presentes e ao mesmo tempo distantes em sua divindade e imortalidade. A presença dos deuses é algo vital. Por meio deles o homem experimenta o sentido do sobrehumano e atende à aspiração humana de um absoluto, do permanente. Este modo de entender se antecipa ao pensar racional sem ser irracional, tem lógica e verdade *sui generis* que não deformam o real, o figuram segundo uma visão do mundo inscrita na cultura. O mito transmite conteúdos normativos e educativos que resguardam o *status quo* e têm o objetivo de fazer o homem ser melhor. O mito é o espelho no qual ele se enxerga inserido na unidade do cosmos e é o primeiro discurso revelador do mundo relatando o imemoriável, a experiência do sagrado.

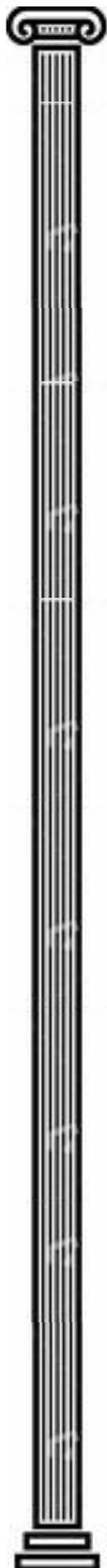
Tratando-se da filosofia pré-socrática fez-se uma rápida apresentação de alguns pensadores dessa época. Reunidos por estudiosos posteriores nas chamadas escolas, têm em comum o propósito de explicar o universo de maneira mais autônoma, sem a influência dos deuses míticos. Ficam absorvidos nesse mesmo universo encontrando nele a *arké*, a origem e propõem a endogenia por entenderem a natureza dotada de força intrínseca capaz de gerar por si. Transformado em objeto do pensamento, o mundo não mais causa medo só curiosidade de descobrir a lei unitária regente de todos os fenômenos. Verifica-se a permanência do mesmo propósito da fase mítica, de

encontrar o sentido para as ocorrências ao redor do homem. O homem não é foco de interesse em particular porque é um componente da natureza. Os pré-socráticos introduzem conceitos tais como a *physis*, o *deivir*, o *logos*, o ser e o átomo, mantendo-se no mesmo propósito de conhecer, de descobrir a verdade real por meio da atividade intelectual, modo invencível de ser pensante.

Com Sócrates o humanismo entra na filosofia. Não são as coisas do universo que têm importância. Essencial é o homem. Compreende-se assim a ênfase de Sócrates na valorização do conhecimento de si, no aperfeiçoamento individual por meio do despertar do saber adormecido dentro de cada um. Sócrates acredita no homem e só isso justifica o destaque que recebe na filosofia. O homem Sócrates vive obedecendo à voz interior que o orienta a viver cumprindo a missão de tornar os homens melhores, incitando-os a fazer sair de si os conhecimentos adormecidos e praticar a virtude. O sentido da verdadeira vida é conquistar a felicidade inseparável da virtude e do conhecimento. Seu grande legado é ensinar a ser bom e viver e morrer pelas próprias convicções.

Assistindo a derrocada da democracia e a desmoralização que se expande, descrente com a inconsistência dos ensinamentos sofísticos, Platão, de discípulo de Sócrates, se transforma em mestre de uma filosofia negadora do relativismo. Eleva-a para um patamar metafísico no qual define o fundamento de todas as coisas, a imutabilidade e a perfeição primeira subsistente no Mundo das Idéias. O homem procura a sabedoria por amor. O amor é ao mesmo tempo indigência, carência e desejo, aspiração da essência do Bem. A ascensão dialética é o meio disponibilizado para o homem superar a prisão representada pelo apego às coisas materiais imperfeitas e atingir a sabedoria, de subtrair-se das incertezas e conquistar a autarquia, o governo de si. O conhecimento é o fator





determinante no aprimoramento do homem para se tornar apto a governar. A *Pólis* platônica é um Estado Ideal. Nele as funções são distribuídas de acordo com as aptidões e o grau de aperfeiçoamento atingido por cada um. Nesse Estado os sábios devem governar para educar os homens, ensinando-os a serem bons. A educação é o caminho que conduz do vazio do não saber à contemplação das essências ideais.

Aristóteles traz o idealismo platônico para o interior do homem, para a razão. O conhecimento é possível. É extraído das coisas sensíveis pelo homem que pensa. Cataloga as ciências em teóricas, práticas e poiéticas. As primeiras, ciências de rigor, foram tratadas na metafísica. Consegue na metafísica dar solução às indagações colocadas por seus antecessores desde a pré-socrática. Ocorre que os mesmos problemas se repetiam com algumas variações. Pensando-os define um estatuto conceptual e equacionador. As doutrinas de essência-existência, ato-potência, substância-acidente, ser necessário e ser contingente respondem satisfatoriamente aos problemas do devir e do ser, do mutável e do imutável, do particular e do universal. No estudo das ciências práticas, a ética e a política, constata serem inseparáveis. Enquanto a ética atende o agir do homem individual, a política analisa a vivência em conjunto ou política propriamente dita. Elas são reciprocamente complementares: o homem individual é um componente da *Pólis* e a *Pólis* é o conjunto dos indivíduos, das famílias, das comunidades. A *Pólis* só é excelente na medida em que cada um de seus membros agir da melhor forma e os indivíduos só serão bons se a *Pólis* oferecer condições para tanto. A ética é então um tratado sobre a excelência dos indivíduos e destaca a prudência como virtude do homem bom e a vida política a necessária para a consecução da felicidade.

O Helenismo nasce num período de dissolução dos sustentáculos culturais e de ordenações sócio-políticas

resultantes de justaposições díspares. A reflexão ética se ergue e ensina receitas práticas para viver feliz no meio do caos social. O pensar dedica-se a catalogar regras de viver sem sofrer. Os filósofos helenísticos abandonam a metafísica e o ponto alto dos seus ensinamentos é a ética. O homem está só e de suas decisões pessoais depende o estabelecimento do melhor viver.

Os estóicos ensinam a apatia, o exercício para evitar se deixar afetar pelas coisas que perturbam a alma. Só os indiferentes são objeto de escolha porque bem e mal são noções comuns que o homem tem naturalmente.

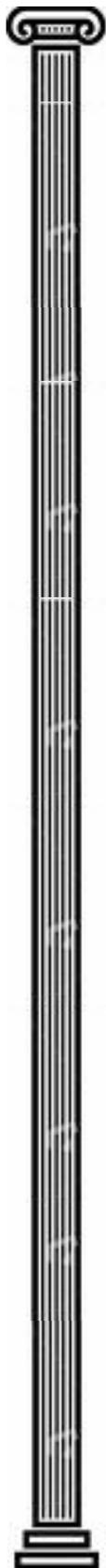
Os epicuristas ensinam a ataraxia, a imperturbabilidade para orientar a vida ética. O homem sensato escolhe só as coisas naturais e necessárias como forma de ter o maior prazer com a menor quantidade de dor. O exercício que o epicurista pratica é a conformidade da vontade para escolher bem os prazeres desejáveis e evitar os indesejáveis, causadores da dor.

A importância do pensamento de Plotino está em ter reassumido a dualidade entre o mundo sensível e o inteligível que transcende a materialidade, porque é em si. O Uno está acima de todas as coisas, não é nenhuma delas e não se confunde com elas, porém é o princípio absoluto do qual tudo provém por emanção e a todas as coisas retornam. A suprema felicidade é atingir o êxtase no qual se manifesta já a exigência religiosa.

Os ensinamentos de Cristo, pregando humildade, amor, doação introduzem elementos insólitos na cultura grega e helenística desconhecedoras desse modo de pensar e se relacionar com os demais.

A filosofia Patrística se empenha na defesa dos princípios do cristianismo num período em que a religião cristã via seus ensinamentos contestados externa e internamente. Dentro desta corrente Agostinho destemidamente expõe o alcance das convicções religiosas





quando servem para sustentar a vida e o espírito perdidos no embate entre a materialidade e a transcendência, entre a perdição do mundo e o repouso na paz divina. O homem é dotado de livre arbítrio, porém depende de Deus. Aí a filosofia foi reduzida à serva da teologia.

Na escolástica o empenho é em educar e fundamentar racionalmente a fé. Desenvolve-se precisa metodologia de trabalho dando ao raciocínio instrumental prático que eleva o pensar ao patamar da ciência. A filosofia oferece argumentos para ancorar os ensinamentos religiosos colaborando com a teologia. O homem encontra regras de vida na lei eterna que se concretiza de modo prático na lei humana.

Portanto, constata-se que a Filosofia Antiga e da Idade Média deixam à história do pensamento, além do apreço à capacidade e ao desejo do homem de conhecer, o naturalismo dogmático dos *physicoi*, os físicos; o materialismo dos atomistas; o idealismo platônico, o realismo aristotélico; o sensismo dos epicuristas; a apatia dos estóicos; a religiosidade e o espiritualismo dos Padres da Igreja, o metódico emprego da investigação na filosofia e na teologia dos escolásticos e o dogmatismo de toda Idade Média. Lega a lógica, a física, a metafísica, a ética, a estética, a política e a teologia. Em uma linha horizontal ela transita dos deuses a Deus tratando de questões atemporais instigantes causadas pela inquietação que as relações intrínsecas do social e do subjetivo fazem nascer. Sua herança: a fé na racionalidade, a convicção do valor da reflexão e o método investigativo. O sentido de todas as coisas, sua ordem e beleza harmônica estão ao alcance do homem.

Estes são os pilares sobre os quais se edificou a filosofia de todos os tempos. Inegável é que todo o concebido e ainda sendo concebido hoje tem raízes no solo da Filosofia Antiga. Por enxertos, por ramificações ou transplantes os pensamentos posteriores inscrevem-se no

chão fértil que a antiguidade preparou. O que vem depois são frutos. Toda boa raiz produz uma planta que por sua vez produz frutos, muitos frutos. Nem todos são saudáveis. Alguns caem antes de se desenvolver, outros estragam antes do pleno desenvolvimento, outros resultam viçosos. A metáfora é aplicável à história do pensamento. Muita foi a produção, também muita a perda, mas há colheita. Ficaram as plantas saudáveis que vingam e dão frutos até hoje. Por conseguinte, as observações dos pensadores delineiam sempre o posterior encadeamento do processo discursivo da filosofia.





## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. *O livre arbítrio*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

ARENDT, H. *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

ARISTOTE. *Les Politiques*. Traduction et presentation par Pierre Pellegrin. 2. ed. Paris: Flammarion, 1993.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 2.ed. Brasília: EDUNB, 1992.

\_\_\_\_\_. *Metafísica*. Madrid: Gredos, 1994.

BARNES, J. *Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 2001.

BORNHEIM, G. *Os filósofos pré-socráticos*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

\_\_\_\_\_. *Filosofia de las formas simbólicas*. El pensamiento mítico. 1. Reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1979.

CHÂTELET, F. (org.) et al. *História da filosofia: idéias e doutrinas I: A filosofia pagã*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. *História da filosofia: idéias e doutrinas II: A filosofia medieval*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DUMONT, J. P. *A filosofia antiga*. Lisboa: Ed. 70, [1986].

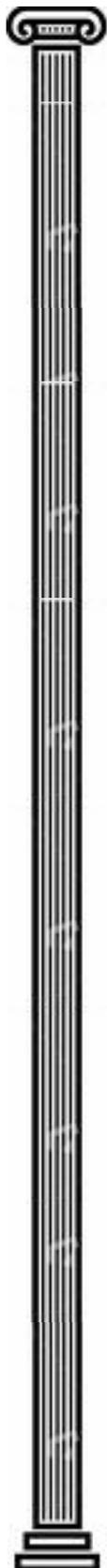
EPICURO. *Carta sobre a felicidade*. A Meneceu. São Paulo: UNESP, 1997.

GUTHRIE, W. K. C. *Os filósofos gregos de Tales a Aristóteles*. Lisboa: Presença, 1987.

\_\_\_\_\_. *Os sofistas*. São Paulo: Paulus, 1995.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.





PLATÃO. *Diálogos I* – Apologia. 1.ed. 7. reimpressão. Madrid: Gredos, 2003 (1).

\_\_\_\_\_. *Diálogos III* – Fédon, Banquete, Fedro. 1.ed. 3. reimpressão. Madrid: Gredos, 1997.

\_\_\_\_\_. *Diálogos IV* – República. 1.ed. 4. reimpressão. Madrid: Gredos, 2003 (2).

\_\_\_\_\_. *Diálogos*: Teeteto, Crátilo. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2001.

\_\_\_\_\_. *Parmênides*. São Paulo: PUC-RIO/Loyola, 2003.

PLOTINO. *Do amor*. Bauru: Edipro, 1996.

REALE, G. e ANTISERI, D. *História da filosofia I*. São Paulo: Paulus, 1990.

SCIACCA, M. F. *História da filosofia I*: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Mestre Jou, [1967].

VERNANT, J-P. *As origens do pensamento grego*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.